COMEDIA DO CAMPO

A cantadeira

POR

TEIXEIRA DE QUEIROZ

Socio effectivo da Academia das Sciencias de Lisboa

1913

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta, 44 a 54

LISBOA

mira infeira gueira

COMEDIA DO CAMPO

A CANTADEIRA

TYPOGRAPHIA DA PARCERIA
ANTONIO MARIA PEREIRA —
RUA AUGUSTA, 44, 46 E 48 —
* * * LISBOA * * *

Parceria Antonio Maria Pereira

Livraria editora

RUA AUGUSTA — 44 A 54

LISBOA

OBRAS COMPLETAS

DE

TEIXEIRA DE QUEIROZ

COMEDIA DO CAMPO (romances e contos):

I — Contos — 1 vol. (esgotado; entrará brevemente no prelo a 3.ª edição) .... 500 réis
II — Amor Divino — 1 vol. (esgotado; entrará brevemente no prelo a 2.ª edição) .... 500 »
III — Antonio Fogueira — 1 vol. .... 500 »
IV — Novos contos — 1 vol. .... 600 »
V — Amores, amores .. — 1 vol. .... 600 »
VI — A nossa gente — 1 vol. .... 500 »
VII — A Cantadeira — 1 vol. .... 600 »

COMEDIA BURGUEZA (romances):

I — Os noivos — 2 vol. (2.ª edição refundida; com o retrato do auctor) .... 1$000 réis
II — O Sallustio Nogueira — 2 vol. (2.ª edição refundida) .... 1$000 »
III — D. Agostinho — 1 vol. (existem poucos exemplares) .... 600 »
IV — Morte de D. Agostinho — 1 vol. .... 600 »
V — O famoso GALRÃO — 1 vol. .... 600 »
VI — A Caridade em Lisboa — 2 vol. .... 1$000 »
VII — Cartas d'amor — 1 vol. (2.ª edição corrigida) .... 600 »

ARVOREDOS — (Contos escolhidos, edição diamante, com estampas), br. 800 rs., encadernada .... 1$100 réis

---

ESTUDOS PSYCHOLOGICOS E SOCIAES:

I — As minhas opiniões — 1 vol. .... 600 réis

THEATRO: O Grande Homem, comedia (esgotada).

NO PRELO:

As minhas opiniões — 2.º vol., formado d'artigos ácerca de homens fallecidos e estudos litterarios.

COMEDIA DO CAMPO

A cantadeira

POR

TEIXEIRA DE QUEIROZ

SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA

1913

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta, 44 a 54

LISBOA

La plupart des drames sont dans les idées que nous nous formons des choses. Les événements qui nous paraissent dramatiques ne sont que les sujets que notre âme convertit en tragédie ou en comédie au gré de notre caractère.

H. de Balzac — *Modeste Mignon.*

A CANTADEIRA

I

Após um fogo, preso e do ar, que merecera gabos de muita gente e que fôra excepcionalmente subsidiado por um brazileiro, havia pouco chegado á freguezia, rompera uma manhã deslumbrante d'agosto. Era uma gloria de Deus, essa atmosphera limpida com um ceu de lyrio palido, mostrando-se antes do romper do sol, por entre as cristas graniticas do monte sobranceiro á egreja. O milagroso S. Roque, mais uma vez ia receber homenagens dos romeiros, que de longe vinham trazer-lhe as suas promessas. Se nem todos sentiam a mesma devoção, vinham todos com egual alegria festejal-o e os bandos esturdios entravam com algazarras festivas no terreiro da egreja aos pulos, dançando e cantando. Os ruidos e movimentos desencontrados, taes como nas cheias de inverno nos rios estreitos, tinham rodopios e refluxos, que formavam o me-

lhor da romaria. Já antes do meio dia o calor era forte, n'esse dezeseis d'Agosto glorioso. Os carros de melancias e as pipas de vinho principiavam a ser procuradas sob as carvalheiras frondosas. Os homens da limonada, que a offereciam *fresquinha*, serviam as madamas de gardasolinho e mantilha. As raparigas palreiras, que vendiam tremoços com azeitonas, andavam pelo meio da gente, com o seu pregão, de alguidar á cabeça. A rua do meio do largo, balisada pelas barracas de lona dos quinquilheiros, ourives e doceiras, e pelas mesas de rosarios, veneras, imagens e estampas religiosas, era o centro fidalgo e plutocrata. O barulho ali era menor, fallava-se mais comedidamente e pagava-se com dinheiro em prata. As mulheres que a frequentavam, eram na sua maioria de lenços de seda furta-cores na cabeça e roupinhas de panno com faiscantes vidrilhos, e os homens de quinzenas bem talhadas, chapeus moles e alguns de bengalas encastoadas. Esta romaria era uma das mais falladas da redondeza: farta de comida e fruta, o vinho sahia alegre e rascante do bojo estreito dos cascos. O abbade mostrava-se sempre esmerado na festa do seu orago: tinha bom côro; missa cantada a tres padres, com mestre de ceremonias e confrarias sizudas; e o famoso sermão do padre João Pitança, que o prégava havia uns quinze annos. A egreja era exigua para a concorrencia dos romeiros. Porem as coisas arranjavam-se satisfatoriamente; porque a maioria apenas entrava a porta principal, para deixar na bandeja a sua esmolinha ao santo mais pequeno, que lh'a recebia sorridente, em quanto o maior, o ver-

dadeiro S. Roque venerado, esse estava na capella-mór recebendo as homenagens dos festeiros e do clero.

A atmosphera ali era calida e tão espessa que se poderia apanhar ás colheradas. Se o lume fôra branco haviam de ver subir lavaredas dos corpos dos devotos, que assistiam á missa. As calvas lusidias dos sacerdotes do altar e do côro estavam ponteadas de camarinhas de suor, que elles esborrachavam ensopando os seus lenços d'Alcobaça. As ondas sonoras que sahiam das boccas escancaradas dos cantores, do trombone, do figle, dos clarinetes e das flautas, deviam andar aos encontrões n'um ar tão misturado de poeira e suór. Ali dentro estuava-se positivamente e cá fóra, no adro, o calor era de fornalha. Porém a festa ia correndo, ao parecer, a contento de todos: o celebrante e seus acolytos, cobertos de suas vestes ricas, davam garbosamente a deixa aos da orchestra, que lhes respondiam com voz sonora e tão alta, que se ouvia a mais de tresentas varas de distancia. Antes do meio dia começara ao pregador o costumado sermão, recebido com o agrado de sempre. A' *gloria*, entoada e ouvida com alegria, os animos sentiram-se enlevados e contentes. O *offertorio* depois do *credo* trouxe aos corações maior tranquillidade e respeito, apesar do barulho ao fundo da egreja, com as continuas entradas e sahidas. Ao *agnus dei*, a musica d'esperança, retumbante e vistosa como a da *gloria*, fizera entrar em todos os peitos grande consolação e no final ao *benedicat*, depois da communhão, os mais apressados e menos religiosos começaram a debandar, com a curiosidade que tinham de ver o que

se passava cá fóra, onde o ruido das esturdias galhofeiras, dos descantes e das musicatas augmentava a todo o instante.

Ficaram apenas as pessoas devotas, tementes a Deus, gente velha e antiga da freguezia, alguns fidalgos pobres e beatas partidarias dos missionarios. Os das confrarias, de opas e mãos erguidas, conservaram-se attentos até ao fim, para acompanharem os padres, á sachristia, finda a missa. O rapasio, retirado na torre, como em fortaleza medieva, repicava os sinos com abundancia. Já quando fôra do *erguer a Deus* e que o sachristão viera ao meio do adro acenar-lhes com o lenço vermelho, para lhes dar o signal, a coisa fôra vistosa; mas não se alargaram, quanto desejavam, com mêdo de perturbarem a festa e receio do abbade a quem temiam por causa da bengala. Porem agora que na egreja tudo estava concluido, sentindo-se livres, foi uma grazinada de sinos espaventosa, turbulenta, de energia e singular vigor para levar contentamento a toda a romaria e fazer pulsar alegremente os corações mais cançados. O esforço e enthusiasmo terminou em desordem; porque todos se julgavam com direito á posse das cordas para o repique final. Houve murros, pontapés, queixas e choros que o sachristão, o tio Zé Cernateiro, foi apasiguar, á sua moda, sopapo n'um, cachação n'outro, encontrão n'este... e a ameaça formal de acabar com os sinos e de guardar a chave da torre, para que ninguem mais ali entrasse sem sua licença.

— Seus malandros! — gritava — seus burros! seus malcreados! que os deito pela sineira fóra, e nunca

mais aqui me põem o cú! Nem o dia d'hoje respeitam, o dia do nosso orago!

Perante aquella ira, que os podia prohibir do regalo dos sinos, todos se callaram, apparentemente reconciliados. Por traz do sachristão ameaçavam-se com gestos, adiando para melhor oportunidade a desforra; mas n'este momento submetteram-se cordatos com o fim de continuarem a tocar.

*

* *

O celebrante, que era o proprio abbade, homem excessivamente gordo, sentira-se quasi abafado durante a ceremonia, por causa do grande calor. Na primeira parte da missa até *santos* já lhe custara a engulir o *credo*, que fôra muito garganteado pelo Alexandrinho, e tambem o sermão, que este anno o padre Pitança estendera mais do que o costume. Porem ainda esbracejára abundantemente, como se estivera na residencia em mangas de camisa; mas na *paixão* e na *consagração*, vendo-se mais opprimido pela importancia do *canon* n'esse ponto, sentiu-se agoniado e quasi a desfallecer. Mal podia respirar e a vista chegou a turvar-se-lhe. No final, retirou-se do altar compostamente, entre os acolytos, com o mestre de ceremonias á frente, as mãos postas, murmurando resas e assim entrou na sachristia, precedido das confrarias. Porem lá por dentro ia uma polvora! Ainda se desvestiu socegadamente, dobrando a pesada casula e a estola que beijou reverente; já desatou, com

certa impaciencia, o cordão, emborcando pela cabeça a alva, ajudado do sachristão. Logo que collocou o amito e fez a reverencia á imagem de Jesus crucificado, que estava sobre o amplo gavetão e purificou os dedos no modesto lavabo, que estava a um canto, voltou-se para todos e desabafou:

— Irra! que não posso mais! Uma missa comprida como d'aqui a Braga. Nunca me vi tão afflicto a celebrar. Um calor de seis centos, como nunca senti. E aquelles meninos do córo, com uns vagares, a estenderem, a estenderem...

N'este momento entrou na sachristia o gabado tenor Alexandrinho, um magrizellas que uma rabanada de vento podia levar e o abbade disse-lhe:

—Você canta bem, lá isso canta; mas é um grande maçador! Aquelle credo levou-lhe meia hora bem puxada! Eu a suar em bica e com um nó na garganta, que não sei como depois lhe pude entoar o *sanctus* e você a gargantear... a gargantear... tralaró... tralaró... Parecia mesmo uma madama no theatro...

— Mas, reverendo abbade... — procurava justificar-se o cantor...

— Historias, meu amigo, historias!... Você, dois arrateis de carne, que nem tem sitio para a biqueira d'uma bota, está bem: mas eu, um homem assim (e mostrava a sua magestosa corpulencia), um homem que pesa por vinte de você!.. Eu bem sei onde lhe mordia, amigo, é que estavam ahi as de Refuinho e quiz brilhar, é o que é. Mas estão na tinta para si, que-

rem coisa de mais sustancia... E demais a mais eu em jejum natural e já passa das duas...

O tenor ainda quiz desculpar-se com as exigencias da partitura, mas o abbade cortou-lhe a palavra:

— Historias, amigo, historias... Você é um grande maçador, o que quiz foi brilhar.

Interveio o padre João Pitança em favor do censurado:

— Mas é que o Alexandrinho...

O abbade tapou-lhe a bocca:

— Tambem tu, com o teu palavriado estiveste de respeito. Era um nunca acabar. Foste muito mais comprido do que nos outros annos. Não sei que mosca te mordeu. Este nosso S. Roque tem-te rendido... Ora vocês que não são como a outra gente!? Se não fosse a solemnidade do dia dizia-te de cá: Acaba com isso que estou em jejum! Uma estopada d'estas é de arrasar um christão. Ora, deixem-me amparar o cadaver com este caldinho e copo de Porto, que me sinto desfallecer... Mandou m'o o Araujo, o nosso novo brazileiro e declaro-lhes que é de *chupeta*... Logo vereis.

*

* *

Cá fóra, na turbulencia da romaria eram desconhecidos os incommodos do abbade, derivados do calor e da sua obesidade. A bulha alegre e sonorosa do povo crescia, forte e ampla como o rumor das aguas vivas do equinocio, quando a leve espuma fluctua na crista

das ondas. A todo o momento chegavam novos romeiros, em ranchos vistosos, como codornizes aos bandos para suas festas d'amor. Este nosso S. Roque, confessor de terceira ordem, sem grande representação celestial, recebia n'esta região, por costume consuetudinario e inclinação da alma collectiva, carinhoso respeito. O padre João Pitança, com o seu fallar campesino, popularisara-lhe o nome e a fama de peregrino e caridoso. A eloquencia trivial e bonacheirona do sacerdote portuguez, especie de conversa á lareira, contava episodios suspeitos de inverosimilhança, ácerca d'esta imagem de pobre caminheiro, meio nú e de barba hirsuta. O santeiro, por seu lado, tambem falsificara a legenda, dando-lhe olho bregeiro de tunante pascacio. Elle fôra apenas pressuroso alliciador do sacrificio humano em favor dos doentes de peste; mas, o esculptor travesso, ideara-lhe physionomia alegre e os do povo habituaram-se áquella expressão de excellente companheiro do seu folgar, dando-lhes vontade de o tratar por tu, o que fariam livremente se não fôra o respeito devido ás coisas sagradas. Esta imagem não lhes mettia medo, como as d'outros santos carrancudos, com a vida cheia de milagres e martyrios. O bom padre Pitança, homem trivial, mas de imaginação alegre, bordava anecdotas ácerca do cão, fiel companheiro do misericordioso amigo dos pestiferos, que elle procurava avidamente nas cidades infectadas. Era esse animal submisso e intelligente que lhe ajudava a procurar doentes, e encontrava-lh'os nos logares mais escondidos e desertos. O perdigueiro tinha o seu fáro,

que, por influencia divina, applicava assim á caridade, servindo-lhe para denunciar pestosos, em vez de fazer saltar as aves de Deus, para as offerecer á crueldade de seu amo Gothardo, homem vão, convertido por S. Roque. O milagre do pão, que o rafeiro furtava da mesa fidalga do patrão, para o levar aos pés do santo encerrado n'uma gruta e victima do mal que curava, transformava-o o nosso conhecedor de eguas andadeiras (*vidé*, o padre Pitança, no *Antonio Fogueira)* n'um acto derivado do grande poder da vontade divina sobre o coração puro do animal. Não era só pão vulgar para o corpo, mas tambem pão d'oiro para a alma. «Por isso, — dizia cubiçosamente o sacerdote, que tambem era caçador, — nunca deveis tratar mal os animaes, mormente os cães de caça; porque do seu maravilhoso instincto, se serve o Altissimo para as suas obras divinas.» E procurando, não se sabe bem como, uma filiação a S. Roque, pela qual se via que seu pae fôra devotado enfermeiro na grande pratica da assistencia aos doentes, exclamava na sua voz pastosa, mas sincera: «E' um heroe, filho d'outro heroe, heroe po'raça!» Vá á conta da sua bondade nativa esta cacophonia, que eu não teria engenho para a inventar.

Já era terminada a missa, quando se sentiu grande reboliço na romaria. A curiosidade do povo foi provocada e uma grande corrida de gente se deu para o lado onde o caso se passava. Eram os da *Cerda*, os afamados tocadores da *Cerda* que chegavam, com a sua musica d'arromba em que figurava grande diversidade de instrumentos — dois cornetins, um serpentão, o con-

trabaixo que carregava um homem, quatro clarinetes soprados com furia, duas flautas, algumas violas, a esperta caixa de rufo e um zabumba tocado por um valentão, mais barbado que S. Roque. Cheios de prosapia entraram no terreiro, onde estavam os seus rivaes da *Rabiosa*, esperando-os como para combate. Os da *Cerda*, arrogantes e pimpões abriram caminho na multidão compacta e appareceram impetuosos e de cara erguida. Porem, mais do que a fama dos tocadores da Cerda, provocara tamanha curiosidade, em moços e moças, o dizer-se que com elles vinha a Rita Canaria, a melhor e mais gabada cantadeira d'aquelles sitios. Raparigas para cantar havia muitas, como ella nenhuma. Voz de timbre sonoro, figura esbelta, resposta prompta no desafio... Rita adquirira fama que causava ciumes, e augmentava a importancia da sua aldeia. Por isso dizia um mocetão para outros:

— Temol-a armada! 'Sta'hi o Santinho com os da Rabiosa e os homens pegam-se. Elle é velho, mas chega p'rá rapariga. Isto não passa sem môlho...

Era o sentir geral.

II

A Canaria era rapariga guapa, de ancas roliças, saias ondeantes com o movimento dos quadris no andar, cabeça sempre firme, de olhar atrevido e labios desejosos. Inveja das outras, novas como ella, recebia quando passava, nas feiras e romarias, palavras de requebro. Vinha agora toda garrida, com seus oiros pendentes das orelhas e do pescoço, offerecendo-se ás vistas interessadas. Sobresaltava os corações dos moços, e affrontava os meritos das da sua egualha, que a desmereciam com desdens. O seu defeito, se o é aos vinte annos, era ser muito namoradeira; contavam se já por dezenas os derriços que tivera. Acompanhando a musica da Cerda, como sua bandeira, ao lado do Chico da Mó, o seu preferido d'agora, enchia a festa do milagroso S. Roque com a sua fama de repentista e a sua presença garbosa. O namorado caminhava ancho, empunhando o varapau argolado, chapeu levantado na testa, para que todos lhe vissem a cara um tanto maci-

lenta. A multidão abria-lhes caminho, que os recem-chegados seguiam em accelerado, até á porta da egreja, onde pararam tocando em homenagem ao santo. Terminada esta marcha imponente, callados os instrumentos, todos entraram respeitosamente no templo, cujo patrono reverenciaram na imagem que estava á porta recebendo as offerendas, isto antes de se pavonearem pela romaria. Durante largos minutos não se fallou em todo o terreiro d'outra coisa:

— São os da Cerda e a Rita cantadeira...

Até os sacerdotes, gente comedida e mais reservada, vieram ao adro apreciar o acontecimento e com a sua presença louvar a musica novamente chegada, não se tendo o abbade, ao ver-lhes depositar a esmola na bandeja, que lhes não dissesse:

— Muito bem, rapazes! Grande afinação e grande devoção! Preito a S. Roque no dia da sua festa, primeiro que tudo, depois toca a divertir. Assim é que é!...

Mal acabara o louvor, acompanhado dos acenos concordantes de cabeça dos outros padres, logo a Rita lhe desfechou:

> Viva lá senhor abbade,
> pessoa de muita feição,
> que nos dá a penitencia,
> antes da absolvição.

Gargalhadas e applausos do clero e do povo, que riu á farta, não se poupando o visado a responder:

— E dou-a para ser cumprida! Porque, senão, lá está a caldeira de Pedro Botelho para vos engulir.

A romaria tomara agora feição mais festiva e galhofeira. Havia interesse e correrias de todos os lados para ver a Rita. Alguma coisa de novo apparecia aquecendo a alma popular. Tambem pelas conhecidas e frequentes rixas entre os da Cerda e os da Rabiosa, por causa das suas musicas, qualquer acontecimento perturbador se receiava. O da Mó, rapaz alto, magro e bom jogador de pau, creara fama de pimpão e desordeiro. O Manoel Rinchoso, que tinha suas contas a ajustar com elle, estava ali e mais 'l'amasia, e logo se foi pôr ao lado dos da Rabiosa, dizendo ao mestre da musica a quem offereceu uma pinga:

— Has de tocar á vontade, home! Elles não engolem gente e emquanto houver dois braços para jogar este (pôz em evidencia o seu lodão ferrado d'amarello) não haja mêdo. Elles são como os outros.

Mas era sabido e acceite, que os da Cerda como tocadores e a Rita como cantadeira não tinham rivaes capazes de os affrontar, o que, por ser verdade, mais quisilava os seus inimigos, azedando-lhes os animos e pondo-os em estado aggressivo. Por isso a inquietação dos espiritos prudentes, tinha sua razão de ser.

*

*   *

Lá ia a Canaria ovante e orgulhosa cercada de muita gente! Rapariga de aspecto agradavel, talvez um pouco soberbona por causa dos beiços grossos, tinha côr de saude, que bemdizia a vida do campo. O seu natural

era exhuberante, o seu genio um tanto mordente, porem a alma inclinava-se-lhe ao riso benevolo. Orgulhosa do seu condão repentista, sentia ferver o peito com as victorias do estro, mórmente quando os applausos da turba a enthusiasmavam. Ao desafio era de temer, nunca deixava cantiga sem resposta, e até procurava beliscar o adversario com baldas certas, pondo-lhe os defeitos á vista. Agudava-se-lhe a inspiração na peleja, mas finda a lucta não conservava resentimentos. O valor do improviso augmentava-lhe a seducção da formosura; as suas cantigas de piedade á Virgem, de quem era devota, tinham doçura, meiguice e religião. Porem exaltava-se com os gabos do povo, que muito lhe queria, ás vezes não poupando, nem o celestial, principalmente quando fossem santos amigos e familiares, como este S. Roque, que o padre Pitança trivialisara com anecdotas picarescas, que lhe diminuiam a austeridade da vida impeccavel. Por isso ia cantando pelo terreiro fóra, depois que se apartara da egreja:

Este querido S. Roque,
com sua barba chibante,
fazia curas ás moças
de que seria gostante.

C'o seu cãosinho ao lado,
correu o mundo inteiro;
á procura de doentes,
sem que levasse dinheiro.

— Demo de cachopa, que nem os santos lhe escapam — commentava o regedor. Mas o nosso amigo

Roque, com aquelle olhinho bregeiro que Deus lhe deu, havia de ser dos bôs.

No largo outras esturdias se ouviam, cantorias acompanhadas de violas, clarinetes e harmoniuns: era a *Caninha verde*, o *Regadinho*, os *Olhos de Mariannita*, o *Canavial das cannas* e outras. Deante da Rita appareceu um rapasola de longe, que ella não conhecia; mas que a desafiou com a conhecida cantiga dos *Olhos negros*:

Menina dos olhos negros,
Ardo por ti de paixão;
Menina dos olhos negros
Queres tu meu coração?

Como tu não ha na terra,
Tão linda, tão bella flôr;
Menina dos olhos negros,
Queres tu o meu amor?

Ao que ella retorquiu com o *Vae-te embora Antonio:*

O' Antonio vae-te embora,
Por Deus não fiques aqui;
Que se meu pae por 'hi vem,
Não sei que será de ti.

Antoninho cravo d'ouro,
Não vás tu ao meu pomar;
Que te querem dar um tiro,
Que te póde matar.

Crescia assim a nomeada e importancia dos da Cerda com a sua cantadeira applaudida, e do mesmo passo augmentava a raiva e o azedume nos da Rabiosa. O animo do Manoel Rinchoso, nos despiques com o da Mó, não podia sofffrer de boamente esta victoria dos inimigos da musica da sua aldeia e foi ter com o Zé Santinho, que se afastara receioso da rapariga... Puxando-lhe por um braço, á boamente lhe disse:

— Vem home, que ella não é coisa de 'spantar. Com duas cantigas bem tesas, has de lhe metter a falla ao bucho.

— Não, não — respondia o outro — estou velho e não me quero metter em dansas. Isso é p'ra vós que sois rapazes... Cá 'stou velho.

— Ora bebe uma pinga p'ra te dar corage a esse peito. A gente havemos d'ir p'ra casa, com caras de monos, como bois cangados ao carro?

O cantador insistiu:

— Não 'stou p'rá 'quellas. O da Mó vem c'o a moça e se ella me pucha eu digo-lh'as...

— Quant' a isso, Zé, podes vir — excitou o outro pondo em evidencia o pau ferrado. Nunca tive mêdo d'home. Coisa do outro mundo ainda me porá os cabellos em pé: home não.

Outros vieram em reforço do Rinchoso:

— Parecemos melengas. Um pau vale o outro. Até se hão de rir de nós.

— Então os da Rabiosa hão de ir p'ra casa, de cornos baixos como vaccas pr'o açougue?! — excitou um terceiro.

— Não tem geito nenhum — concluiu o Rinchoso agarrando o Santinho pelas bandas da vestia azul. Vamos lá...

Levaram-no quasi á força. Abriram caminho por entre a massa compacta do povo, que cercava a Rita e apresentaram o popular poeta da Rabiosa, deante d'ella, inopinadamente, com geito de evidente provocação. Este apparecimento foi celebrado com accentuado murmurio, que era, ao mesmo tempo, applauso. A Rita cantava, acompanhada por duas violas, a moda tão vulgarisada no norte o *Afasta, janota, arreda*,

Tenho na saia
fita da moda,
afasta janota
da minha roda.

Tenho na cabeça
um lenço de seda,
afasta janota,
ó janota, arreda.

quando o Santinho appareceu empurrado pelo Rinchoso e por outros. Logo se calou a rapariga e após poucos instantes de concentração desfechou-lhe esta:

Jesus que vejo ali,
perto da Th'reza moleira;
é um home lá de baixo,
todo teso de chieira.

Era claro o desafio e o commentario da turba foi uma gargalhada de approvação. Thereza, a moleira do Sardão, estava realmente ao lado do Zé Santinho e designada pelo improviso da Rita, disse:

— Dianho da moça, que até por mim tira!...

N'este momento, n'uma nova esturdia que passava, um rapaz de voz esganiçada, ia cantando alegremente o conhecido estribilho:

....
....
Toma o limão verde,
ó da fresca limonada!...

III

Estava aberta a contenda entre os da Cerda e os da Rabiosa. Ninguem podia illudir o proposito, em que uns e outros, tinham vindo, de se pegarem. O conhecido improvisador Santinho, era um velho magro, todo barbeado como clerigo, e calvo como um sachristão. O seu beiço fino e ironico, o seu olho, redondo e vivaz, como que entrava pelas pessoas. Empallideceu sorrindo deante do repto da Rita; tirou do bolso da vestia um lenço de panninho com que limpou o nariz e os labios para ganhar tempo; avançou adeante o pé esquerdo e encostou-se á sua vara de marmelleiro, delgada e impropria para chibancias de bordoada. Depois de tirar longa expiração, respondeu :

> S'a minha chieira é grande,
> a tua é presumpção ;
> tira-te p'ra lá herege,
> que não ouviste o sermão.

— E é verdade que não ouviu! — confirmou a moleira — Mas a rapariga chegou depois, tio Zé!...
Réplica da Rita:

> O sermão foi bem bonito,
> ouvi-o o anno passado;
> se tu ouvistes melhor,
> é qu'estavas precisado.

O cantador:

> Vens de longe rapariga,
> com fama de grande spanto;
> 'stá na tua frente um home,
> que se chama o Zé Santo.

A cantadeira, logo a seguir:

> Se o teu nome é de santo,
> tua cara é de fuinha;
> deixa-te lá de cantigas,
> vae resar a ladainha.

A gargalhada foi estridulosa e ampla. O rapazio pendurado nos fortes galhos da carvalheira, applaudiu com um gritado «viva a Rita!». O valor do gabo fôra acrescentado pela expressão gaiata das caras travessas, que appareciam por entre a folhagem. O velho, assim chamado á liça, deu uma sacudidella ao corpo, adeantou mais meio passo, galhardamente, o que fez sorrir a Canaria que amava essa contestação, que lhe favorecia os repentes.

Do Zé Santinho:

Moça féra e bem parcida,
olha p'r'aquella encosta:
s'a minha cara é de fuinha,
essa tua é de lagosta.

O da Mó olhou o cantador com arrogancia, apertando na mão o seu pau de carvalho argolado. O Rinchoso vendo-lhe esse ar de pimponice disse-lhe de soslaio:

— Ai! Nossa Senhora! que o home deita-se a perder!... Buliram-lhe na madama...

A Rita, porém, conservou serenidade. Considerando que os dois se tinham entreolhado com rancor, moderou-se:

A lagosta é coisa boa,
p'ra quem gosta d'a comer;
tu que gostas mais da pinga,
vae aquella pipa beber.

— Isso queria elle, se lh'o pagassem. Ó da Mó offerece-lh'a! — disse um rapazola, lá do alto d'uma carvalheira.

O calor era intenso. Apesar de ser ainda Agosto, as folhas já cahiam das arvores, tontas como passaros congestionados, e as landes soltavam-se dos cascabulhos, mirrados pelo sol ardente. Principiavam os animos de se acirrar, havia parcialidades: uns pela Canaria, garbosa, cheia de vida e mordente; outros pelo Santinho

velho, pilado, mas aggressivo, soltando cantigas de ponta acerada. Os da Cerda, com o da Mó á frente e os instrumentos mudos, applaudiam com estrondo a sua cantadeira; os da Rabiosa, e mais os seus parciaes mostravam-se provocadores, com modos atrevidos, em volta do seu campeão. Gastos muitos remoques, a Rita, excitada pelo namorado e já um tanto menos cordata, atirou esta bisca aos contrarios:

O' homes da Rabiosa,
mais cá os do Penedo;
tirande p'ra lá os paus
qu'os da Cerda não tem medo.

— Responde-lhe teso, Zé! Elles querem funcção?... Responde teso! — incitou o Rinchoso.

Mêdo sim, quem no tivera,
de tão valentes pimpões;
são fracos homes de cara,
vão-se a terra a safanões.

Aqui foram ellas! O Chico cresceu arrogante, pallido de colera, para o misero cantador; mas encontrou pela frente o Rinchoso, que lhe disse, entrepondo-se:

— Eh! seu home, qu'é lá isso! Aqui ha gente! Não é co'elle, é comigo.

*

* *

Fez-se terreiro; alargou-se a arena para o combate, pelo subito desapparecimento do mulherio e d'alguns velhos e crianças. O lodão ferrado do Rinchoso encontrou-se no ar com o carvalho argolado do da Mó. Outros paus se ergueram, sentindo-se os primeiros estalidos, d'uns nos outros, semelhantes a matracas na quaresma. Parecia uma emmaranhada floresta de arvores novas estonadas e sem folhas, varejadas por ventos desencontrados.

Eram numerosos os da lucta, os mesmos que vinham d'outras desordens, por andarem de rixa, havia muito tempo. A atmosphera pesada d'este dia abrasador, cujas labaredas brancas subiam arquejantes, da terra em fogo, estava riscada de listas movediças. As mulheres apavoradas, corriam pelo largo, agora desembaraçado de gente pelos que tinham fugido para os caminhos lateraes e para a encosta do monte, gritando: «Ai! milagroso S. Roque, valei-lhes, que se matam!» As irmãs que tinham na contenda seus irmãos, as filhas que lá viam seus paes e as casadas que não puderam reter os maridos, todas juntas, formavam clamor choroso com palavras de supplica a santos e santas da côrte do céo: «Nossa Senhora dos Afflictos, accudi-nos!» «S. Christovão, que sois valente, apartai-os!» «Jesus de Misericordia, tende piedade!»... Uma, que era mais fervorosa, ajoelhára no meio do adro, exhorando: «Mi-

lagroso S. Roque, que nos livrastes da peste, descei do vosso altar e vinde aqui com o vosso cãosinho para lhes morder nas pernas!»

O sangue já tingia as testas, as roucas ameaças acompanhando as pauladas, formavam um como sussurro de palavras que sahisse da bocca d'um gigante. A area do combate, sempre movediça como superficie de mar agitado, parecia uma eira de malhos erguidos, que não cahiam sobre as brancas espigas, mas sobre os corpos dos malhadores. Esbofava a colera, mas não gemia a dôr. Era uma confusão enorme em todo o terreiro da romaria. Os barraqueiros temiam pelas suas barracas de fragil lona. Os vendedores de rosarios e veneras fugiam com os taboleiros para dentro da egreja. As que apregoavam comidas punham-se adeante das suas bancas, receiosas do destino das vitualhas. Quando viam aquelle agglomerado d'homens em colera evolucionarem para o seu lado, como um penedo rolante, erguiam as mãos supplices, pedindo misericordia: «Ai, Jesus! que será de nós!» Os que nada tinham a receiar, diziam nervosos, entre si, commentando o acontecimento:

— São os da Cerda, com os da Rabiosa!

— São os da Rabiosa, com os da Cerda!

O clamor da gente chorosa, que era muita, crescia como rajada de vento forte e em breve chegou á residencia do abbade, perto da egreja, onde o jantar dos padres e dos musicos da festa, corria bem comido, bem bebido e bem fallado, n'uma grande satisfação. Todos se levantaram, vindo á janella averiguar, por

detraz uns dos outros, n'uma pinha de gente. Pelo que lhes dizia o sachristão, fallando-lhes do caminho, reconheceram ser o caso sério, scientes como eram da rivalidade antiga das duas freguezias, por causa das suas musicas e agora por causa da cantadeira.

Desceram logo, dirigindo-se ao largo, no intuito de apasiguar a desordem. Nem todos, porém, acompanharam o abbade, que ia correndo (quanto lh'o permittia a sua obesidade) com o guarda-pó branco a fluctuar, como camisa ao vento. O mestre de cerimonias, o magrizellas do padre José Maria Beltrão, foi d'esses prudentes, dizendo para o Pitança, que o convidava a seguil-os:

— Não vou, que meu pae não faz outro como eu. Nosso Senhor deu-me uma cabeça para ter juizo e não para que m'a quebrassem.

Ao que o prégador retorquiu azedo:

— Tambem que havia você de vir cá fazer?! Só com o movimento dos paus ia-se pelos ares.

O mestre de cerimonias engrilando-se, respondeu:

— O quê, padre João, o quê?! Onde me vê, já estive para matar um homem com um tiro.

— Mas não matou... Lérias... Caldinhos e breviario, padre Zé.

E lá foi para secundar o abbade nos seus esforços de pacificação. Juntaram-se a elles mais pessoas gradas: — o morgado da Torre; o major reformado da Deveza; o fidalgo da Tranca, agora tropego, mas que em novo levantava um carro de milho pela trazeira com uma só mão; o brazileiro de Refuinho, e, finalmente, o

regedor com a sua auctoridade para prender. Encontraram-se no adro e foram em magote e resolutos, para a desordem, o abbade gordo, roliço, fazendo gestos de longe, que lhe levantavam as abas do casaco branco. A acção simultanea d'esta gente de paz não foi attendida; a bulha continuava enraivecida. Então elles vociferavam: o militar, repuxando salientemente a farta pera, gutturava palavras pouco claras, pensando n'uma boa descarga, sobre aquelles malandros; o morgado da Torre e o brazileiro, ameaçavam de nunca mais emprestarem dinheiro a uma tal sucia; o padre Pitança, acenando com o lenço d'Alcobaça, achava uma pouca vergonha fazerem isto em dia de S. Roque, que era todo paz e bondade; o velho da Tranca, esse, encostado a um muro, por não poder andar, dizia colerico e saudoso:

— Ah! no meu tempo! Se fôra no meu tempo, eu só, com um bom estadulho varria-os a todos...

O regedor, que se approximára mais que os outros, vendo-se desobedecido, gritava pelos seus cabos, alguns dos quaes andavam na contenda. Apesar d'isso bradava:

— Sou auctoridade! Vão todos para a cadeia! Quem manda aqui?!...

O abbade, animado com este exemplo de coragem, chegou-se mais para ser ouvido e supplicante dizia:

— Eh! rapazes! No dia do meu orago!... Olhem que S. Roque...

E como uma paulada quasi o attingisse, murmurou, retirando-se:

— Arre! que são brutos e malcreados!

Ao que o prégador obtemperou:

— Estão cegos! É o que é!

Quem valeu para acabar a briga, em que já havia muitos feridos, foi a Canaria com um estratagema. Sem temor de que lhe rachassem a cabeça, animosa e dedicada, metteu-se por entre os contendores, com os braços erguidos, o que lhe deixara em evidencia os magnificos seios. Fallando em voz rogativa aos seus amigos da Cerda, pediu-lhes:

— Eh! moços, alto ahi! Agora é comigo! A culpa foi minha, que puxei pelo home. Quebrem-me a cabeça, se quizerem, mas acabem.

Este pequeno nada, pelo denodo e novidade, amolleceu a furia dos contendedores. Os golpes principiaram a ser menos puxados e incertos. Alguns velhos lavradores, homens respeitados e prudentes, aproveitaram o ensejo, prendendo pelo tronco os seus amigos, inutilisando-os para o combate. Os animos mais exaltados, os braços mais valentes abrandavam, e a desordem, como uma trovoada que se distanceia, foi minorando, achando-se em breve reduzida a alguns protestos e injurias avulsas. Então é que o abbade, acompanhado do regedor, poderam fazer valer a sua auctoridade, fallando em tom reprehensivo, porém conciliador. O guarda-pó branco do sacerdote adejava-lhe em volta do corpo volumoso, como duas azas de gaivota. Limpava do cachaço o suor abundante com o lenço vermelho, e, ao retirar-se, para deixar bem nitida a sua reprovação por aquelle acto no dia da sua festa, disse:

— A culpa não é vossa, não! A culpa é d'aquellas...

E apontou as pipas de vinho que estavam tranquillas e mudas á sombra das carvalheiras.

A Canaria puxando para si o Chico da Mó, levou-o para distancia dos grupos limpando-lhe o rosto cheio de sangue:

— O que eu fui fazer, moço! Estás mesmo um Santo Christo chagado!...

IV

Os da Cerda, na Cerda, eram gente comedida e bem ordenada; sómente a chibança que tinham na sua musica e na sua cantadeira os alterava no fallar. Deliciavam-se em ouvir a Rita nas esfolhadas, nas espadelladas, onde ella só ia a convite; porque da sua vida de tecedeira e d'algum trabalho d'agulha, não lhe folgava tempo para serviços agricolas, a não ser para ajudar o pae. As suas invenções, replicas ao desafio, respostas a chalaças que lhe diziam, aureolavam-na d'um nimbo de inspiração, que ao nosso povo muito apraz reconhecer. N'este envaidecimento andava muito amor á aldeia, orgulho da sua terra, e tambem havia bastante da velha quisilia com os da Rabiosa, que não se podiam gabar agora d'uma cantadeira para oppôr á Canaria.

As duas musicas rivaes, sempre fôram motivo de gabarolices reciprocas e de concomitantes rixas que vi-

nham de tempos muito antigos; porém, musicas organisavam-se com esforço e podiam ter suas epocas de melhoria, consoante as figuras e os mestres. A emigração para o Brazil deixava, por vezes, instrumentos abandonados, que o mesmo era que morrerem; porque não fallavam. Por isso ambas tinham tido seus altos e baixos: d'um lado e d'outro houvera differenças e nem sempre a superioridade fôra reconhecida aos da Cerda, pela gente imparcial. Mas o que lhes certificava a fama d'agora era o apparecimento da Rita com a sua bella voz, o seu estro reconhecido e até a sua apparencia garbosa, de lindos olhos, lindas côres e figura de corpo esbelto. Era um valor incontestado, coisa viva, e os da Cerda estimavam-na como uma gloria.

Não eram só os da Rabiosa que lh'a cobiçavam, eram tambem gentes d'outras freguesias visinhas; porque em nenhuma havia coisa semelhante, ainda que, em toda aquella região de rouxinoes e melros, fossem vulgares as cantadeiras.

O padre d'elles, que como bom pastor acompanhava com solicitude o seu rebanho, sentindo-lhe as dores e alegrias, gosando com os justos gosos da sua parochia, disse n'um domingo, na palestra usual do adro depois da missa, que a moça era digna de ser apreciada n'esse Porto ou n'essa Lisboa e acrescentou:

— Fallam ás vezes, os papeis, de mulheres, grandes cantoras de theatro, que vem lá de fóra... Eu nunca as ouvi, porque nunca passei de Braga; mas tenho p'ra mim, como coisa certa, que nenhuma deitará a barra adeante á nossa Rita.

O Antonio de Novalhos, pae da rapariga e a Ignacia Secca, sua tia, choraram de goso ao escutar a opinião do abbade. O velho limpando as lagrimas ao canhão da vestia disse:

— Eu só queria que a minha defunta fosse viva, para ouvir isto. Consola a alma... Deus não o quiz...

Alem d'estas prendas, tão gabadas, a Rita era boa rapariga: trabalhadeira e honesta. Derriços ás duzias, isso era verdade: hoje um, p'ra semana outro, um nunca acabar... Mas que fazer!... Os rapazes em volta d'ella eram bastos como pardaes n'uma eira, e o seu animo não se tinha que lhes não désse trela. Não era insensivel ás palavras dos galanteadores, aos quaes dava ouvidos, porque não era surda. Gostava de derriçar, entretinha-se a escutar gabos nas encruzilhadas dos caminhos, nas romarias e esfolhadas, é o que é. Em questões de virtude ninguem tinha que lhe dizer. Só invejoso ou maldizente de lingua farpada poderia levantar invenções; mas o fiador da honestidade da rapariga era a tia Secca, assim alcunhada pela sua magresa e genio duro e rabugento. Era a austeridade de saias e lenço na cabeça e muito lhe aturava a rapariga nas compridas ladainhas, em noites de chuva, á lareira, por causa dos derriços. O que de peior teria a Rita era ser extremamente mudavel; mas que tem isso? Os rapazes todos tinham seus defeitos e senões, que ella descobria com a sua veia picante, e depois d'isto não era sincero, nem proprio da sua honra, continuar a gostar d'elles. O contrario seria simulação indigna. Casar com homem que ella não amasse, era improprio do seu cara-

cter e do seu sentir livre. Por isso respondeu um dia a quem a censurava:

— Derriçar, não é casamento. Casamento é como uma romaria d'onde a gente não volta p'ra casa. Ora eu gosto do meu pae, da minha tia e do meu tear.

Em todo o caso aos olhos da gente pechosa este proceder desmerecia-a. Era um defeito de organisação, de raiz; porque, quanto a educal-a, a tia Ignacia fôra um verdadeiro dragão na vigilancia e cumprimento dos deveres da egreja. A' doutrina, sermões, missionarios e praticas religiosas usuaes nunca lhe consentira que faltasse. A Rita, emquanto criança, foi sempre submissa; mas talvez mesmo esse rigor excessivo, lhe fizesse brotar mais tarde com maior intensidade, o sentimento de independencia que ora fruia. Fallando-se d'isto, opinou o boticario, que tambem era barbeiro na freguezia:

— Não se póde contrariar o *amágo* de cada um.

Porém esse accentuado pendor para a liberdade de sentir e o natural condão de encontrar os defeitos de cada um e publical-os em repentes de cantigas, geraram-lhe partido, do mesmo passo que lhe trouxera inimisades: uma vez, n'uma esfolhada, classificou de *chibo* o tal boticario-barbeiro, o que é certamente offensa; porque o chibo é animal cornudo, symbolo de defeito no homem casado por má conducta da mulher e o Zé Simão tinha dois filhos, que muito se pareciam com elle e não com o brazileiro Tinoco, seu protector na loja de barbaria e botica, estabelecimento de luxo para uma aldeia, onde elle escanhoava a freguezia e lhe ven-

dia remedios e cigarros. O Protunda é quem mais censurou o proceder da Rita; mas o Protunda melhor fôra que olhasse pela sua casa, porque tinha uma vida conjugal pouco clara.

O povo que ouvira a cantiga gostou, e vão lá prohibir o povo de se rir com uma facecia mordente, como esta dirigida ao boticario, que vendia a dinheiro hervas colhidas nos campos de Deus, hervas que eram de todo o mundo; porque era Deus que as mandava nascer e crescer?! Riram a bom rir e mais uma vez a cantadeira foi applaudida, sahindo o Zé Simão embezerrado da esfolhada, vociferando um punhado de más-creações. Ainda a primeira ovação palpitava no ar, quando n'um descante seguido, a Canaria, deitou esta trova respeitante a um homem sizudo da terra:

> N'esta noite de luar,
> que todo o mundo allumia;
> podiam encontrar o Sousa
> em conversa co'a Sophia.

Ora este Sousa, juiz de paz, cirurgião e alveitar, o tudo na Cerda, era o homem que, com o abbade, armazenavam o copioso saber da freguezia. Sizudo, boas fallas, viuvo com duas creanças, recebia em casa a Sophia para o seu arranjo de roupas domesticas, por não ter mulher sua capaz. Era, ella, creatura muito temente a Deus, muito commungada e tão séria que, ao passar por qualquer homem, pregava os olhos no chão, e não havia meio de lh'os levantar, nem com a salvação. O fallato-

rio acerca d'ella e do Sousa era obra de má-lingua de visinhas invejosas; mas a cantiga, por geitosa, ficou nos ouvidos e foi espalhada. Realmente n'uma tão preguiçosa noite de luar estival, o que o corpo e a imaginação mais pediam era a quietude alegre d'uma conversa intima, em que as palavras seriam decerto incapazes de representar o sentir...

*

* *

Tambem o derriço da Rita com o da Mó dava agora muito á conversa. Todo o mundo se admirava da constancia d'estes amores, que duravam havia mezes. Os inimigos da Rita attribuiam-no a ser o rapaz filho do José Bernás da Mó, lavrador mais que remediado, com boas terras, e a ter só este herdeiro. Seria a riqueza a grude que collava os corações, o visco, que prendesse aquella ave tão voadeira, ao galho que era o Chico?... Por banda da familia d'elle, a opposição ao casamento era grande, principalmente da parte da mãe Antonia, e do tio de Ervelim, que lhe deixaria os campos do Sobreiro, se o rapaz não levasse ao fim aquella inclinação. A Canaria era realmente muito pobre, tinha apenas o tear, a agulha e mais os dias e as noites que Deus dá a todo o vivente. O pae, cazeiro humilde, possuidor d'uma só junta, trouxera sempre de renda campos alheios. No pagar era exacto, mas tirando da colheita o que pertencia ao dono das terras, ficava-lhe apenas milho para comer e mais nada. Algum trabalho

de jornal, o tear da filha, e as gallinhas e ovos, industria da cunhada, chegavam estreitamente para o mais necessario.

Furiosa com tal namoro, a Antonia azoinava constantemente o filho, e depois da romaria em que lhe quebraram a cabeça, ainda mais accentuou a sua oposição:

— Por causa d'essa aldrabona já te aconteceu aquillo em S. Roque e quem sabe o mais que virá!

— Não me diga mal da moça, mãe, que ella é séria! —retorquiu o Chico empallidecendo, como lhe era frequente, ficando com os labios a tremer, n'um accesso d'ira.

N'esse dia, como em outros semelhantes acontecera, não comeu a ração de toicinho, deixando até, ainda meia tigella de vinho. Quanto mais o atanazavam, mais elle se apegava á Rita, andando sempre a procural-a para a ver, vigiando-a cheio de zelos, não lhe cabendo na cabeça, nem no peito, outra inclinação, nem outra coisa que não fosse aquelle amor. O pae andava triste e a mãe sanhuda e profiavam em o casar com a Maria da Cachosa, rapariga feia, porém mais composta e avessa a cantares, em romarias e esfolhadas. Alem d'isso com teres: os paes colhiam pão e vinho para casa e ainda para vender á farta. Eram antiquissimos na aldeia, e só em volta da casa em que viviam, em tojeiras e terras de rega e lima possuiam um vinculo. Eram afamados os lameiros da Cachosa, que davam para sustentar tres juntas e mais as crias, que rendiam boas moedas. E depois, sempre era gente mais fallada.

Mas fossem lá dizer isso ao rapaz?!...

Mandava para o diabo o milho, a herva e os gados da Cachosa! Se tinham muito que se levantassem de noite para comer mais vezes, que elle lh'o não invejava—dizia. Sua mulher havia de ser a Rita e não outra. N'um dia triste de chuva, após uma d'estas repetidas querelas com seus paes, o Chico ficou hirto no meio da cosinha e pallido como um phantasma, que até mettia medo! Quando retomou a consciencia sahiu desabrido e não appareceu em casa, todo dia, entrando alta noite para o palheiro, onde dormiu. O pae que era mais conciliador disse para a mulher:

— Isto, assim, não pode ser! Elle faz-te ahi qualquer dia grande asneira... O melhor seria...

A velha, cabeçuda e tenaz como o filho, não o deixou concluir e respondeu exaltada, batendo uma punhada no joelho.

— Se morrer, melhor! Antes o quero ver n'um esquife do que home d'essa desavergonhada, que namora rapazes aos centos.

— Não digas soberbas, mulher, que Deus pode-te ouvir..

— Pois que ouça, não me importo!... Elle morto, tudo acabou!...

Ficaram silenciosos e interditos de fallarem mais. A chuva continuou a cahir sobre o telhado e no caminho, soando como um rufo de tambor distante. Aquelles dois velhos, envolvidos pela fumarada da lareira, mergulhados na sua tristeza irremediavel, não tinham outras ideias a trocar. Olhando pela janella casualmente, a velha viu approximar-se um guarda-chuva en-

charcado, e disse para si: «quem será?» Mas logo reconheceu a figura delgada da Angela, a melhor costureira dos sitios, mulher muito frequentadora de missionarios, vivendo pelas casas boas, com a sua agulha e a sua lingua conversadeira. Levantou-se e veio á porta chamando-a:

— Venha cá, santinha... Com este tempo! É, por força, sangria desatada.

— Vou aqui á Torre, que me mandaram chamar com pressa. Creio ser doença — explicou.

— Mas entre, e espere aqui um bocadinho. Assim, chega lá molhada como um pito.

Angela accedeu facilmente. A velha da Mó era muito sua conhecida e até pelas matanças lhe costumava mandar o seu bocado de carne para rojões e alguma infusa de vinho. Depois de conversarem muito a sós, na casa do milho para onde se afastaram, disse Antonia á beata, chegada a ella em confidencia:

— Como se poderá tirar d'uma cabeça uma doudice que lá está pegada e bem pegada?...

— Isso!... abrindo-se a cabeça... —respondeu sorrindo.

— Não mangue que é coisa séria.

— Bem sei... E' o seu rapaz e a Canaria.

— Adivinhou ou alguem lh'o disse. O meu home nem come, nem dorme. Eu estou-lhe um pau secco. Ainda que se gastasse dinheiro, queriamos ver...

— Isso, só indo ao Cabrão.

— A' feiticeira?

— Sim, á Alonsa, que é entendida.

— Que boa *aquella* a minha em a chamar! Foi Deus que a guiou para aqui n'este dia de chuva! E vomecê acompanha-me?

— Quando queira.

— Sexta feira?...

— E' bom dia: n'elle mataram os judeus Nosso Senhor. Mas deixe-me ver primeiro o que haverá lá na Torre.

— Então veja e diga depois...

— Mas precisamos levar coisa de vestir, que pertença aos dois.

— Do meu filho uma camisa servirá?

— Serve; mas que seja já servida e tenha apanhado suor do corpo.

— Mas d'ella, da tronga?—disse Antonia com rancor.

— Arranja-se. Tenho-lhe lá um collete velho, para cortar um outro por elle.

— Que boa a lembrança eu tive em a chamar! — repetiu com os olhos contentes. E que mais?

— Não estamos ainda nas matanças e então leve duas gallinhas boas. Isto p'ra'gora: a paga temos muito tempo, porque isto de enredar amores, não é coisa que se faça n'uma semana, nem n'um mez.

— E conhece-a? — perguntou a velha interessada. Eu nunca lá fui.

— Conheço muito, creatura! Tenho-lhe visto fazer verdadeiros milagres. Muito melhor que a tal Esmeralda, que tambem deita cartas.

*
* *

Tudo assim combinado, na sexta feira, ainda o dia estava com Deus e já a solicita Angela, vestida e preparada como se fôra para confêsso, batia com os nós dos dedos á porta da Mó! A Antonia esperava-a, egualmente prompta. Não socegara em toda a noite, com o sentido n'aquelle bruxedo, que lhe havia de restituir o filho, livre dos ardis enganosos da Rita. E as suas primeiras palavras, após a saudação matinal, foram:

— Sempre lhe levo, aqui, com estas gallinhas, dois sob'ranos que o meu home deu, p'ra ella fazer os 'sconjuros com mais gana.

— Isso não faz mal e até fará bem. Candeia que vae adiante, alumia duas vezes. E a camisa servida? ..

— Aqui (mencionou um saquito). Vae-lhe mais suja!... E' a da outra semana e suou-a um dia inteiro a rachar lenha.

— Assim é bom. O collete da moça tambem o trago. Cheira que tresanda!... Andou-lhe muito tempo no corpo, teceu muita teia co' elle.

— Deixe-m'o ver...

E tacteou-o na escuridade com goso diabolico. Na maciesa do contacto sentiu sensualidade malefica, como se estivesse a envenenar o proprio corpo da cantadeira. Angela explicou:

— Esta camisa e este collete representam aquelles

que queremos separar. Os zorcismos d'Alonsa servem p'ra isso.

— Sempre ha coisas! Se ella m'afasta o rapaz d'essa enredadeira, não perderá nada commigo. A senhora Angela verá...

— Tamem nos apegaremos com a santa de Refuinho, essa filha d'um pobre lavrador que já faz milagres, ainda ha pouco tempo enterrada! Obra dos senhores missionarios...

— Lá iremos e levo-lhe esmola d'arreguilar o olho, logo que eu veja n'isso proveito.

A beata, sensata e cautelosa preveniu:

— N'esse dia iremos separadas. Hoje mesmo, na volta, virei pela Torre, que me querem lá. Não vale a pena dar pasto ás más linguas, que são muitas.

— E quando venenosas, são como de viboras.

V

Ainda era noite escura, quando chegaram ao Cabrão, parando deante d'uma casita terrea e branca, encoberta por uma latada á frente. A entrada fazia-se por um cancello, cuja aldrava Angela, conhecedora do sitio, levantou indo direita a uma janella, na qual bateu tres vezes com os nós dos dedos.

— Qu'é lá ?!—perguntou de dentro uma voz d'homem mal humorado.

— Gente de paz, tio Manoel. E' a Angela para fallar á Alonsa.

— Tamem é por ser vomecê que se abre. A hora é p'ra ladrões — observou a mesma voz.

Pouco depois, abria-se uma porta, e dentro apparecia uma mulher gorda, levantando á altura dos olhos a candeia de graxa acesa, para reconhecer os recemchegados. E exclamou:

— Credo, mulher! E' caso de mal maligno por força! Entrande, que póde vir o lobo e comer-vos.

— Olha, Alonsa — explicou a beata—é que não queriamos que nos vissem.

— Pois não é crime vir cá. Quem vem é que precisa.

— 'Stá sabido. Aqui a tia Antonia da Mó, a mulher do tio Zé Bernás... conheces? quer-te fallar.

— Por causa d'uma zoina, que me traz o filho maluco — disse a queixosa — e queria vêr...

— A Rita cantadeira, que tem voltado o juizo a muito home... — adeantou a feiticeira.

— Sabia!? — exclamou a Antonia surprehendida.

— Pois se eu tenho aqui um dedo que adivinha!

Angela interveio para mais confirmar o valimento da bruxa:

— Isso, d'aqui até ao Porto, não ha outra como ella!

E a Alonsa acrescentou vaidosa:

— Já de lá tem vindo gente. É que não encontraram mais perto, melhor — gabou-se.

Delicioso quadro de interior hollandez, este das tres mulheres n'uma salita exigua, mobilada com decencia, assim conversando alumiadas por uma luz fumosa de candeia de graxa! Rosto a rosto, com expressões differentes, n'uma intimidade simples, sentiam-se ligadas por um interesse mal definido. Alonsa, mulher cheia e bem nutrida, olho pequeno e esperto, cabello em desalinho e labios grossos; Antonia faces mirradas, cheias de rugas, queixo voluntarioso, olhar incerto e desconfiado; Angela, consumida pelas resas e confissões, pupilla serena, palidez de sacristia, creatura habituada ao

cheiro do incenso de festas d'egreja. Trocadas as primeiras palavras disse a feiticeira:

— Ora deixae-me fechar a porta, que faz relento e pode passar alguem que nos veja. Vós quereis segredo...

— Isso todo! — obtemperou rapidamente a beata, sempre prudente.

— E se não fôra seres tu Angela...

— Bem sei mulher, que p'ra mim estás sempre prompta — agradeceu.

— E vamos a saber em que lhes posso servir.

— Que me tire o meu filho das unhas d'aquella desavergonhada, que m'o tem preso — expoz Antonia.

— Trazemos-te uma camisa d'elle e um collete d'ella. — acrescentou Angela.

— Isso é preciso. E são usados?

— São.

— Bem usados? — insistiu a bruxa.

— Ih! Jesus! O d'ella, nem para rodilha serve — esclareceu a costureira.

— E a camisa do meu filho, andou-lhe no corpo uma semana e rachou com ella vestida, lenha todo o santo dia d'um sabbado.

Alonsa, doutrinando, explicou:

— Bem vêdes que é preciso que tragam suor, ou coisa que o valha dos corpos em que andaram. Assim temos os dois aqui representados em carne e osso, e podemos juntal-os ou separal-os á nossa vontade.

Foi-as guiando para um quarto nas trazeiras da casa, ue tinha uma porta para o quintal e uma janellita al-

ta, especie de postigo, que mesmo de dia dava luz minguada. Por aquella abertura estreita no alto da parede (havia testemunhas que o certificavam) fugira rabioso, muito demonio, dos que Alonsa com os seus esconjuros expulsara dos corpos possessos, em nome do S. Cypriano e com sua auctoridade. Que esses taes fossem espiritos malignos, ninguem o duvidava e todos o reconheciam pela saliente restolhada que faziam ao abandonar a commoda moradia do interior humano, onde viviam bem alimentados e quentes. Estas explicações, dadas pela feiticeira, não a inhibiram de reparar que, Antonia, ainda tinha sobre a ilharga o cesto com as duas gallinhas. Por isso, antes de entrarem na loja terrea disse-lhe «ponha ali aquelle canto» e ao receber a roupa que ella lhe entregava mostrou de novo interesse perguntando á mãe do enfeitiçado:

— Elle dormiu com ella alguma sexta feira?

— Pois se já lhe disse, creatura, que andou com essa camisá uma semana inteira, sem nunca a despir e que até rachou canhotos todo o sabbado, por este calor...

A Alonsa levando-a ao nariz confirmou:

— Ella cheira que tresanda! Está na conta.

A Angela ao dar-lhe o collete da Rita tambem explicou:

— Sabes que é tecedeira. O tear pucha muito do peito...

— Por isso ella tem aquellas grandes têtas! — commentou a bruxa sorrindo.

— E' verdade — acceitou a beata. D'ahi lhe terá

vindo suor para molhar a camisa e mais roupa. Se o cheirares, has de ter gomitos.

A Alonsa tudo approvou alvitrando:

—Primeiro vamos ás cartas, para ver o que nos dizem.

Antonia sentia-se n'uma ancia e interesse crescentes! A feiticeira ajoelhou deante d'um banquinho que posera no meio da casa e foi dispondo as quarenta cartas do baralho, que tirara d'um buraco da parede, depois de as ter previamente baralhado sete vezes, que é o numero dos peccados mortaes. Formou uma cruz com cinco montes de oito cartas, segundo os preceitos tradiccionaes do grande santo adivinho, que illustrou a *sciencia da magia.* Acompanhava estes actos preparatorios, de resas murmuradas com regougo de voz e reviramento d'olhos, como se estivesse conversando com o invisivel, á luz mortiça da candeia de graxa fumarenta. Passando a interpretar a linguagem das cartas foi dizendo que aquella dama d'espadas representava uma mulher má (Rita) e que o rei d'oiro, que logo a seguir appareceu, um namorado (o filho d'Antonia). A historia d'esses amores revelou-a com extrema clareza: O rei deu prenda (az d'oiros) á dama d'espadas, que só pensava em dinheiros grandes (sete d'oiros) o que o az do mesmo naipe confirmava. O Chico (agora valete d'oiros) tinha paixão d'alma, (sete d'oiros) por *fandango* (maus amores, representados pelo az de copas) e que dissera boas palavras (terno de copas) án amorada, que era a dita dama d'espadas. Que a consultante, Antonia (dama d'oiros) choraria muitas lagrimas (cinco

de copas) por causa d'estes amores, e que os dois (dama d'espadas e rei d'oiros) iriam á egreja (quatro d'oiros) *se não houvesse novidade* (cinco d'oiros).

A velha que estava opprimida, proclamou n'um choro soluçando:

— Ai! minha Virgem Nossa Senhora, como tudo ahi 'stá 'scripto e 'scarrado! Valei-me, Santo Antonio do menino, que eu arrebento de paixão!...

A Angela aquietou-a.

— Socegue, senhora Antonia, que hade haver remedio. Só a morte é que o não tem.

A feiticeira, com cara expressiva de auctoridade, disse-lhe tambem:

— Repare, creatura, que este cinco d'oiros (e mostrou-lh'o patentemente entre dois dedos) diz que pode *haver novidade*, (sublinhou) no que disse o quatro. Ora novidade ha, tenho-a eu aqui (mostrou-lhe a varinha de marmeleiro dos esconjuros) e tenho ali (apontou para um armario) a maneira de a fazer apparecer. Em nome do grande S. Cypriano, tenho vencido muitos demonios e não hade ser n'este caso de seu filho que ficarei mal.

— Isso com certesa!—opinou Angela confirmando o dizer auctoritario da bruxa.

Porém, a Antonia, com aquella historia nitida e aterradora, contada na linguagem cabalistica das cartas, sentia-se succumbida. As suas lagrimas eram abundantes e corriam-lhe em fio pelos sulcos rugosos da cara. A visinha consolava-a e animava-a:

— Não se afflija, olhe que ha remedio, verá! A Alonsa

pode muito, e hade separal-os. Tenha fé e esperança.

A feiticeira, mulher nutrida como um conego, e no semblante com a auctoridade d'uma abbadessa, conservava-se muda e mysteriosa. Os seus olhos pequenos e energicos seriam capazes de ver no mundo dos mysterios, os segredos mais dificeis de desvendar. Foi buscar a um canto uma trempe que collocou no meio da loja terrea e apontando para um feixe de lenha pediu a Angela:

— Accende-me tu o lume com a garavalha que está acolá, emquanto trago as mais coisas.

Foi ao armario buscar uma panella de barro, deitando-lhe dentro agua, que disse ter sido colhida nas orvalhadas de S. João. Quando o lume já ardia, produzindo fumarada que enchia a casa, collocou-a em cima da trempe, sobre cuja boca poz uma peneira, dentro da qual crusou um pente e uma aza de corvo e sobre tudo, os objectos pertencentes aos namorados bem atados por um barbante. Quando o vapor da agua começou a sahir misturando-se ao fumo da casa, ella com a varinha de marmeleiro principiou o esconjuro, traçando no ar figuras symbolicas. E dizia em voz guttural, como de quem falla para além da vida terrena:

— Eu, Alonsa, da parte do Deus Grande, absolvo o Chico da Mó, de todos os seus feitiços, encantos e encanhos que lhe haja feito a Rita Canaria. Fiquem destruidos, desfeitos, desligados e reduzidos a nada todos os males de que ella é causadora, e mando que ella seja tocada no coração, para que não continue o mal-

dito feitiço. Sejam commigo todos os anjos do ceu, evangelistas, cherubins e seraphins creados por obra do divino espirito. Pelas setenta e duas linguas que estão repartidas pelo mundo e pela voz que Lazaro deu quando sahiu da sepultura, mando que cesse o concerto entre os dois namorados. Em nome de S. Cypriano, eu, vos ligo demonios que o mal fizeste e vos torno a ligar, a prender e amarrar ás ondas do mar coalhado, onde não canta gallinha nem gallo, p'ra não mais voltardes a unil-os. Eu Alonsa em nome da Santissima Trindade, quero, abjuro e esconjuro todos os requerimentos, empates, preceitos, brigas que fizestes ao Chico da Mó, para o prender á Rita cantadeira de Novalhos.

A Angela n'um arranco de admiração disse para a Antonia que estava varada:

— Ande, que esta, fica-lhe bem arranjada!

E a feiticeira acrescentou em voz explicativa:

— Voltar amores é-lhe mais sério do que tirar o demo d'um corpo! Então os demonios estão longe e não obedecem do mesmo modo. Quando os tenho aqui debaixo da mão, faço-os rabiar e fogem.

A face d'Antonia ia-se mirrando de cada vez mais, com este apparato diabolico dos esconjuros. Os olhos encovavam-se-lhe por de traz das palpebras encarquilhadas. Sentia no peito uma opressão que a não deixava respirar, o esophago e a pharinge apertavam-se-lhe em constricção tamanha, que mal podia deglutir a saliva.

Benzia-se silenciosamente de admiração e medo. A Angela, talvez para a familiarisar com esta liturgia magica, disse para a bruxa:

— Mas tu tens feito outras como esta. Quem separou a Maria do Maio, do amigo, senão tu?

— Mas a mulher verdadeira do Maio, que aqui veio como vocemecê (certificou voltada para a Antonia) tambem se portou bem commigo! Não tenho mal nenhum a dizer d'ella!...

— Nem de mim terá, tia Alonsa. Antes quero vender um campo do que este casamento — affirmou a Antonia.

Depois, a bruxa, tomando os objectos de vestuario pertencentes aos namorados, os quaes estavam dentro da peneira, já impregnados de vapor d'agua e unidos pelo barbante bem apertado, separou-os com violencia, dizendo durante o acto:

— Agora que estaes bem junctos nos suores dos vossos corpos, eu vos desligo em nome de Deus padre, de Deus filho, do Espirito santo e de S. Cypriano, que me deu poderes para isso.

O repelão foi tão energico, que despedaçado o atilho, ficou-lhe a camisa do Chico na mão direita e o collete da Rita na esquerda. Conservou durante algum tempo e patentemente, esses objectos, á distancia maior dos braços afastados. Antonia seguiu com grande interesse, esta operação symbolica e decisiva do afastamento dos que viviam assim unidos e presos nos laços d'uma paixão amorosa! Com os olhos energicamente abertos e a respiração suspensa, observou:

— Que não fique algum bocado da camisa do meu filho pegado ao que é d'essa bebeda!

— Qual fica! Nem cisco de cisco! — certificou a Alonsa, mostrando-lhe o que tinha nas duas mãos.

Depois apresentou-lhe, com grande apreço, uma garrafinha branca que tirara do armario.

— Vê isto? — É orvalho de S. Bartholomeu. Não ha demonio que faça frente a este remedio p'ra *desligar*. Dois irmãos que o tomem ficam como cão e gato. Tem ossos de rã torrados.

— Eu compro-lh'o — propoz Antonia com voz alterada de soffreguidão.

— Elle é o compras! P'ra arranjar esta pinga, só d'orvalho, que trabalhão! Um migalho basta-lhe.

E cedeu uma exigua porção no fundo d'um vidro acrescentando:

— Deite-lhe duas gotinhas no caldo ou no vinho... Não precisa mais.

— De dar isso á Rita, eu me encarrego, quando ella fôr trabalhar commigo — offereceu-se Angela.

A mãe do Chico estava pasmada e convencida.

— Se você, senhora Alonsa, me torna a dar o meu filho, que aquella maldita me roubou, terá um cordão d'ouro dos mais pesados e a sua moça umas arrecadas, as melhores que os ourives do Porto trouferem.

— Já aqui veio um home, que me deixou o dinheiro d'um touro!

— Dou-lhe eu mais! Lá o *meu* 'stá por tudo. O que se quer é o rapaz desenfeitiçado. Vende-se o que fôr preciso, 'stá dito!

— P'ra outra vez — disse a bruxa, satisfeita com tanto promettimento — leva o remedio de S. Cypriano. A esse nada resiste, nem todos os demonios do inferno juntos.

— Então dê-mo já! — solicitou com os olhos esbugalhados.

— Tate! que não vae tudo d'uma vez!

— E que é isso?—perguntou Angela, interessada.

— Uma receita que me deu o senhor padre Feitosa, e vem no livro do grande santo. Leva muita coisa: ovos de formiga, mestrunços... mais coisas que me não alembram. Olha, lê tu que sabes — disse estendendo um papel, tirado da algibeira, á beata que soletrou alto:

«Verbena verde dois grãos, pevides de romã uma quarta, raiz de mil homens uma oitava, mestrunços duas quartas, casca de banana verde quarta e meia. Faz-se um cosimento, em agua sufficiente, n'uma pucara de barro nova até ficar em meio quartilho. Deita-se isto n'uma frigideira de cobre, derretendo-se-lhe em cima uma quarta de tutano de carneiro e uma oitava de unto sem sal. Isto prompto deita-se na comida do que se quer aborrecer.»

As fontes de Antonia latejavam-lhe com a turbulencia dos pensamentos. Nunca sonhara que o mundo extraordinario das sombras e dos malificios, fosse tão complicado e tivesse meios tão valiosos para desfazer a má obra do demonio! E perguntou:

— Mas vomecê tem tudo isso?

— Arranja-se. Vem de fóra. Quantas vezes o meu home vae a Braga, buscar o que na villa não ha! O peior é, se tudo isto não apparece nas boticas de Braga — concluia penosa.

— Que vá ao Porto! Dinheiro não hade faltar—certificou Antonia.

E a Angela ainda ponderou :

— Mas, pelo visto era bom, como diz aqui o papel, que fosse a rapariga quem desse esta mezinha a comer ao Chico.

— Isso seria o melhor — confirmou a bruxa.

— Pois eu arranjo, prometteu a costureira. Digo-lhe que é coisa boa p'r'o prender mais a ella. Deito-lh'o n'uns pasteis doces d'ovos e aconselho a moça a que lh'os dê.

— Mulher! — affirmou a velha com resolução. Sepáre-m'os você, e nunca mais, em dias da sua vida, lhe faltará em casa nem pão, nem vinho, nem o mais de que precise.

*

* *

Sahiram as duas contentes e certas do resultado, seguindo cada uma por caminhos differentes, para não serem vistas juntas.

Alvorecia. A manhã despontava ao longe, no amplo ceu, espalhando-se a sua aurora como um beneficio sobre os campos e como uma alegria sobre a alma do homem. Essa luz nascente enobrecia os corações, e deslumbrava pelo explendor, como celestial incendio sobre a cumiada dos montes. Era bafejo de ventura que sorria das penedias accumuladas nos pincaros, associação de gigantes mudos, sentinellas immu-

taveis da vida que passa! Como o ether subtil que penetra toda a natureza, até aos mais reconditos intersticios da materia, essa luz divina, gradual e lenta na chegada, insinuava-se victoriosa no corpo e na alma do homem, e despertava nas aves os seus gorgeios matinaes. Os animaes bravios e silvestres preparavam-se para as suas jornadas pelas mattas escuras, as plantas vivificavam-se espelhando-se nas aguas correntes, a grande força universal erguia-se n'uma gloria ao triumpho da Energia Omnipotente. Tudo sorria, amava, vivia, crescia e se multiplicava n'um victorioso hymno; só o coração de Antonia, mirrado pelo odio, opprimido e negro, se debatia na obcecação d'uma vingança mesquinha!

VI

Ora, nem beberagens, nem esconjuros, nem sortilegios de cartas, nem favores ou maleficios do diabo, nem mesmo resas a santos valiam o que valia, para o caso sugeito, Angela, que ao sahir da casa da bruxa promettera com modestia a Antonia:

— Deixe estar que, pela minha parte, eu tamem ajudarei a que o seu moço seja livre dos encantamentos da rapariga.

Ao que a velha respondera, assegurando-lh'o mais uma vez:

— Pois em toda a sua vida, não lhe faltará casa, nem pão, nem vinho, nem o mais que lhe fôr necessario. Juro-lh'o.

— Deixe-os por minha conta. Ou eu me não chame Angela da Motta, ou hei de conseguir isso dos meus ricos santos, que me têm feito tantos milagres. Pois não se deve valer a uma pessoa, como a senhora An-

tonia, n'uma coisa d'estas?!... Até ao proprio Deus agradará...

Logo na segunda feira, foi chamar a Rita, para trabalhar com ella n'uma obra de costura para a villa. Aproveitou a estada ali da rapariga para lhe deitar na tigella do caldo as gottas d'orvalho de S. Bartholomeu, com pó d'ossos de rãs torrados, que lhe tinha dado a bruxa. Emquanto comiam abriu a seguinte conversa:

— E esse teu derriço com o da Mó?

— Lá vae indo...

— Casam ou não casam?

— Tencionamos casar...

— A modo que te não vejo muito embeiçada pelo rapaz?!... Será caso...

— Elle rala-me muito e eu não gosto d'isso — confessou sinceramente a rapariga. — Não dou um passo que me não 'spreite, não posso ouvir cantiga d'outro, que se não ponha com uma cara de palmo e meio... E' muito desconfiado.

— E apegadiço, parece.

— Não faz ideia, tia Angela! Não tive ainda nenhum que assim me quizesse; mas anda-me sempre na roda das saias... Desconfiado!... Isso não pode haver outro maior...

— E não é de boa geração, digo-t'o eu, que os conheço de ha muito. Todos malucos... Mas é rico...

— Rico! Que me importa?! — disse a Rita com desprendimento. O menino da Tranca andou atraz de mim e eu dei-lhe p'ra traz.

— Isso era para...

— P'ra bô fim, que m'o jurou; mas eu não quero sedas.

— Pois, rapariga, fizestes mal, que esse da Mó deve parecer-se com o bisavô, que matou a mulher com zelos do fidalgo de Refuinho.

— Credo, senhora Angela, não me metta sustos, que vou dizer-lhe já que o não quero.

— Isto são coisas antigas, que ouvi contar; porque não sou d'essa era. Teu pae e tua tia, como vieram de fóra, como eu, tamem não o sabem.

— Mas como foi isso? — perguntou a Rita interessada.

— Ora... como havia de ser?!... O fidalgo passava muito á porta da tal rapariga, que era bonita. O bruto do marido, uma noite, estava ella a dormir, e zás metteu-lhe uma navalha na garganta. E ella estava innocente, pois até dizem que é santa; porque o corpo se encontrou inteiro na cova, muito tempo depois de enterrado. Isto dizem no por ahi, que eu não o vi!

— E que fizeram ao home?

— Prenderam-no e foi p'ro degredo, onde morreu. Todos esses campos que a Antonia tem e que vem a ser do filho, eram d'elle.

— Já lh'os não quero. Jesus! tenho dois braços, posso trabalhar.

— Não faças cabedal d'isto que te digo, moça, que eu dou-me com a Antonia.

— Pois olhe, senhora Angela, tamem lh'affirmo que essa mulher não lhe tem boa cara. Quando passa por mim, a salvação que me dá, é mandar-me p'r'as pro-

fundas do inferno. Já um dia estive, vae não vae, para lhe atirar ao focinho com um cesto d'achas, que trazia á cabeça.

— Isso não o faças, que te não fica bem. Mas, aqui para nós, que ninguem nos ouve, o home d'ella soffre uma cruz. Creio que até tem medo que ella lhe deite resalgar no caldo. Tudo com zelos.

— D'aquella edade?

— Pois quem é maluco... Ella não é má creatura, mas é maluca.

— Como o filho—concluiu a Rita, com tristeza. Hei de me ir confessar ao senhor abbade. Quero ver o que elle me diz.

—Vae aos missionarios que estão agora em Refuinho—aconselhou Angela.

— Missionarios não, que mettem medo á gente. Eu não quero deixar as minhas cantigas, que não fazem mal nenhum.

*

* *

Depois d'isto, a rapariga, começou de andar a modo de pouco satisfeita com o Chico. Sob pretextos varios, barrellas e outros serviços domesticos, principiou a ir á fonte da Deveza, deixando-o á espera para a conversa do costume na do Salgueiro, que antes frequentavam, por estarem aqui mais sós. O rapaz, d'uma vez, observou-lhe suspeitoso:

— Que mudanças!... Andará, por ahi, mouro na

costa?! Pois moça, p'ra outro não has de ser, entende bem. Olha que t'o juro por esta luz que nos alumia.

Era uma ameaça patente, que confirmava os avisos da Angela. E o tom em que lh'o disse? O sobrecenho carregado, o olhar sombrio, a voz um tanto tremula com que formulou a jura?! O coração despreoccupado e alegre da Rita ficou apprehensivo! N'essa noite dormiu mal, sonhando sonhos desagradaveis, revolvendo-se na cama e dando suspiros taes que a tia lhe perguntou:

— Doe-te alguma coisa, moça?

— Não senhora. Uma grande comichão na pelle...

— Tamem és uma comichosa... Hade ser do calor...

— Hade ser...

Mas no dia seguinte, em que foi de novo ajudar a Angela, abriu-se com ella:

— Olhe que lhe ando com medo do Chico...

— Ah! já? Não t'o dizia eu? Não tem boa cara...

— Honte sempre me fez uma...

Demorou-se com os olhos na costura, tirando a agulha lentamente, em quanto a beata, para espertar a conversa, accrescentou:

— Uma cara das d'elle, talvez...

A Rita não respondeu logo, as palavras sahiam-lhe com a difficuldade correspondente ás duvidas do seu espirito. Parecia que lh'as tiravam da bocca, á força. Mas esclareceu o sentido do que dissera:

— Não foi só a cara; mas uma grande jura, com a

mão no ar, em que me disse, que se eu não viesse a ser d'elle, não seria de mais home nenhum.

—Vês? E' como o maluco do bisavô, que matou a mulher, sem ella ter culpa conhecida. Ora uma moça, porque tem um derriço, hade casar por força com elle? Boa vae ella! Como anda o mundo, santo nome!

Os pensamentos da cantadeira eram embrulhados. Não os podia ordenar facilmente na cabeça, para fallar com geito. Pareciam feijões n'uma panella a ferver, que tanto andam ao de cima, como estão no fundo. Fallando enleada e difficultosamente consultou a beata:

— E que me diz que faça?

— Que lhe dês o desengano, 'stá bem de ver. Hasde querer um rapaz, que antes de ser teu home, já te mette, assim, agulhas no coração?!...

— A tia Angela, falla bem; porque não é comsigo... Eu posso querer deixal-o; mas elle é que me não deixa e faz-me alguma... Tenho-lhe medo. Se visse a cara de desenterrado que elle fez!...

—Vae aos poucos, moça.. Hoje falta-lhe na fonte, no domingo troca-lhe a missa, indo ouvil-a a outra parte... Não vaes tu ás vezes vender coisas á villa no domingo? Ouve missa lá. Não vás ás romarias com elle, nem ás feiras, vae com o teu pae... A gente tem sempre modo de dar um desengano... Com geito... vae indo com geito...

— Falla bem; porque não é comsigo. Pois se elle, por lhe faltar duas vezes á fonte, já pareceu que me engulia... Não me podem esquecer aquelles olhos encovados, como tições n'um buraco, e as suas pala-

vras roucas como um trovão p'ra lá dos montes!... Digo-lhe que fiquei passada!...

— Queres um conselho? Vae a Refuinho e falla com o senhor padre Antonio, que está lá agora. As palavras d'elle são um evangelho...

— Se o Chico desconfia que, o missionario, me aconselha que o deixe, mata o missionario. Olhe que é capaz d'isso...

— Capaz d'isso! É capaz d'isso!—pronunciou a beata descançando a agulha e olhando com admiração! Sabes lá o que estás a dizer, moça! Só esse pensamento é um peccado mortal! Capaz de pôr as mãos n'um missionario, e, demais a mais, no corpo do nosso santo padre Antonio, que é o maior de todos! Deus nosso senhor matava-o com um stupor, quando elle erguesse o braço sacrilego! Sabes lá o que dizes, moça! Um missionario é mais que um rei; porque representa na terra Deus, que é o rei dos reis!

Apesar da objurgatoria, em voz solemne, a Rita continuou na sua:

— A tia Angela não sabe como elle é! Eu tamem não sabia: mas sei agora. Com a mesma espingarda com que anda aos coelhos, espera-o ahi por detraz d'uma parede e bimba-o.

A beata sentia-se n'uma colera represada. A enormidade d'aquelle pensamento assombrava-a, como se um malvado derrubasse da cruz, a pauladas, a imagem do proprio Christo! Com os oculos assentes no osso do nariz saliente, os dois punhos cerrados sobre os joelhos, em attitude energica e ameaçadora, affirmou:

— O chumbo que sahisse d'essa espingarda, voltaria para traz e havia de matal-o a elle! D'esse, nem a alma se aproveitaria para o inferno; porque havia de ter castigo muito maior, que só os demonios saberiam inventar.

A Rita, teve-lhe medo, tão colerica a via com palidez esverdeada e sombria! Para se desculpar e distrahil-a d'aquelle pensamento lugubre, voltou em tom moderado aos seus receios:

— Não sei que faça... Eu já não gosto d'elle; mas não sei o modo de me ver livre...

Angela desalterou-se. Reconhecendo que se teria excedido, fallou com mais prudencia:

— Olha: bebe vinagre, emagrece, torna-te amarella; faz-te desleixada e feia. Assim póde elle desgostar-se de ti e deixar-te.

A cantadeira, que em toda a sua vida moça, nunca fizera grande cabedal de tristezas, deu uma gargalhada:

— Ora essa tia Angela, só isso me faria rir agora! Tornar-me amarellenta, emagrecer por causa do demo do home!... Não me faltava mais nada. Quero lá...

A beata reconsiderou:

— É grande sacrificio, bem sei... Tu gostas de romarias, de parecer bem, de cantar ao desafio...

— Mas é que não deixo isso, por home nenhum!... Gosto e hei de gostar emquanto fôr nova... Esta vida são dois dias, não vale a pena arranjar canceiras.

— Tu tamem lhe terás dado muita entrada. Vocês têm o sangue na guelra, gostam de derriçar, dizem certas palavras, fazem promettimentos...

— Qual entrada, e qual promettimentos. Elle é que é um casmurro, sempre agarrado á gente. Já me fallou em casamento e eu disse-lhe que não, que não pensava por ora n'isso. Sempre lhe ficou com umas trombas!... Não me deu mais palavra n'esse dia.

— Pelo visto — considerou sorridente — não te chegou ainda a tua vez. Quando chegar, casas com o primeiro.

— Isso havemos de ver! Não digo que não case; mas havemos de ver. O casamento é uma grande prisão. A gente, depois de casada, fica uma escrava...

— Mas então p'ra que tens tido tantos derriços?

— Ora... a gente sempre gosta de encontrar quem lhe queira. As que não tem um rapaz, são como as rodilhas que só servem para se lhe pôr o cantaro em cima. A tia Angela, quando era nova não teve namoros? Havia de ter.

— Não, moça, não! — repelliu escandalisada. De homens, nem a sombra!

— É verdade, que não é casada — observou a Rita, relanceando pela casa um olhar vago e triste.

— Nem viuva, graças a Deus! — affirmou com energia. Quando morrer, posso ir de capella e palmito.

— Ah! que coisa!... — exclamou a rapariga, contemplando com desdem a magresa infecunda e a fealdade da beata.

Esta comprehendendo-lhe o pensamento depreciativo, continuou:

— Lá por me veres assim, como agora sou, pensas que não tive muito quem me arrastasse a aza? Esse

fidalgo de Tranca, que ahi anda, sem se poder ter em pé, bem diligencias fez, promettendo-me tudo, quasi até o casamento. Quando eu era nova e ia p'ra lá trabalhar, se me apanhava n'um corredor, era logo encostar-me á parede, mas eu fugia-lhe. Era um lindo rapaz, ali onde o vês, nem parece o mesmo com os pés tortos e encostado á bengala... Porem, eu, dei-lhe sempre p'ra traz, conservei-me donzella até hoje, e, com a ajuda de Deus, espero morrer assim.

— Mas que coisa! — repetiu a Canaria deixando-se absorver melancolicamente na contemplação d'aquella esterilidade confessada e desejada...

Angela, como começára as confidencias ácerca da sua virtude corporal, continuou:

— Do que eu gostei sempre foi d'isto de santos e de padres, principalmente de missionarios. É gente limpa, mais aceada, barba feita e cheiram áquelle incensinho das festas, coisa que me consola o peito. Não fazes ideia, moça, de como eu me sinto bem, quando vejo um senhor padre vir com o thuribulo deitar aquelle fuminho sagrado pela cara dos outros! Toda eu me regalo. No ceu deve de ser assim. Eu vou sempre p'ra junto da capella mór por causa d'aquelles ricos cheiros. Com a cantoria do coro, com o sermão, com as reverencias, com as luzes, com as lindas vestimentas, sinto uma consolação, que não imaginas!... Lá por cima, ao lado do Senhor, entre os anjinhos deve ser assim. Quem me déra, quem me déra!...

E toda se remexia no banquinho em que estava sentada; a sua voz era mais edulcurada que nunca, havia

evidente sensualidade no que confessava. A Rita olhava para ella, de cada vez mais pasmada, nunca ouvira coisas taes; á sua organisação forte e alegre repugnavam aquellas denguices espapadas de cuvilheira. No seu tear, com o barulho do batedor acompanhando as suas cantigas, ou, ao lado de seu pae, com a enxada na mão cavando a terra em dias soalheiros de primavera, sentia-se feliz e isto era o que convinha á sua natureza campesina. Descançando as mãos no regaço, escutava attonita o que ouvia, e repetia pela terceira vez:

— Mas que coisa! Gostar de missionarios e de santos e não gostar dos homes!...

— Tambem tu não gostas. Se andas sempre aqui e acolá, como as borboletas, é que não gostas.

— Ai! eu gosto, sim senhora. E hei de me casar, mas, por ora, não. E a razão é que, depois nunca mais cantarei.

— Então casa com o Chico da Mó, que te quer.

— C'o'esse, não, tia Angela. Tenho medo que elle me faça, como o bisavô fez á bisavó.

*

* *

A beata não se teve que, logo n'essa noite, não fosse metter tudo no bico á Antonia, que a recebeu com uma infusa de vinho e uns doces, que o seu Zé trouxera n'esse dia da villa, onde fôra buscar seiscentos mil reis, que levantara na Misericordia, para occorrer

ás despezas do bruxedo do filho, feito pela Rita Canaria.

— Ora veja, o poder d'aquella Alonsa! — confidenciava. — Ainda lá fomos, pela primeira vez, ha duas semanas e já a moça lhe anda voltada como vê.

— Tambem lh'o pagarei — disse a velha.— A'manhã vem ahi o home d'ella buscar umas quarenta moedas, que nos pediu emprestadas, para comprar o campo, á banda do d'ella. Nós não lhe queremos papel nenhum e se o nosso Chico deixar a tal tronga, até consideramos como dado esse dinheiro, entende?

— Entendo, entendo perfeitamente. O ceu, tia Antonia, fica-nos de graça, porque o compramos com resas; mas os esconjuros só a poder de dinheiro.

— Mas—disse Antonia—onde metterá aquella Alonsa, esse tanto, que ganha, não me dirá?

— Pois não sabe?...

— Eu, não senhora.

— Pois é o home, um jogador, sempre com amasias, que lhe dá cabo de tudo!

— E ella, porque não dá feitiçaria a essas bebedas?

— Terá dado, terá; mas santos de casa... Depois, ella, é uma perdida pelo maroto. Antes o quer ver com outras e tel-o algumas noites em casa, do que perdel-o p'ra sempre. Fraquezas da carne que eu, louvado Nosso Senhor, nunca tive.

— Mas vamos ao nosso caso — retrocedeu Antonia. Então a onzeneira da Canaria anda-lhe a modo...

— Meia voltada, como lhe disse.

— Mas elles ainda honte vieram juntos da fonte do Salgueiro. Houve quem os visse e m'o veio contar.

— Anda meia voltada, tia Antonia, sou eu que lh'o digo.

— Mas o rapaz é que não está por isso. De cada vez mais casmurro. Honte não comeu o caldo.

— É que o remedio fez mais effeito n'ella do que n'elle. Eu deitei-lhe a tal aguinha na tijella d'ella e vomecê?...

— Eu do mesmo modo no vinho d'elle. Mas deixe, tia Angela, que não tem duvida... Amanhã, o da Alonsa, traz-me o tal remedio forte, que serve só p'ra homes não gostarem das mulheres. Sabe? aquelle que leva aquellas muitas coisas que vomecê leu no papel do padre Feitosa.

— Ah! sim? Sempre lh'o manda? — exclamou Angela, com grande apreço.

— Se não o troufer, não leva o dinheiro que se lhe prometteu.

— Pois mette vomecê uma lança em Africa! Estou certa que é por ser p'ra si, que ella fez essa menzinhice com coisas que custam caro, como fogo, e vemde fóra. Sei de pessoa que lh'offereceu um bom par de moedas e não lh'o arranjou.

Antonia affirmou com animo generoso:

— Tamem não lhe puz preço. Que m'o arranjasse e não olhasse a despesas. O qu'eu quero é que me afaste o rapaz da moça e dou o que me pedirem. Ainda que fosse preciso vender a camisa do corpo.

Angela continuava a ensopar o doce na malga de

vinho e nos intervalos da mastigação, mesmo com a bocca cheia, ia dizendo:

— O que fazem mulheres, tia Antonia! Se todas fossem puras e castas, como eu, não haveria tantas mães afflictas como vocemecê.

E sentindo-se linguareira, com a segunda dose de bebida e mais o doce, que a generosidade da velha da Mó lhe proporcionára, abriu-se em confissões:

— Que eu nunca senti d'essas cocegas. Cá me arranjo com os meus santinhos. Aquelle S. Gonçalo do Soccorro é um homem perfeito: se andasse agora cá n'este mundo comia-me por um pé; mas acho mais bonito o Santo Antonio da Miranda. Não será assim um corpo tão alentado; mas é mais bonito. Com esse, se elle fôra de carne e osso, é que eu me perderia, é que eu me casaria, confesso a minha fraqueza. Seria o unico que eu deixaria tocar na minha pelle com as suas mãos bemditas. Que esta pelle nunca sentiu dedos d'home — confirmou batendo no descarnado peito, palmadas de protesto. Quando o demonio — grande maroto, que vives lá nas profundas! — me representa algum rapaz em sonhos, eu vou a correr dizel-o ao senhor padre Antonio missionario, se ahi se encontra. Logo que esperto d'algum d'estes sonhos malditos, que tanto inquietam a carne da gente, grito para que me ouçam no céu: — «Abrenuncio! Vadé-retró, Satanaz!» Porque, isto, são tudo gaifonas do mafarrico, para tentar as mulheres castas, como eu! Mas está enganado que hei de ser sempre fiel, até á ultima, ao grande Esposo, que é Christo. Vivo contente com os meus san-

tos e os meus missionairinhos, que me consolam a vida. E adeus, tia Antonia, que se faz tarde e esses caminhos são muito escuros e pode apparecer algum malvado... Tem-te! lingua, que já fallastes de mais.

— Então não vae mais um golo?

— Por hoje 'stou satisfeita. Pague-lh'o Deus.

— Então leve p'ra casa. Isto (apontou uma grande rosca de pão de ló) é para a Alonsa.

E deu-lhe uma porção de bolos cobertos e uma infusa de vinho, que a Angela agradeceu reconhecida:

— Muito obrigadinha. Seja pelas bemditas almas. É para adoçar a gargantinha nos meus desfallecimentos, que os tenho e grandes, depois das resas.

VII

A Rita, apesar do seu genio sempre alegre, andava assustada com o que lhe dissera Angela e com o parecer do conversado, depois que n'ella sentira differença. O Chico, silencioso, macambusio, olhar vago... apertava-a com perguntas, inquirindo-a para saber a razão da mudança:

— E' que te anda por ahi outro na cola... — insinuou.

— Não anda, moço! Eu de derriços até estou farta.

— Então tamem de mim?...

— De todos — disse suspirando, ao mesmo tempo que limpava uma lagrima, do canto do olho, com uma das pontas do lenço da cabeça. Não me tem dado senão afflicções.

— Que afflicções te tenho dado eu, que não vejo mais nada n'este mundo, senão a ti?

— Isto é modo de fallar — consolou-o, já arrependida, ao sentir-lhe uma tremura chorosa na voz. De to-

dos, de ti é de quem mais tenho gostado. Até parece que me destes alguma peçonha...

— Isso deste-m'a tu a mim, por uma força. Ha dias p'ra cá, ao depois que te vejo assim a modo de variada, trago um nó na garganta, que nem comida, nem bebida me passa bem.

— Que peçonha t'havia de eu dar, maluco!

— Lá a minha mãe, é que diz. Eu até m'arreneguei e sahi pela porta, sem comer, e andei pelos caminhos até muito de noite. Passei-te á porta mais de doze vezes.

— Ora, a tua mãe, que rese n'umas contas. Melhor faria, do que andar de volta com feiticeiras. Já me disseram que ella vae á do Cabrão. Quem sabe, se isto que anda agora comigo é bruxedo?...

O Chico surpreso, recuou um passo, deu uma palmada na testa exclamando:

— Táte! que então é quando diz que vae á villa e a casa do meu tio d'Ervelim, e por lá se demora, que ella deita á feiticeira! Uma vez até foi tão de noite que eu não o soube senão pela manhã!

— Vê lá, tu, Chico, como uma pessoa anda sugeita, a que lhe façam feitiçarias, que nos podem levar á cova. Ná! E' melhor tu aquellares por outra parte. A tua mãe quer-te rapariga de teres, e eu de teres só tenho estes... — concluiu mostrando os seus dois formosos braços de trabalho.

— Não m'o digas assim, moça, que faço uma! Arrebento tudo! pae, mãe, tu, não fica ninguem e depois atiro-me ao rio com uma pedra ao pescoço.

Tão forte e compressivo foi o tom em que disse isto, que a rapariga tremeu dos pés á cabeça, e os cabellos puzeram-se-lhe em pé! Nunca ouvira palavras assim a ninguem! Fôra uma ameaça e uma jura, negra como o peccado, pois que nem o pae, nem a mãe elle poupa-ria! Viu-o transformado pela ira! Parecia que um de-monio fallava de dentro do namorado! Aquelle rapaz tão manso, tão cativo das suas graças d'ella, tivera tal arremettida de mau genio, que parecia um toiro furioso que afrontasse a aguilhada que injustamente o picára. O coração de Rita pôz-se pequeno como uma pulga, todo o seu desejo seria não estar ali, ou desapparecer n'um vôo de sombra, para não mais o ver. A razão, mais que a sensibilidade, aconselhou-lhe a que o acalmasse:

— Não digas isso, moço! Olha que Deus ouve-te e pode-te castigar.

Mais o exaltou esta evocação suprema. Desappare-cera-lhe do coração toda a ternura com medo de per-der a moça e exclamou:

— Nem de Deus, nem do diabo, tenho medo! Se tu me foges, arraso tudo!

Veio-lhe uma convulsão de choro com soluços, que apanhava no canhão da vestia, quasi envergonhado da sua fraqueza. Confrangia ouvil-o com a testa encostada ao muro da fonte, n'esta linda noite luarenga de se-tembro. O rumor do seu pranto abafava o do gorgo-lejo da agua, cahindo no cantaro, que já transbordava. Uma ave noctivaga passou-lhes sobre a cabeça, talvez fosse coruja que recolhesse á torre da egreja que era

ali perto. E a Rita, ao mesmo tempo que lhe tinha medo, estava com piedade d'elle.

— Cala-te, castigo! — dizia — Socega maluco, que eu não te fujo. Não me vês aqui?

— Vejo, mas já não és a mesma como d'antes. Já me não dizes cantigas...

— Estou eu bem, agora, para cantigas...

— E eu que de cada vez gosto mais de ti. Gosto mais de ti que os peixes gostam da agua. Tu é que não...

— Gosto, tolo, gosto. Verás que eu gosto de ti. Mas a tua mãe que me não ande a fazer bruxedo, que eu até já não ando boa cá de dentro.

— Minha mãe não tem nada comnosco — disse com vehemencia. — Casando, saio de casa, arrendamos uns campos, trabalho eu, trabalhas tu commigo e no tear; ajudamo-nos e havemos de viver com a graça de Deus — concluiu com resolução, cheio de coragem e de esperança.

*

* *

Separaram-se, na apparencia reconciliados. Porém o demonio da suspeita de que a Rita o queria deixar, como fizera a outros, não largava o Chico. Mordera-lhe o coração, envenenando-lhe o sangue, a peçonhenta suspeita. Quando não estava junto d'ella, o sol não o aquecia; boiava n'um mar de receios, sempre macambuzio, o olhar sombrio e absorto, a má ideia fixa a tortural-o, o peito replecto de tenebrosos prenuncios. Na

sua obsessão, só via outros rapazes que a desejavam e ella preferia agora, outros e muitos a quem sorria com os sorrisos que eram só d'elle, e a quem ella não afastava com palavras de desengano e despreso, como devia. Estas tremendas duvidas, que no seu scismar constante se transformavam em certesas, traziam-no alterado de sangue e de genio. Em casa, por causa da teimosa opposição da mãe, que lhe estava sempre a repetir palavras contra a Canaria, ainda era peior do que por fóra. Não comia com satisfação, ia de má vontade para o trabalho, quando voltava á noite não dava a salvação aos paes com o agrado e respeito antigos. Atirava para um canto a enxada com arremeço de mal humorado. O pae suspirava de sentido e a mãe queixava-se indignada:

— E' aquella zoina, que nol-o pôz n'este estado. Uma duzia de infernos é que ella merecia. Hade os ter ou não ha um Deus no ceu.

O bondoso José Bernás, escutava-a silencioso, as mais das vezes; mas no dia em que o Chico, voltando de estar com a namorada (quando ella lhe deixára na alma a desconfiança de o não amar) ao entrar em casa, se atirou de bruços sobre a cama soluçando, o velho mais uma vez repetiu o seu conselho prudente, á mulher:

— Talvez fosse melhor deixal-os casar. O rapaz morre-te.

A velha exaltou-se, fallando com sanha irosa no meio da cosinha, que era longe do quarto:

— Pois que morra! Já te disse, que antes o quero ver

n'um esquife, do que casado com aquella coia! Em vez da roupa de casamento, antes a mortalha de defunto, entendes? Em quanto eu fôr viva...

Era o mesmo genio violento e sombrio do avô, que matára a mulher, n'um repente de ciume injustificado, e que herdado por Antonia, esta transmittira ao filho que adorava. O paciente Bernás apenas disse suspiroso, erguendo os olhos pela chaminé acima:

— Que Deus nos illumine a todos!...

*

* *

Por seu lado, a Rita, assustada com a ultima conversa que tivera com o namorado, não pregou olho em toda a noite, chegando a tia Ignacia, que não era muito de carinhos, a perguntar-lhe de novo:

— Que tens tu, moça! Andas doente? Dil-o que se vae ao senhor medico da villa.

— Não tia, não é preciso. Hade ser d'estes calores.

Porém, mal despontou o dia, ella ergueu-se, indo para o tear tecer, no intuito de espalhar a sua dor cantando, de diluir, no barulho do trabalho, aquellas ideias funestas, que lhe ensombravam o coração. Pouco conseguiu, continuando os receios a parafusal-a, não encontrando, na sua mente, luz que bem lhe alumiasse o caminho a seguir. Ergueu-se, sahindo sem dizer palavra. Dirigiu-se a casa da Angela, que elegêra confidente das suas maguas, para lhe fallar do caso. Queria um conselho,

que bem a guiasse na maneira de se separar do Chico, que já temia mais, do que amava.

— De cada vez lhe tenho mais medo, digo-lh'o como quem se confessa, — concluiu, depois de referir as ameaças do namorado, á mãe, ao pae e a ella!

A beata, vendo-a firme no proposito, pensou em lhe contradizer moderadamente a vontade, para melhor assegurar a execução:

— Não tenhas pressa, rapariga. Pouco a pouco, vae pouco a pouco. Elle vendo que tu lhe dás de mão aborrece-se de ti e rema para outra banda.

— Oh quem déra! Nossa Senhora a ouça, tia Angela. Se a senhora do Alivio me alivia d'esta afflicção, vou-lhe fazer uma romaria de joelhos.

— Ha por ahi muita moça chibante, ainda que tu cá na Cerda, sejas a primeira.

— Antes não fôra. De que me serve? Serve-me para me ver agora n'estas afflicções...

A beata recreava-se, com o desfazer d'estes amores, em cuja intriga tomava parte. A sua sensualidade negativa gosava com a catastrophe d'este coração, generoso e amplo para amar, vendo voar, em poeira, um mundo d'illusões da mocidade. Que parte attribuiria ella n'este derruir do bello e fragil, mas encantador palacio, construido pela imaginação buliçosa d'uma camponesa ingenua, aos bruxedos d'Alonsa, e que parte ás suas resas e peitas aos santos da sua devoção com quem se apegara? Talvez menos, que ás suas intrigas de cuvilheira mestra na arte de indispor bemavindos. E para

melhor espalmar a alma afflicta da rapariga, que via chorosa deante de si, continuou assim:

— Que quereis vós, moças! Sois novas, chieiras, com muita presumpção no palminho da cara, e d'ahi cahis na rede que o demonio vos arma. Depois é chorar na cama, que é logar quente. Tu então com as cantigas...

— Pois já me aborrecem as cantigas e não canto mais — protestou. Antes eu fosse como vocemecê que só gosta de santos...

Então, a beata, vendo-se applaudida na sua penuria organica, mais uma vez exultou:

— Ah! filha, que não ha socego maior. Elles não ralham, não batem na gente, não nos dão desgostos com amasias, nem com outros peccados. E' um regalinho gostar d'elles, acredita...

E com vozi nfinitamente adocicada e meliflua accrescentou:

— E os senhores padres missionarios? E' gente muito bem creada. Quando se frequenta a egreja e se gosta de santos, não ha vontadinha que nos não façam. Elle é a confissão e a santa communhão, quando a gente lh'a pede; elle é o empenho para se arranjar uma esmola ou livrar de soldado um sobrinho, se a gente precisa; elle é o bom tratamento no hospital, onde haja irmãs de caridade... Se por desgraça p'ra lá precisamos d'entrar somos tratadas como rainhas, quando levamos recommendação do nosso confessor. Não fazes ideia, rapariga, do que são os senhores missionarios, quando vêem que a gente gosta dos santos e frequenta a egreja.

— É o que vou fazer agora — dizia a cantadeira limpando as lagrimas, n'uma voz lamentosa.

— Faz, moça, faz. Vem p'ra cá. Verás como te dás bem com os santos, que são mudos e nos não ralam o coração com más palavras, como esses homes que p'ra'hi vejo, tão brutos que até batem nas mulheres.

Porém, vendo-a callada e irresoluta, accrescentou com sorriso desconfiado e triste:

— Mas não vens, não, bem o percebo. Vós gostaes mais dos divertimentos, que mettem no inferno. Isto de resas, parece-vos triste... Então, tu, com essa paixão das cantigas .. És a cantadeira da Cerda, conhecem-te em todas as romarias...

— A gente é nova — considerou — e para se remetter á tristesa n'esta edade...

— Logo vi, queres casar... Pois casa, mas antes, cata o que fazes, como diz o ditado. O bisavô d'este Chico matou a mulher, lembra-te bem d'isso.

— Ah! com elle, nem por sombras. De mais a mais, a velha, anda-me a querer deitar feitiço.

— Isso não anda!... — sondou indagadora.

— Anda, sim senhora, que m'o disse a Rosaria Chóca, que a viu sahir de casa da feiticeira do Cabrão. Para que vae ella lá, senão p'ra me tirar o moço? Pois não precisa de me fazer mal p'ra isso, que eu não lh'o quero, nem pintado! Um maluco!

— Estou-te varada, rapariga! Pois a mim ainda me não tocou n'um cabello d'isso. Pois fallo muitas vezes com ella e até lhe vou a casa.

— Pois, quanto ao filho, se quizer diga-lhe que eu

não lh'o quero. Se é por causa da riquesa que a guarde, que meu pae e a minha tia, já me disseram que o largasse, que nós nos governamos bem, sem o dinheiro d'elles. A tal mãe, que tem cara de alma penada, disseram-me que anda por ahi a espalhar coisas contra a minha virtude e um dia racho-lhe a cabeça.

— Isso não o faças, mas tens muita razão. Tu gostas de cantigas; mas és uma rapariga séria.

— E sou, sim senhora, ninguem tem nada que me diga! Cantar não faz mal. Se a gente tem as palavras na garganta é para as dizer...

— Stá sabido. Eu, no teu caso, com todas essas coisas, tamem lhe não queria o rapaz.

— E não quero, que o guarde. Hoje mesmo, quando for á fonte do Salgueiro, vou-lhe dar o desengano. Elle não me hade matar e se me quizer fazer algum mal, eu grito.

*

* *

A arteira da Angela, mal a rapariga sahiu, poz-se a caminho para informar a mãe do Chico do que se passava. Toda ella era precauções para não ser vista, principalmente de pessoas que o podessem dizer á cantadeira! Por isso, em quanto palmilhava o caminho e para o caso de lhe perguntarem aonde ia, levava sobraçado um saquito de roupa para a casa da Torre. Porém, logo que se viu perto da Mó, metteu ligeira a um atalho escuro e ensombrado, que a conduzia justamente

defronte da porta d'Antonia, o que conseguiu, sem encontro, que a prejudicasse nas suas ardilezas.

Entrou pela cozinha dentro, precipitadamente, como se fôra criminoso, que se escondesse de perseguição da justiça. Deitando para traz olhar indagador, com o fim de assentar que não fòra seguida por viv'alma, disse n'uma voz de pressa, para a dona da casa que a recebeu admirada, perguntando-lhe:

— Então que é isso, tia Angela! Vem a fugir do lobo?!...

— Não, santinha. Está sósinha?

— Sósinha como um penedo só. Os homes andam a cortar milho, a rapariga foi p'rá fonte.

— Pois tenho novidade grande! Queria conversar comsigo, em muito segredo, coisa só entre nós duas!

— Assusta-me, tia Angela. E' coisa boa que lhe mandasse dizer a Alonsa? — indagou.

— Boa e muito boa. D'aqui — disse puxando o lobulo da orelha. — Mas que não venha a rapariga — receiou.

Por isso a Antonia a metteu para o quarto onde dormia, trancando por dentro a porta com um banco de pau, que atravessou.

— Aqui só se entrarem pelo telhado; porque do quinteiro está a chave por dentro, como vê, — assegurou a velha. Mas que coisa será, essa, que vomecê me traz? — accrescentou immensamente interessada.

A quadra estava cheia do fumo, que viera da cosinha e se não sumira na telha vã. Angela mostrando grande cançasso da pressa com que entrara, assentou-se

na caixa do pão, que estava ao lado da cama. E desafogando com largo suspiro, começou:

— Esta novidade vale por todas. Vocemecê hoje vae crescer um palmo.

— Desembuche creatura, que me 'stá a fazer crescer agua na bocca.

— Pois digo-lhe já, de verdade, que o derriço da cantadeira com o seu filho, vae acabar hoje.

— E quem l'o disse?

— A rapariga mesmo, na minha casa, ainda ha um instante.

A revelhida cara d'Antonia, toda cortada de rugas, abriu-se n'um riso, feio e vingativo, o que lhe tornava o semblante mais escuro e mais esqueletico. Não era riso, era esgar, uma expressão má e diabolica, acompanhada d'um pôr de mãos seccas e descarnadas sobre a tabua do peito, dizendo:

— Ai! mulher, que lhe arrebento de contente!

— Veja vocemecê, tia Antonia — continuou a ardilosa beata — o poder dos bruxedos d'Alonsa, das nossas resas e *dos meus conselhos* — sublinhou. O ceu ainda lhe pode muito contra o inferno! Os demonios nunca poderão vencer os santos e a gente boa como nós.

— Mas será isso certo?! — duvidou a da Mó, para melhor se certificar. Que a tal coia o dissesse, acredito; porque vocemecê lh'o ouviu, mas do dizel-o, ao fazel-o...

— Olhe que faz, senhora Antonia.

— Não me fio em lonas. Ella ha de ser uma aldrabona, como a tia Secca. Olhe que esses campos, que

nós temos por ahi abaixo, (acompanhou-se d'um aceno de cabeça, designando toda a terra da Mó) valem muito e elles não tem onde cair mortos. Elles não tem senão o dia e a noite — considerou a avara.

— Está aborrecida d'elle, não se importa com os teres, affirmou-m'o. Eu para lhe dizer a verdade acredito-a. Esta rapariga é como as abelhas, pousa aqui, pousa ali. Ella do que mais gosta é de derriços e tem tido duzias.

— Nosso Senhor a oiça e que vá p'ra onde não faça mal. Vocemecê muito tem feito, sei quanto lhe devo. Mas é hoje que ella lhe dá o desengano?

— A' noite, na fonte do Salgueiro.

— Irei lá espreitar. O meu rapaz quando se afflige dão-lhe umas vadiices pela cabeça e cae redondo. E' preciso deitar-lhe agua na cara e chegar-lhe vinagre ao nariz. Quero acudir-lhe se tal acontecer.

Angela disse ironica:

— Vocemecê vae; mas é p'ra ver se ella lh'o diz a sério...

— Tamem isso, confesso o meu peccado.

— Mas que elles não desconfiem, se não está todo o caldo entornado — preveniu a beata.

— Ná! Vou antes e escondo-me no adro, por detraz do muro. Quero ver com estes e ouvir com estes. O remedio d'Alonsa, que tão caro me custou, nada fez. Depois de o tomar principiou mais scismatico do que nunca, por causa da desavergonhada.

— Se esse não *aquellou* n'elle, o outro que dei á rapariga no caldo foi quasi de repente. Depois — escla-

receu — estas coisas, se acontece apartarem d'um lado que seja, vem a dar na mesma, porque sempre é apartar.

Antonia concordou:

— Lá n'isso tem vocemecê carradas de rezão. Apartar d'um lado, é apartar dos dois. Olhe que os nossos santos, os seus e os meus, tem trabalhado a valer lá com Nosso Senhor. Apeguei-me com S. José dos Perseguidos, que já me tem feito muitos milagres e vou lá domingo levar-lhe uma boa promessa.

Angela, mestra n'estes assumptos do ceu explicou:

— Os santos são todos uns pelos outros, como irmãos. Lá no reino celestial, conversam entre si, e quando um d'elles tem um grande empenho, os outros ajudam e Nosso Senhor ouve-os. Talqualmente como nós cá na terra...

— Pode ser assim, pode — concordou Antonia. Deve ser bonito, elles a fallarem uns com os outros...

— Quem me déra, ver isso! — confessou suspirosa. Queria ir ao ceu ainda que mais não fosse, para beijar os pés de Nossa Senhora e do menino Jesus. Mas não sei se o merecerei...

— Credo, mulher! Se vomecê p'ra lá não vae, quem irá?

— Ai! filha! O caminho é muito estreito, da largura do fundo d'uma agulha! Quem poderá passar por elle?

— Assim, ninguem! — confessou a velha da Mó. Eu não sabia, que era por um buraquinho assim, que tinha de se entrar no ceu.

Angela sorriu-se docemente, como de quem sabe coisas especiaes em materia de doutrina. E explicou:

— Dizem-no os senhores missionarios. Mas não é o corpo, tia Antonia, é a alma que tem de passar. A alma não faz *bulto*, é assim como um bafo que sae da bocca da gente. Um morre e ella lá vae p'rá bemaventurança, se Deus a chamar.

— Ah! assim pode ser! — acceitou a velha conformada.

A beata despediu-se:

— E vou-me á vida, que me ficou a panellinha ao lume.

A Antonia abriu a caixa do pão, d'onde tirou uma chouriça e embrulhando-a no proprio avental de Angela disse:

— Metta-lhe dentro isto. É a ultima do anno passado.

— Obrigadinha. Não se cança de me fazer bem. Sempre vae á noitinha, ouvir a sentença da rapariga?

— Se vou!...

— Pois ella dá-lh'a. Parece que anda de namoro, com o Zézinho, filho do tenente da bicha. Dizem que o rapaz quer, a toda a força, casar com ella.

— Pois que case com o da bicha ou com outro e me deixe o rapaz em socego.

— Fica hoje consoladinha, não é verdade?

— Ah! muito! Eu lh'o pagarei, tia Angela.

VIII

Cahia a ultima tarde de setembro, com a lentidão calma dos dias venturosos e pacificos d'aldeia! A lida das ceifas e das vindimas continuava sob um sol amoroso e cheia de canticos das raparigas, nos campos fartos. A's ultimas chuvas do equinocio succedera um calor brando, que dava aos corpos um bem estar de caricia. As moscas, já tontas, esvoaçavam n'uma volúpia de repouso, que para ellas seria a morte. Principiavam a debandar as rolas, levando para longe, novas companheiras, fructo dos seus amores nas mattas umbrosas; os gaios ralhavam, passando d'um carvalho a outro; as pegas, de cabeça erguida saltitavam, ao lado dos pardaes, que esgaravatavam nas bostas dos bois jungidos ás dórnas, que, passando, espalhavam pelos caminhos cheiro de môsto.

Era o terminar da ultima tarde de Setembro, o mez do S. Miguel abundante. Os derradeiros raios do sol esmaeciam, absorvidos na terra verde, nos arvoredos

folhudos, nas aguas correntes e murmuras. Porém, a negra escuridade da noite, não viria logo após a retirada do sol saudoso; porque a lua já estava acima do horisonte. Essa luz nova, menos brilhante que a outra, apparecia, como se viesse coada atravez de vidro fosco, que polvilhasse de branco funereo a paisagem, amaciando-lhe os contôrnos. Com esse novo aspecto da natureza coincidia a paz languida das almas; a doce fadiga originada no trabalho campesino convidava ao repouso habitual e a imaginação dos que dormiam amplificava-se no mundo dos sonhos.

A Rita, andára todo o santo dia na ceifa do milho, cantando ao lado de seu pae. Já o luar aclarava montes e valles, quando ella pegou no cantaro para ir á fonte; porem a tia Ignacia propoz-lhe:

— Hoje vou eu, se queres.

— Não tia, hoje quero ir eu.

E sahiu com o cantaro na ilharga, como as mulheres da Galileia; o lenço atado na testa com as pontas para a nuca, a rodilha na mão, a garganta desafogada. Pela encosta abaixo, para o lado da egreja, ia cantarolando melancolicamente:

Virgem mãe, Nossa Senhora,
que tivestes o menino;
dae-me corage na alma,
p'ra 'scolher o meu destino.

Era estreito o caminho, ladeado de silvedos macissos e a cantadeira, como n'um sonho triste, gargan-

teava a sua preoccupação do desenlace com o Chico. Comsigo mesma, ia concertando as palavras que diria, robustecendo o animo com a seguinte affirmativa:

— Não, isto hoje acaba. Já não posso mais. Irra! que é maluco e teimoso!

Mais adiante, já perto da egreja, um morcego esvoaçou-lhe tão perto da cara, que pareceu tocar-lh'a e ella, afastando-o com um gesto largo da mão livre, esconjurou-o:

— Eh! mau agouro, vae p'ra longe!...

O José Bernás e a mulher que a espreitavam por detraz do muro do adro, acotovelaram-se silenciosos, em quanto a rapariga continuava:

Este morcego voante,
E' ave de ruim sorte;
p'rá que tem amor doente,
com febre que lhe dá morte.

— Ouviste home!? — disse Antonia regosijada.

— Ouvi, ouvi. Não sei que me diz o coração...

Momentos depois sentiram passos. Era o Chico que dobrava o cotovello do caminho. Vinha com andar incerto, o chapeu carregado na testa, sem alegria para ver o luar. Parou duas vezes, emquanto passava pela egreja, coordenando idéas. Trazia os braços pendentes, como duas cabeças de malho bamboando. Cravado, na terra que pisava, o olhar sombrio; o animo incerto; no andar o seu corpo oscillava como o d'um bebedo. Os paes seguiam-no com os olhares absorvidos

n'elle. N'uma das vezes que parou e fez menção de retroceder, a Antonia, que esperava ver, d'ahi a pouco, o seu filho liberto d'aquella feitiçaria da Rita, exclamou em voz sumida:

— Jesus! qua elle vae-se embora!...

Mas o rapaz continuou com mais certeira resolução. A namorada esperava-o já com o cantaro a transbordar. O José Bernás e a mulher, n'um espirito commum de prece, foram-se ajoelhar deante da porta da egreja, resando.

*

* *

Tambem a Canaria se sentia inquieta; mas como ao seu genio não quadrassem tristezas que deprimem, recebeu-o com o seu modo natural, como se nada de novo houvesse entre elles:

— Tardastes. Cuidava que não viesses.

— Tive de pensar o gado. Os meus velhos, ainda não chegaram da villa.

— E virás hoje mais 'scorreito do juizo?

— Tenho o juizo 'scorreito, moça. Que terás tu, ou alguem que me dizer?

— Se te parece! Quereres uma coisa que a tua mãe não quer...

— O que é que ella não quer?

— Que nós casemos.

— Então é ella, ou és tu que casas?

— Eu contra vontade dos teus não vou á egreja. Meu pae tambem assim o diz.

— Então, tamem elle já não quer o que queria?

— Ao principio gostou; mas havia de ser á s'tisfação de todos. Agora que tua mãe anda por ahi, a dizer cobras e lagartos de mim, não quer. Uma moça séria, como eu, nas boccas do mundo!... Tomou-me de quezilia e só falla da vossa riqueza, que eu te dei feitiço para apanhar os vossos campos. Ora feitiço, quiz-me ella fazer a mim, andando mettida com a mulher do Cabrão.

— Mas eu não tenho nada com o que faz minha mãe.

— Pois sim, mas dizer o que tem dito, só porque somos pobres!... Meu pae não quer: elle trabalha, eu trabalho e não precisamos do que é vosso.

— Mas é o que eu te tenho dito, moça! Deixa minha mãe com os teres. Arrendam-se mais campos e com os que teu pae já tem, arremediaremos a vida.

— Não que eu conheço o genio de tua mãe e não stou p'ra viver comtigo aqui nas barbas d'ella. Era capaz de me deitar resalgar na comida, ou de me fazer algum bruxedo maior, do que o que tem feito.

— Saímos de cá. Em Ponte ha terras para arrendar, d'um fidalgo que vae viver p'ra Braga e deixa a quinta.

— Sahir d'aqui não sáio, moço. Tenho amor á Cerda. Aqui nasci, d'aqui era a minha mãe, que está enterrada na nossa egreja. Não, d'aqui não sáio.

Se a Rita estivesse em estado de o julgar, veria que o namorado empallidecia gradualmente, a modo que ella o ia contradizendo. Os beiços já lhe tremiam, quando considerou:

— Mas isso vae direito a dizeres que me deixas.

— Os fados assim o querem. Has de encontrar outra de mais gosto de tua mãe.

— Rita! — pronunciou o Chico, já exaltado. Repara bem no que te digo! Eu não quero outra. Tu é que tens outro conversado.

— Jesus! home. Tenho lá conversado nenhum! Juro-t'o.

— Tens e até sei quem elle é, que m'o disseram.

— Então quem? — perguntou.

— O filho do tenente da bicha.

A rapariga deu uma gargalhada contrafeita:

— Olha o melicas! se eu queria aquillo. Não tenhas zelos, Chico! Com esse não.

— Então é com outro — indagou firmemente.

— Não é com nenhum; mas as mulheres são p'ra casar. Lá porque a tua mãe me não quer p'ra nóra...

— Toma tento Rita! Ja t'o disse uma vez. Não sendo minha, não hasde ser d'outro. Por esta luz que nos alumia!...

— Ora Chico, acabemos com isto. E's rico não te hão de faltar moças, melhores que a mim.

— Mas eu não quero outra.

— Meu pae já me deu o desengano. Eu vou pelo que me diz, meu pae.

— Vou fallar outra vez com elle.

— Não vás. Elle não muda.

— E tu?

— Já te disse, que vou pelo que me diz meu pae.

— Mulher! — pronunciou tremendo. Vê como fallas!

Não me deites a perder! Pode ser uma grande desgraça!

— Ora Chico — disse a Rita com enfado — toma juizo e deixa-me.

E n'um repente alçou com desembaraço o cantaro á cabeça, pondo-o sobre a rodinha.

— Queres-te ir embora assim?! — gritou elle.

— Minha tia não tem agua em casa.

— Mas não vaes d'aqui — pronunciou desvairado, agarrando-lhe um braço — sem prometteres que has de casar comigo.

— Não prometto; porque te não quero enganar. Toma lá o teu annel, que me destes em S. Roque.

O rapaz não lh'o acceitou e o annel cahiu no chão. Ao mesmo tempo, a Rita procurava abrir caminho pelo lado; mas elle pôz-se-lhe na frente. Ella mudou para o outro lado; mas do mesmo modo encontrou a passagem barrada, gritando-lhe o Chico:

— Tu não vaes d'aqui, sem apanhares o annel e dizeres-me o sim!

— Pois eu vou d'aqui e já! Apanha tu o annel que o deixastes cahir — pronunciou resoluta, dando alguns passos.

— Pára, moça, pára! — gritou desvairado e possesso d'uma violenta tremura.

— Elle é o pára — resmungou a Rita, adeantando-se no caminho.

O Chico metteu convulsamente a mão n'um bolso interior da vestia. A lamina d'uma navalha brilhou á luz da lua. Correndo, como louco, alcançou a rapariga vi-

brando-lhe uma, duas, tres e muitas facadas, ao acaso, nas costas e no peito, por onde pôde. O cantaro cahiu para diante, espapando-se no chão, com um som baço de agua que se espalha. A aggredida gritou :

— Jesus ! Quem me acode, que me matam !

E cahiu de bruços estrebuchando.

*

* *

Quem lhe acudiria n'aquelle logar ermo? Só os paes do assassino, que, n'uma grande affiicção, vieram gritando de longe :

— Chico ! Filho ! Que fazes ?!...

Mas, quando chegaram, a rapariga estertorava e o namorado estorcia-se n'um ataque d'epylepsia.

Cortinhas, 11 d'Outubro de 1912.

FIM

JULGAMENTO SECRETO

JULGAMENTO SECRETO

ANTECEDENTES

Mendo e Lena, filhos do magistrado Gregorio e de sua consorte D. Gonçala, tinham respectivamente nove e oito annos. O nosso juiz era togado, como *Bridoye* de *Rabelais*, homem sincero, que tinha o habito de ataviar os seus discursos com sabios exemplos e substanciaes anedoctas, deixando á sorte dos dados as conclusões das sentenças, nos milhares de processos que folheou, durante a sua longa e brilhante carreira. Como elle, Gregorio preoccupava-se com as responsabilidades, perante Deus e perante os homens, do grave mister de julgador. Tendo grande talento especulativo, emaranhava-se nas razões do *pró* e do *contra*, decidindo muitas vezes, por motivos de mero acaso: palavra avulsa que ouvisse, som de vento que escutasse, sombra de arvore a que se acolhesse, conflictos de animaes ou de homens que presenciasse... tudo lhe servia para laborações mentaes, d'onde sahiam penas e

absolvições. O caso da laranjeira, plantada ou nascida desde tempos immemoriaes na linha onde se tocavam as extremas de dois campos, um do *Coxo* outro do *Aleijado*, trazia-lhe toda a vida mental presa, como já preoccupara duzias de magistrados, seus antecessores. Era caso de rixa velha e não se sabia quem deveria colher os saborosos fructos da fallada arvore! Em dia assignalado de cada anno, os dois inimigos provocavam-se para estarem, á mesma hora, junto da laranjeira da qual se propunham tirar as laranjas. Pegavam-se em bulha féra, até se esmoucarem por forma, que ambos ficavam impossibilitados de realisar os seus intentos, abandonando os amarellos pomos, que chegavam a cahir de podres, visto ninguem os aproveitar na aldeia, onde se attribuia ao succo d'aquellas laranjas, mesmo a distancia, poder malefico, gerador de desordens. Estes repetidos e periodicos conflictos aqueciam, desde muita antiguidade, o odio entre as familias do Coxo e do Aleijado, vindo esse rancôr, como herança fatidica, de paes a filhos. Na acção de posse, intentada por cada um contra o outro, intervieram dezenas de conspicuos magistrados, passeando sobre as folhas amarellentas dos autos as suas mãos esqueleticas e os seus oculos redondos, sem nada concluirem. Por isso, Gregorio, fazia de tal decisão gloria e timbre, se a ella chegasse. A' mesa e á brazeira fallava copiosamente do caso, pesquisando-o, e n'elle instruindo D. Gonçala, para que o inspirasse com alguma lembrança das suas. Mendo e Lena tudo escutavam absorvidos e tambem sentiam os seus inconsistentes cerebros atu-

lhados de textos juridicos, considerações philosophicas, preceitos de tribunaes, nomes de magistrados... o que lhes trazia a mente separada de qualquer outro cuidado... Havia a acção civel com duas partes, havia a acção criminal com dois reus. O sentimento dramatico, sempre vivo nas creanças, pois amam peripecias, denuncias, confissões e negativas de testemunhas, alterava os somnos dos dois irmãos. Mais presos ficaram ao caso, quando ouviram sua mãe perguntar ao marido:

— Ha quanto tempo dura isto?!...

— Quem o saberá?!...

— Desde o diluvio?!...

— Com certeza desde seculos — disse o juiz. — Os mais edosos d'aqui já ouviam fallar d'este processo a seus avós, que o referiam pelo terem colhido d'outros velhos tambem. A demanda e as bulhas teem vindo por successão nas familias do Coxo e do Aleijado. Provas attinentes ao direito de propriedade são aos montes, d'um e d'outro lado. Isto é um mal, ainda que pareça um bem, visto ter gerado a protelação e a perplexidade. Processo celebre nos annaes dos julgamentos humanos, Gonçala! Fama e grande adquirirá o magistrado que lhe achar remate!

— E porque não serás tu, Gregorio?

Elle bateu na testa dizendo:

— Para isso, precisa-se d'um Salomão, filha! Tenho aqui muitas idéas represadas, é certo; mas não sahem!... Se tal succedesse, meus filhos, terieis glorioso pae! — accentuou, voltado para a prole attenta.

I

Instrucção do processo

Mendo e Lena, imbuidos de espirito julgador, brincavam sob uma latada acolchoada de loiros cachos, quando chegou Alonsa, rapariga roliça, de cara gorda, com o alguidar da comida para o *Garoto* e o *Tareco*, valentes mastins, que o juiz Gregorio tinha em grande conta, por causa dos ladrões da capoeira. Collocada a farta ração, para os dois, no meio do quinteiro, logo elles appareceram resmungando: encrespava-se-lhes o pello do pescoço e o da espinha; traziam os dentes formidaveis á mostra, sobresahindo no vermelho das gengivas; roçavam-se um pelo outro, pimpões e ameaçadores! N'este estado começaram o repasto, soffregamente, resmungando... Porém, ainda minutos não eram passados e já se levantavam sanhudos, corpo contra corpo, rebolando-se pelo chão feitos n'um feixe, mordendo-se com entranhada ferocidade! Pela terra negra entornou-se a comida; da cosinha veiu Alonsa gritando com uma acha na mão possante; na varanda appareceu o juiz Gregorio, de solemnes suissas e de lusidia calva, distribuindo sobre o acontecimento gestos irados!... Socegaram os cães, pelo temor separados, principiando a lamber, cada um por seu lado e á pressa, o chão, onde o alguidar se entornara. Entrou-se n'um periodo

de socego, que o conspicuo magistrado assignalou, ao retirar-se, formulando este conceito profundo:

— São o *Coxo* e o *Aleijado*, estes malditos!...

Foi propulsor de inspiração para Mendo e sua irmã o dizer do juiz Gregorio!... As sopas eram as laranjas, o alguidar que as continha a laranjeira. D'aqui a idéa do julgamento do Garoto e do Tareco. Aquelles cerebros vivazes já tinham colhido por si os elementos de culpa, com que podiam instruir um *summario* e formular uma *pronuncia*. Conheciam esta velha contenda, melhor do que seu pae, a do Coxo e do Aleijado; haviam penetrado a psychologia do crime, attribuindo-lhe como fundamento a gula e a inveja; conservavam presentes na memoria os conflictos diarios entre os cães, com mais clareza do que o juiz Gregorio as contendas, entre os propostos donos das laranjas, pois nunca as podera presencear!...

O ponto de direito á posse da arvore e seus fructos tinha bons argumentos d'um e d'outro lado; a culpabilidade por causa das desordens era egual nos factos conhecidos e nos accessorios. O mesmo com as sopas do Garoto e do Tareco, tão responsaveis em face da justiça dos animaes, como o Coxo e o Aleijado perante a dos homens. Afastada a razão especiosa da maior necessidade que, qualquer dos brutos ou qualquer dos pensantes, tivesse da comida, ficava em pé o poderem obter com outros fundamentos, no todo ou em parte, o objecto contestado. Com bom criterio e vigor se prepararam, os dois irmãos, para organisarem a

II

Constituição do tribunal.

Na ampla e bem illuminada casa da tulha entraram Garoto e Tareco, de baraço ao pescoço, já como penitentes, trazidos por Mendo e Lena. Testemunhas presenciaes dos conflictos diarios eram:

Suim — o porco que seria morto pelo Natal.

Baló — o anho que regalaria a mesa na Pascoa.

Tinó — o tagarella papagaio.

Justina — a gallinha preta, boa criadeira de pintos.

Chapa — a pata dos ovos grandes.

Gré-Gré — a pega domestica, chocalheira e ladra.

Zigra — a gata de D. Gonçala.

Estes depoentes tambem eram offendidos e aggravados. Todos os dias consideravam a sua existencia ameaçada, quando os mastins de dentuça forte se atiravam um contra o outro, rebolando os seus corpos pelo terreiro! Era sempre uma balburdia e uma desordem! Nem a gallinha podia esgaravatar para a sua ninhada, nem a pega palrear tranquilla, nem o porco fossar a terra, nem o cordeiro retouçar na herva, nem a pata banhar-se, nem a gata espreitar os ratos, nem o papagaio fazer-se ouvir nas suas chalaças... Este é quem mais escandalisado se sentia, pois tambem era animal de mais mimo, de mais bella plumagem e de

mais vaidosa intelligencia. Qual o motivo das successivas desavenças?! — cogitava Tinó. A vulgar comida, de que elle tinha o comedouro bem provido e farto, a ponto de a desperdiçar no chão, para que d'ella viessem servir-se os pombos e passaros vadios, que do alto do seu throno elle via humilhados e soffregos. Era verdadeiramente inaudito!

Presidiria ao tribunal um porta-machado de nome *Zarrão*, desgracioso boneco, de grandes barbas e soberba barretina, com que haviam presenteado Mendo. A defesa dos reus, a parte da misericordia humana, represental-a-ia *Mimi*, a boneca de Lena, toda secia e vestida de seda, com a sua carinha angelical e rosada, olhos d'um retalho de ceu azul. Os dois filhos do magistrado, dirigiriam a audiencia consoante as regras, colhidas em conversas á mesa e as presenciadas n'um julgamento celebre, a que haviam assistido, com o fim de admirar o talento paterno.

Na casa da tulha, sob a presidencia amedrontadora de *Zarrão*, a assistencia carinhosa de *Mimi*, presentes os reus, e testemunhas á mão, foi aberta a

III

Audiencia.

Mas faltava ainda o ministerio publico, o representante da sociedade. No apertado do momento não tiveram melhor do que o travesseiro da cama da Alonsa, que era de pesada muinha. Collocaram-no sobre o es-

trado, onde se mediam os cereaes, ao lado direito do juiz, ficando *Mimi* á esquerda. Garoto e Tareco, com os ventres inchados de brôa, condição sem a qual se não conservariam quietos, estavam deitados no soalho, as cabeças entre as patas dianteiras, olhando philosophicamente, observadores com summo desprezo por tudo que se passava em volta. Apesar dos baraços ao pescoço e de ligados a duas cadeiras, sentiam-se muito á vontade; tamanha era a sua lenidade e o seu desdem d'elles! Mendo falou em nome da Lei:

— Vocês, seus grandes tratantes e maus, ninguem os póde aturar! Sempre á bulha, sempre em desordem, todos os animaes se queixam! Sabes isto Garoto?!

— Sabes isto Tareco?! — imitou Lena.

Os cães, ao ouvirem os seus nomes, levantaram as cabeças! Sabiam-no perfeitamente e não se mostravam pesarosos. Reus convictos e impenitentes, pareciam orgulhar-se de tão feios crimes! Porém, como desconfiassem que os quereriam açular contra alguem, rosnaram, mostrando os dentes brancos, como uma enfiada de pinhões.

— Seus atrevidos! Nem mêdo, nem respeito tem ao tribunal! Serão castigados.

Foi introduzida a primeira testemunha, Justina, ao collo de Lena, que, interprete dos estridentes gritos da gallinha, ao separarem-na da ninhada, disse:

— Quando estão arrenegados e á bulha obrigam-me a fugir para cima dos muros. Os meus filhos espalham-se e só a muito custo os torno a juntar.

O baló, trouxe-o Mendo preso por uma corda ao

pescoço. Entrou de rasto, olhos esbugalhados, um *mé! mé!* engasgado e afflicto... o que foi aproveitado parcialissimamente, como elemento accusatorio no libello.

— É o que se vê! — allegou Mendo. Ninguem gosta de vir ao pé d'elles. Quantas vezes, com as suas arremettidas, o tem feito abandonar a herva, a rica herva tenra como bicas de manteiga! Baló tem medo que elles o mordam!...

O gigante Zarrão, obrigado pela pequenina mão de Lena, meneou a alta barretina, ondulando-lhe tambem as grandes barbas, como corôa de pinheiro açoitada por impetuoso vento! Os reus, de ventre no chão, perante o apparato julgatorio, continuavam cynicos, empedernidos no crime, despresadores de toda a ordem social! Veio a pega ao collo de Lena. Solta no chão foi assim interrogada:

— Diga, senhora Gré-gré, o que tem visto e o que lhe tem feito esses marotos?

A chocalheira tagarelou o seu *agah agah* favorito, arrebitando o plumoso rabo, saltitando dengosa, como velha taful. O seu palrar foi interpretado por Mendo:

— Não me consentem passear á vontade no quinteiro, nem na horta, a apanhar bichos. Se lhes vejo os focinhos sujos de comida, em sitio onde as suas linguas d'elles não podem chegar para lamber, vou caridosamente limpar-lh'os, depenicando com o bico. Sabem o que acontece? Pensam que elles se mostram agradecidos e se conservam quietos?! Isso sim! Vem contra mim de dentes arreganhados e bôcca aberta,

como se fossem lobos para me engulirem!... É o mais que se pode ser mau!

O presidente do tribunal fez menção de tudo haver comprehendido... De novo, a um impulso da mãosinha de Lena, ondularam, a sua grande barretina e as suas copiosas barbas!

A pata, á vontade no soalho, logo que descobriu, ao fundo da tulha, um monte de milho, para elle se dirigiu balouçando o seu pesado corpo de gravida, com certo grasnar frouxo e guloso. Pensou em trocar a audiencia pela comida, faltando assim ao respeito a tudo e ao decoro do tribunal. Tiveram que a desviar d'esse procedimento improprio, agarrando-a e apresentando-a, voltada para os reus.

— Não posso admittir — disse, por ella, Lena — que me bebam a agua do alguidar, onde me banho e m'a entornem com as suas bulhas tão amiudadas. Sou uma pata limpa, aceiada e rasoavel. O Garoto e o Tareco estão sempre a perturbar-me a vida.

Agora foi o travesseiro de muinha da Alonsa, que sujo e negro de colera, por certo submettido a vontade estranha, manifestou desapprovação accionando com tanta força, que iria da cadeira abaixo, se o não amparassem.

O papagaio Tinó, todo vaidoso e garrido da sua plumagem verde, entrou bem firme, trazido por Mendo, no poleiro. Erguia a orgulhosa cabeça terminada em bico aspero e recurvo como uma foicinha, averiguava com olho redondo orlado de amarello, escutava apurando o ouvido intriguista. Era este um depoimento

de grande importancia, pois do alto da varanda, onde passava o melhor da sua vida, todos os dias presenceava os sangrentos conflictos entre Garoto e Tareco, e até auxiliava, com a sua voz de polichinello, o juiz Gregorio e a creada Alonsa nos apasiguamentos. A' vista dos mastins deitados no chão, logo elle gritou:

— Tó cães! Accommodem-se!

É o que ouvia ao juiz Gregorio.

Os reus ergueram os negros focinhos, apontando-os rosnadores ao papagaio. Não intimidaram o palrónio, que insistiu repetindo o que ouvia a Alonsa:

— Eu lá vou com a acha! Malditos cães!

Zigra, a gata de D. Gonçala, ninguem a pôde apanhar. Este facto serviu para aggravar a accusação. Se andava fugida pelos telhados, era com receio dos mastins!

Faltava o mais importante dos depoimentos, *Suim*, o que forneceria rojões para o jantar de sarrabulho. Havia de ser difficil conduzil-o. Gordo, nédio e pesado pouco sahia do cortêlho. Já era muito trabalhoso leval-o ao rio, para se desencalmar nas tardes de calor. Mendo, com as duas mãos cheias de milho, propoz-se captal-o, deixando-lhe o grão n'um carreiro provocador, em direitura á tulha. Tinha decidido empenho na comparencia d'esta testemunha, que representava grande somma d'aggravos, feitos pelos reus com os seus dentes, nas saborosas carnes do cevado. Não o poude conseguir. *Suim*, á porta do tribunal, recusou-se obstinadamente a entrar. Mendo, com um desembaraço de animo faccioso, veio dizer perante o juiz:

—*Suim* não apparece, porque ainda lhe doem as dentadas recebidas nos presuntos, nos lombos e nas orelhas! Não quer mais!

Pelo impeto com que taes palavras foram pronunciadas, via-se que haviam impressionado o julgador. A Lena, sensivel e terna para todos os viventes, pareceu excessiva a paixão accusatoria de Mendo, accumulando assim provas contra os pobres Garoto e Tareco, em cujos olhos placidos ella começava a ver signaes de arrependimento . Por isso pleiteou circumstancias attenuantes, em nome da sua *Mimi*, representante da clemencia, orando com a meiguice propria da sua pequenina alma:

— Serão elles tão maus como dizem, senhor juiz? Parece que não. Quem nos leva a cavallo, ao senhor e a mim, quando queremos dar o nosso passeio pela quinta?! É o Tareco, é o Garoto, que fazem isso com muito geito e contentamento. Quem livra a casa dos ladrões e do bicho, que podia entrar na capoeira, onde dormem as galinhas, a nossa Justina e os filhos?! O Garoto e o Tareco; ninguem mais!

O *travesseiro-ministerio-publico*, cahiu da cadeira, irado e apopletico! Calculára que esta voz tão persuasiva e meiga deveria apiedar o coração julgador do boneco de barbas e barretina!

*

* *

O cacarejo da galinha, o balar do cordeiro, o grasnar da pata, a tagarelice da pega, o palanfrorio do papagaio, a fugida da gata, a desesperada resistencia do porco com o seu grunhir alvoroçante, tinham, desde o começo, chamado a attenção de Alonsa. A creada fôra surrateiramente pela adega e seguira parte do julgamento, espreitando d'um postigo. A sua cara sanguinea e redonda abafava em riso, quando appareceu, com as mãos nas ilhargas para se reprimir, a contar aos patrões o que estavam fazendo os meninos. Convidava-os a presencearem *a festa*, pois a audiencia ainda não findára. O doutor Gregorio armou-se de semblante carregado. A sua primeira lembrança foi desancar logo ali mesmo a criada, depois os filhos. Não devia obstar a este nefando desacato, á sua pessoa e á sua magistratura?! Porém, o espirito da philosophia e da observação, n'elle, como em *Bridoye*, poderoso e innato, venceu! Depois de muito bem reflectir, resolveu apreciar tudo com os proprios olhos! Não poderia encontrar no caso exemplo e lição para futuras sentenças?!...

Desceram, o juiz, D. Gonçala e Alonsa, prevenidamente á adega. A criada guiara os patrões para collocarem os rostos interessados no postigo, d'onde tudo se podia seguir. A fronte severa do magistrado brilhava com irradiações, que lhe faiscavam dos oculos e na

careca. O semblante de fuinha da consorte de nariz ponteagudo, queixo terminado em dois pinceis, olhos miudinhos, faces chupadas e bandós arqueados nas fontes, apparecia ao lado das respeitaveis suissas do marido. Alonsa, oval enxundiosa, palpebras molles, beiços grossos, alegria a borbulhar dos dentes brancos e iguaes, via por cima da cabeça de seus amos. Os alegres frouxos de riso da rapariga reprimia-os Gregorio com o seu gesto enfatico de magistrado:

— Ou te calas, ou te retiras! Deixa seguir o julgamento!...

Alonsa foi metter entre as pipas o seu grosso ventre, que tremia em irreprimiveis risadas, exactamente no instante em que Mendo proclamava a

IV

Sentença.

— Reus! Vocês tem sido muito maus: á Justina, espalham os filhos; ao Baló, afugentam do pasto; contra a Gré-gré arremettem; á Chapa entornam e bebem a agua; ao Tinó, ao Tinó do papá, que diz o que ouve dizer ao papá e á Alonsa, não obedecem; á Zigra, a gata da mamã, que anda como a mamã, e sempre atraz da mamã, obrigam a trepar ás arvores e a fugir para o telhado; ao Suim, o porco de todos nós, que todos

nós havemos de comer, mordem as orelhas, a rica orelheira do entrudo! Vocês são muito maus!...

— Que famoso libello accusatorio! Que magnificos considerandos! — exclamou em surdina o juiz Gregorio.

— Vocês — continuou Mendo — são como o Coxo e o Aleijado, que trazem toda a aldeia em desordem, por causa das laranjas da laranjeira, que são dos dois, como a comida do alguidar é de vocês ambos! Ides ser separados, comendo cada um, por sua vez, a sua ração. Se ainda assim continuarem as bulhas, serão mandados para os montes a mastigar pedras e nunca mais terão sopas. O papá hade fazer o mesmo ao Coxo e ao Aleijado: dará as laranjas n'um anno a um, no outro anno a outro. Se se repetirem as brigas irão degredados para um sitio muito longe, onde não ha laranjeiras. Podem retirar-se!...

O juiz Gregorio, sentia-se enternecido até ao estomago, com a precocidade julgatoria do filho! Abraçando-se á esposa, no meio da adega, sem attender á presença de Alonsa, que se rebollava de riso entre os toneis, exclamou

— É realmente de Salomão, Gonçala! Vou fazer o que diz Mendo. Direito ás laranjas, em annos alternados, para os dois. Assim a laranjeira é de ambos, sem ser de nenhum! Se apesar d'isto se produzirem novas rixas, costa d'Africa. É genial! verdadeiramente genial!

O gigante Zarrão foi levado ao cachaço de Mendo, por ter decidido com tanta sabedoria. A boneca Mimi, foi

acarinhada ao collo de sua dona, por haver encontrado circumstancias attenuantes. O travesseiro-ministerio-publico, reconduzido á cama de Alonsa, logar triste e escuro, reservado aos que teem coração de muinha.

Assim ficou reinando para todo o sempre, a paz entre os homens e entre os animaes!

Lisboa, Fevereiro, 1901.

FIM

BATALHA DA VIDA

BATALHA DA VIDA

A partida foi ao primeiro alvorecer, porque iamos para longe. O nosso caminho era para o alto das velhas collinas, coevas dos seculos. Consoante se subia, melhor se descobriam novos e redondos peitos de montanha, que pareciam pulmões de gigantes arfando. O carreiro trilhado pelas pequenas mulas que nos transportavam era estreito, ingreme e aspero, uma chan torturada pelas enxurradas invernaes. O velho sol, gerador de toda a fecundação, annunciava-se com um polvilhar de scintillações, atiradas por cima dos altos pincaros. Essa luz meiga, dadivosa e jucunda, cahia gradual como se fôra solta de mão omnipotente, que estivesse abençoando o tranquillo valle. Já a terra acordava deleitosa, sem espreguiçamentos, n'uma amplificação meiga e risonha!...

*

* *

Os inquietos sabujos, cães de todas as cores, procedencias e tamanhos... rafeiros, podengos e mastins... sinuosavam por entre as cavalgaduras e os homens de

pé. Intemeratos corredores de maus caminhos, vivos, escanzelados, ligeiros, seguiam coxeando na direcção desejada. A par d'elles caminhavam os rudes montanhezes, seus donos, calçados de tamancos de amieiro encorreados, por cima, de pelle de javali e ferrados na sola de tacholas, que o granito aspero poia. Homens broncos, tostados, membrudos, refeitos (o pequeno e agil *homo alpinus* de Linneu) sempre vestidos do burel, fiado e tecido em casa, da lã das suas ovelhas. Experientes conhecedores dos terrenos em volta, eram elles que, á custa de gritos naturaes, de buzinas, de rufos de caixa, de tiros de polvora secca, acirrariam com todo esse alarme o instincto dos cães, para levantarem a caça, que vivia socegada no imo das mattas e no pendor das montanhas. Alguns dos serranos levavam espingardas raiunas, cujos fechos de pederneira escondiam, por causa do orvalho, sob a grosseira vestia; outros abordoados a paus de carvalho subiam curvos e devagar a ingreme ladeira. Gentes de poucas fallas e poucos interesses, pois só memoravam casos de sua vida ordinaria com palavras avulsas, separadas por silencios longos.

*

* *

O sol d'este adeantado outomno, ás oito horas, tudo aclarava com um rutilar vivo e magnificente: beijava a verde corôa da urze, e os tardios rebentos d'alguns arbustos; faiscava nas arestas vivas das penedias en-

chendo o ar de espelhamentos; reflectia-se nas aguas tumultuosas dos ribeiros, que sussurravam nas fundas ravinas. Dia já completo, a luz convidava ao movimento. Fez-se, portanto, alto, n'uma extensa chan, larga e lisa, apenas tapetada de carqueja e tojo baixo. Os cavaleiros desceram das suas mulas, os montanhezes sentaram se nas pedras que encontraram. Veio-se a conselho ficando os cães attentos:

— Que te parece João?! — perguntou o abbade ao que tinha por mais sabedor em caça grossa.

— Que vamos a repartir-nos uns para aqui, outros para acolá. Assim podemos ajuntar as cabras ahi do Ramiscal com os porcos, que ainda estão para os campos, no farejo d'algum milho ou batata.

— E's mestre e o teu conselho vale, homem. Mas antes de tudo não devemos fazer bem á barriga? Olha que ella manda a perna e nós temos de andar que farte.

*

* *

Das ancas das bestas desceram os escuros alforges e as bolsas de coiro, cujos ventres estavam gravidos de comida. Procurou-se área lisa, á sombra d'um alto penedo, onde, sobre relva a apontar, se estendeu a toalha de grosseira estopa. Collocaram-se a esmo as postas de bacalhau frito; as grandes broas de codea escura, que pareciam pedras requeimadas do sol; os bolos de milho recheados de toucinho, cosidos no rescaldo do lar. Em seguida appareceram as borrachas,

pandas do vinho acre da ribeira, que assim deitadas e adormecidas pareciam inertes e rijas conchas de tartaruga. A rosea febra de meio presunto, mimo que o abbade trazia para os seus hospedes, ria estrondosamente no meio dos escuros salpicões e das gallinhas gordas do morgado da Cerdosa.

Entre os serranos começavam a passar de mão a mão, as postas de bacalhau acompanhadas do naco de brôa. Repartiam-se os bolos de milho com recheio de toucinho. Luzentes navalhas entravam firmes no roliço corpo dos salpicões e no presunto. Essas carnes odoriferas gargalhavam com os seus labios vermelhos, como a alegre flor do amaranto. Aves de ancas enxundiosas, escarchadas impudicamente á mão, patenteavam os ventres cheios de ovos incompletos, alguns meudos e amarellos, como graeiros de milho. No ruminar lento e substancial dos caçadores sentia-se que havia fartura de comida: todos patenteavam aspectos ovantes de saciedade. As frontes baixas e energicas dos rudes montanhezes já se desenrugavam; o seu fallar era loquaz, patenteando esperanças de boa caçada. Em breve começaria a ondear pela serra o estrondo da montaria. O animal bravio, inimigo da rez e das searas, acossado pelos tiros e pelos cães, romperia ligeiro de vasteza dos mattagaes. Era para todos dia de festa, dia novo, este que lhes quebrava a monotonia em que viviam, encerrados entre penedias como em castello antigo.

Os magros cães, sobrios, alegres e sempre a remexerem-se cercavam os serranos quietos em volta do

presigo. Os animaes de focinho no ar, orelhas guichas, olhar attento esperavam alguma coisa da misericordia de seus donos e pediam-no com suaves gemidos de mendicantes. Quando entre os animaes se davam ralhos denunciativos de gula questionando a comida, logo acudiam os montanhezes a separal-os com pontapés de tamancos. Composta a lucta, logo voltavam a desasocegar as borrachas do bom somno que dormiam deitadas no chão e passavam-nas de bocca a bocca, em amorosos beijos. Assim iam desimpando esses orgulhosos ventres, que se desfaziam em gorgolejos, como se fossem de vento. Quando vasias, inanes e sem vida, essas mesmas borrachas tornavam-se seres despreziveis, que nunca houvessem conhecido applausos de gloria.

Concluiu-se o repasto, já quando o sol coruscava por cima das penedias, com a sua face redonda incendiada. O abbade, em mangas de camisa, hombros largos, rosto sereno requeimado pelos ventos do monte, levantou ao azul os olhos agradecidos, n'um sentido de prece. Logo os serranos se desbarretaram das suas carapuças, erguendo como elle as mãos ao céo e baixando os olhos á terra!... Foi de minutos este ciciar de acção de graças ao Altissimo, por mais este favor do alimento concedido. Finda a reza ouviu-se o sacerdote dizer:

— E vamos a isto rapazes que são horas.

— Não é cedo, não, senhor abbade — opinou o Picanço.

— Mas parece-te que encontraremos os porcos?

— Pois então?!... Tres viram os de Britello; outros

tantos vimos nós. As cabras ali do Ramiscal havemos de as voltar. Não ha falta de caça, não senhor.

Um velho de barba antiga a cobrir-lhe o peito tisnado, disse:

— Esse lobo preto, que me levou a ovelha, é que eu queria encontrar. Tenho aqui tres ameixas (batia no cano da espingarda) para lhe metter no bandulho e dar-lhe uma purga!...

O abbade folgou:

— Então, amigo Esteves, o lobo não hade comer?!...

— Coma pedras, que levam tempo a rilhar!

— O animal trata da sua vida...

— E eu da minha, sôr abbade — respondeu o montanhez erguendo o corpo, n'uma abalada, de raiuna ao hombro.

*

* *

Cada um dos caçadores foi para a espera que lhe foi designada; os homens encarregados da batida dividiram-se, sob o plano do entendido João Picanço. Houve largo espaço de tempo, passado em silencio cavo e meditativo. A solidez da montanha escura e o arqueamento transparente da abobada celeste, abrangiam toda a vida do universo. Em volta a amplidão infinita, por sobre a terra agreste o sol, millionario da luz, consumindo a sua riqueza n'um esbanjamento prodigioso. Para cima da linha dos caçadores, ainda subiam pincaros, uns sobre outros, todos crespos de

urzaes, tojeiras, piornos, velhos carvalhos e velhos medronheiros. Era uma negrura de penedias e folhedo aconchegados, marcada por nodoas de terras safaras, que as espingardas attentas vigiavam. Estavamos ainda de pouco ali, quando principiou de soprar pelas ravinas acima brisa algida: era um bafejo d'aço que nos augmentava o enregelamento do corpo, produzido pela inercia. Apezar de deslumbrante, o sol (já padecia de doença outomnal) não o sentiamos bastante quente, para nos desentorpecer. O que valia ao animo das espingardas era a grita dos batedores, que se ouvia ao longe, misturada ao baço som dos buzios, ao rufo gorgolejante de tambores, ao estrondo de tiros... tudo n'um amotinar de sedição. Eram soluços dispersos e desencontrados, golfados do ventre do nevoeiro que empastava o fundo valle. Essa massa de cinza uniforme e parada, com a brisa que subia pelas corgas, principiou a mover-se, a crescer... a crescer, a crescer como leite em fervura. O sol produzia-lhe no dorso scintillações de iris, que brilhavam mais perto de nós, á maneira que a nevoa empolava. Poucos minutos bastaram para os nossos olhos conhecerem o approximar da cerração, que vinha impetuosa e indomavel, avançando como legião mythica de anjos infernaes. Tudo ficou coberto d'essa cinza humida, tudo escurecido em volta, parecia que respiravamos atmosphera de cebo liquifeito. O sol, que resplandecia omnipotente, turvou-se, entrou n'uma agonia amarellenta, ardia apenas como cirio paschal, para lá de um véu de seda roxa. Estavamos isolados uns dos outros e do universo: pa-

recia que um vulcão houvesse atirado repentinamente para o firmamento muita lava viscosa. Barbas, cabellos, a pelle, o vestuario... tudo polvilhado de infinitas gottas de orvalho. Apesar de assim presos em triste masmorra, com paredes da grossura do mundo, ainda ouviamos a grita dos batedores, o baço som das buzinas, o tremulo das caixas de rufo, o latir dos cães, o ronco dos tiros de polvora secca. Eram sarcasmos vibrando através da nevoa que nos cegava. Só o poderoso e intimo sentimento da existencia de cada um, nos poderia fazer acreditar no mundo exterior... Estavamos inertes e com frio até aos ossos!

Passado um curto espaço de tempo, a nosso parecer enorme, o omnipotente sol, de novo triumphou desfazendo a cerração. Volveu a patentear-se, a nossos olhos, o infinito espaço cheio de luz, cobrindo a terra arida e triste da montanha! Agora o arquejar dos tambores, os gemidos amplos dos buzios, as vozes dos serranos vinham mais proximas. O carpir dos rafeiros, já mui chegado a nós, annunciava caça visinha. Todos os caçadores se puzeram em guarda, ouvido á escuta, olhar attento, espingarda prompta. O abbade, em mangas de camisa, appareceu no alto de um penedo d'onde descobria fartura de terreno. O seu corpo solido, com a cabeça firme e as pernas afastadas, recortava-se nitidamente no immaculado azul, como um tronco de arvore secca, entre o fraguedo rebentada e nunca vencida pela turbulencia das intemperies. No proposito de vigiar a clareira achegou-se tanto ao limite da rocha que, a meus olhos, ficava suspenso no ar, sem apoio

visivel sobre a terra. Pouco depois percebeu-se claramente o ondear verde do dorso da vasteza subjacente ao abbade. O restolhar vivo dos braços do arvoredo obrigou-nos a grande attenção. Tinhamos caça proxima, dizia-o o mais chorado latido dos cães. A corrida do animal bravio era quente. Seguia um caminho ziguezagueado, e por onde elle passava os ramos das altas giestas afastavam-se obedientes para logo se unirem. Um minuto mais e logo appareceu no terreno limpo, um corpulento veado de fronte ramosa. Porte de grande vista! Soberba cabeça levantada como um tropheu! O animal levava na velocidade dos pés a vida que defendia. Passou rapido, instantaneo como sombra. De sobre a lage o abbade apontou, seguindo-o e desfechou; mas a primeira bala crivou-se no tronco d'um carvalho antigo e a segunda feriu na anca um corçosito de dois annos, que acompanhava o pae. Quando o abbade de novo carregava a espingarda, é que rompeu do urzal um grande lobo, corpo esguio de reptil, cauda baixa, lingua de cançado fóra da bocca, focinho a deante... a penetrar na matta densa. O sacerdote soltou grito d'alarme: «Ahi vae o lobo!... Ahi vae o lobo!...» Todos corremos aos pontos mais altos. A espessura do arvoredo tinha-o recolhido, protegendo-o com a sua densidade. Os cães, de lingua de fóra, ainda seguiram a caça algum tempo; mas não a poderam acompanhar na fugida... O abbade, lá do alto, concluiu:

— Grande como um jumento, o lobo! Talvez seja o da ovelha do Esteves.

Um montanhez escarninho gritou:

— Sôr Esteves! Lá vae a ovelha no bandulho do lobo!

— Maus raios o partam! — exclama o velho, encarrapitado n'um penhasco. Tinha aqui as taes ameixas, para lhe mandar ás tripas. Maus raios o partam!

*

* *

A embaraçada selva de piornos, torgos, gilbarbeiras, tojos e carrascos, em que se levantavam arvores de grande porte como o choupo elegante, o freixo escuro, o lodão verde claro, o vidoeiro esguio, o carvalho cerquinho e o aparrado, o salgueiro loução, o medronheiro, o escambroeiro, o zangarinho, o azevinho de contas vermelhas .. protegeu contra a furia dos homens e o farejo dos cães os perseguidos animaes. Pela ondulação das giestas e verdes urzes percebeu-se porém, o caminho que levavam. N'um pincaro calvo, ainda appareceu a cabeça vistosa do veado de dez galhos; mas, depois, o latir dos cães socegou, o ramalhar do arvoredo quedou-se e tudo entrou no imponente socego dos logares ermos. Homens e rafeiros buscadores seguiram nova direcção em procura d'outro rasto.

Porém na vasteza impenetravel da selva, o lobo, no seu fugir ondeante e cauteloso viu, esmorecido e abandonado sob um alto penedo, o corçosito de dois annos, que não podera acompanhar o grande veado. O ferimento da anca não seria de morte; porém o timido

animal, sensivel á dôr, cahira em desalento, quebrando-se-lhe as forças!... Animo imbelle, corpo fraco de donzella impubere, acolhera-se resignado á idéa de fenecer coberto pela negra sombra do forte granito, que para elle representava força impassivel e intemerata. O carniceiro viu-o assim: apesar das ameaças que o perseguiam parou, fitando-o com os dois carbunculos de seus olhos! Contemplou-o instantes. Ao arrancar medroso, em veloz corrida, deitou-lhe n'um relance esta ameaça: «Até logo!»

Ficou o timido cervo protegido apenas pela densidade do arvoredo e pela sombra do alto penhasco. Abobadava a montanha, um céo de myosote mosqueado de vôos de passaros. A atmosphera de crystal, cheia de palpitações, enebriava. Alaridos de serranos vestidos de burel, latidos de cães, sons de buzinas, rufos de tambores, estrondos de tiros... tudo ia longe. Sem ameaças de inimigos, acceitou resignado este feliz abandono. O silencio e a tranquillidade do ermo, eram-lhe beneficos para o coração dolorido e animo apavorado. Correu-lhe o dia calmo, até que no entardecer poetico, o crepusculo principiou a agasalhal-o com a sombra da sua melancolia. Do fundo do valle, por gargantas e ravinas a pique subia a espessa noite, como um esguio e infindavel corpo vestido de negro. Mais um vôo estridolo de perdiz... um levante restolhante de coelho... e o dia findou. A castidade e pureza da treva tudo absorveu, o innocente corço tinha de esperar ali outra aurora, que lhe restituisse valor para encontrar o rebanho dos seus companheiros. Na

retina ficara-lhe impresso o olhar piedoso do grande veado, quando o vira cahir ferido e exhausto!... Aguardava a volta d'esse peito amigo e protector, que de certo o procuraria, mesmo por entre os perigos da treva enganosa!... Não esperava em vão! Emquanto pelo ar da montanha voaram estrepitos e ameaças dos homens, esse arrojado companheiro não podéra retroceder; mas logo que a noite chegou espessa, concentraram-se-lhe as idéas e os sentimentos, acordou-lhe viva a ternura de pae e uma furia brava lhe entrou no cerebro. Sahiu do tranquillo giestal onde se escondera: a airosa cabeça, toda enfeitada de seus galhos a recortarem-se no limpido céo, erguia-se magestosa. As pernas nervosas e flexiveis sustentavam o corpo esvelto. Escutou primeiro longamente a recolher todos os sons que viessem de qualquer parte. Os olhos brandos e maguados, procuravam na terra confundida pela escuridade, relevo ou corcova de cerro para se guiar. Focinho ao vento recolhia quanto o olfato lhe pudesse dar. Onde estaria seu filho e socio nos perigos recentes?!... No mesmo sitio onde o deixara?!... Mas onde era esse sacrario que recolhêra o debil corpo?!... Que direcção escolheria para o encontrar, na vasta uniformidade da noite?!...

Deu incertos os primeiros passos, timidos e mal seguros. Tinha o coração perturbado, sentia-se afflicto, cheio de medo e receio, elle montanhez ingenuo mas temerario! A treva era breu, os seus olhos garços só amavam a luz. Paralysava-o a compacta negrura, a incerteza do destino. Sabia todos os caminhos e vere-

das d'aquellas montanhas: carreiros da largura de palmo, por onde só transitavam pastores com seus rebanhos; trilhos asperos por entre alcantis sombrios eram-lhe familiares, apesar de numerosos, incontaveis e levando a todas as fortunas. Uns iam para as cristas d'onde o sol se contempla, outros para o fundo onde os precipicios e as aguas se despenham. Sentia o peito ancioso, a mente obscura. Que infinito tempo a orientar-se!... Os olhos de contemplativo, de nada lhe prestavam sem a luz do sol; o ouvido subtil e vigilante era-lhe insufficiente na mudez augusta da noite. Se arriscava cautelosos passos, logo eram rudes penedos ou vasteza de silva, a opporem-se-lhe. Lançou para o ar um gemido, um lamento de grande e intensa dôr, de ancia selvagem, que o folhedo das mattas recolheu. Subiu, desceu, tornou a subir e a descer, sempre a crescer-lhe o soffrimento com o desespero. Reconhecia-se incapaz de encontrar o caminho que procurava: a noite era um subterraneo infinito e impraticavel. Dôr pasmosa, dôr augmentada e sem limites, dôr sem outra egual!...

*

* *

Menos inquieto do que o soberbo veado de cabeça fulva e apparatosa, estivera o perdido lobo em quanto chegava a noite, sua querida. Logo que nas montanhas abruptas a treva se estabeleceu e o perigo de emboscada para elle deixou de existir, começou de attender

á propria natureza de carniceiro aguilhoado pela fome de dois dias completos, em que só bebera agua dos ribeiros. O ardido olfato, seu guia seguro, pouco valor tinha agora que os ventos sopravam para onde ficava o corçosito. Porém aquelle infatigavel corpo anda, desanda, sobe, desce, vagueia... apurando todos os sentidos em busca persistente e teimosa. Gastou horas em febre de voracidade. Corre, retrocede, escuta, olfata, illuminando a treva com a chamma de seus olhos vivos como tições. Na marcha ininterrupta abrange area de leguas, cortando-a em todas as direcções, sem que no seu animo rude fallecesse a esperança de encontrar a pobre victima. Chegou um momento de forte impressão de gozo em todos os seus nervos, e de forte contractura em todos os seus musculos. Parou subito! Estava agora no alto d'uma escarpa, onde corria vento favoravel ao seu instincto voraz. O previdente acaso valera-lhe por todas as fadigosas diligencias. Logo apontou firme o focinho ao lado d'onde presentira cheiro denunciativo. Estonteado no primeiro momento nervoso, socegou-se para melhor se confirmar. Os seus olhos são fachos de prazer sanguinario; abre-se lhe a bocca n'um escarneo violento, mostrando a solida fiada de dentes brancos. Baba cupida lhe escorre da lingua vermelha... Sobe a uma lage para bem se nortear. D'ahi domina todo o declive e o estreito valle. Atinando com a direcção, salta d'um pulo e tropeia em veloz carreira, colleando nas veredas do fechado mattagal, como cascavel em terreno coberto de folhas. Transpõe obstaculos, vence a correr clareiras

e bate, por fim, direito ao ponto, como aço attrahido por magnete. Impellira-o a mesma voz de necessidade, que lhe impunha a conservação do seu corpo vagabundo. Que voz?!... A fome, força inilludivel, resumo de lei suprema que reside no globulo sanguineo, no estomago, no cerebro!... Grito de suprema magestade, impondo-se com energia a quem d'ella soffre. A fome nas entranhas do lobo, era um querer absoluto de maldição vehemente, contra toda a natureza creada. Acicatava-o, agora, no acume da vehemencia; obrigava-o a correr a serra, como se fugisse da morte, a procurar a vida. Os ultimos vinte minutos da carreira, que valeram horas para a sua voracidade, levaram-no perto do pequeno corço abandonado!...

Era o começo do terceiro dia de abstinencia forçada e completa: o segundo gastara-o n'um errar incessante, em corrida de susto continuo, mal podendo illudir o ventre com agua. No interesse de se defender de perigos verdadeiros, ou imaginarios, andara continuamente, sem conseguir romper o circulo do voseio de batedores, sempre com o cheiro de cães no olfato, a visão do inimigo nos olhos. Porém, até no mais agudo d'esses lances não perdera a idéa do animal ferido e deitado sob a negra penedia! Quando junto d'elle chegou, tamanho foi o prazer selvagem das suas entranhas, que n'ellas morreu subitamente a fome! Seria para dilatar o gozo?! Por certo: o appetite continuava imperativo, eram apenas illuminações na sua festa de carnivoro. A' vista da preza suavisou-se-lhe o olhar em longes de meiguice. Agachou-se perante a victima,

como um cadello festivo ao encontrar a sua cadella. Ergueu-se espreguiçando-se: corria-lhe em todo o corpo um fluido de gula. Rodeia o meigo cervo, abatido e supplice; vê-o por todos os lados; festeja-o com sorrisos de ironia selvatica. Procuraria illudil-o com esperanças? Os seus pulos semelhavam contentamento: eram o gesticular satisfeito do homem que encontra aquillo que procurara com empenho. A lingua, lamina de vermelho lume, vibra-lhe na bocca em convulso movimento de goso. Com maldoso engano de carinhos, approxima-se do amedrontado animal, lambe-o em vez de o dilacerar. Quem sabe?!... Pensaria nos lances falazes da sua vida eternamente varia, pelas serras, pelos alcantis, pela espessura das mattas, pelo fundo dos precipicios, espreitando, escutando, farejando para evitar ciladas e do mesmo passo obter comida para contentar o appetite?!... Vir-lhe-hia á mente a comparação d'este momento ditoso, em que se lhe offerecia carne tenra, odorifera e rosea com aquelles outros em que só de vento se podia fartar?!... Ia por fim morrer... já a lacrimosa victima chora!... N'este lance, de novo suspende o ataque!... Volta rapido a cabeça para o lado d'onde lhe viera ruido suspeito!... Era estralada de ramos no interior da vasteza que o cercava. Aquella indole sempre receosa, por sempre perseguida, soffreou em si o movimento aggressivo. Amorteceu-se-lhe o desejo avido, pondo-se em guarda para a fuga ou para a defesa. Ergueu o cabeça, apontou o focinho, retesou as orelhas, fixou a vista sanguinea! N'um pulo e de repente appareceu-lhe deante o for-

midavel veado de dez pontas! Fronte galharda, pernas delgadas e firmes, corpo reforçado!... Respirava com fragor de cançado e de colerico.

Santo allivio, alma nova para o corçosito em quem já se havia esmorecido toda a esperança! O seu olhar humilde e supplice, olhar de fundir em pranto as pedras duras, não tinha amaciado a dureza da féra; a sua compostura resignada e lacrimosa, não encontrara no lobo, de misericordia, ligeiro signal. E' que no cerebro do carniceiro, superior a todas as compaixões, bradava a portentosa e inconsciente voz da Necessidade! Para refazer o seu corpo, para o não entregar ao desfallecer, á dôr, ao aniquilamento, esse animal arrasaria o mundo se pudesse, semeal-o-hia de espinhos, faria correr todo o sangue de todas as veias! Era a sua natureza bruta e sanguinaria, não podia illudir a suprema lei!

*

* *

Os dois corredores d'aquelles bosques ensombrados e d'aquellas serras aridas, encontraram-se, frente a frente, em torva mudez! Os olhos do lobo eram dois carbunculos brilhantes e sanguineos, as narinas do veado refolgavam colericas e violentas! Preparava-se uma pugna cruenta. O resignado corço, sorria tremulo e esperançado! A luz triumphante, que já purpureava as cristas das montanhas, fazia que estes dois combatentes, se vissem...

O veado firme e resoluto:

— Serás eternamente o inimigo dos que vivem n'estes penhascos e mattas?!,.. Teremos de nos defender sempre do Homem e de ti, menos piedoso que o Homem?!...

O lobo duro e implacavel:

— E' o meu sentir de féra. Se ha culpa, é de quem me poz no coração, a energia que me impelle.

— Nascidos e creados entre os mesmos arvoredos e penedias, correndo eguaes perigos e desventuras, deveriamos ser irmãos. Por que nos atacas e a nossos filhos?

— Não devo deixar-me morrer de fome, para que vossos filhos vivam. O meu corpo requer alimento para existir.

—Ha tanta comida por esses montes, por esses valles!

— D'essa escolho a que a minha natureza prefére...

— Nas arvores veem-se flores bellas e tenros gômos d'um sabor delicioso; as silvas dão-nos amoras, os carvalhos a lande; é doce o fructo do medronheiro, acido e agradavel o abrunho... Ha na chan hervas aromaticas, na terra raizes e tuberculos de bom alimento.

— Com isso se cria a carne de que precisa a minha carne; com isso se aromatisa o sangue, que o meu sangue requer...

— Podes no estio descer aos campos. Encontrarás o leitoso milho, verde e macio, encontrarás trigaes cujas espigas estalam nos dentes com um ruido brando...

— Alimentos de animaes sem braveza. Eu sou a valentia das montanhas.

— Valente e mais que tu é o javali, que sabe procurar na terra a batata e os outros alimentos de que se sustenta no inverno, quando o tempo é frio e a mim só me resta a tona amarga da betula e do choupo, as folhas da silva, a urze e o piorno...

— Esse animal é pesado e desprezivel. Bronco e sem graça no corpo, vive deitado e preguiçoso em logares ermos e feios. Não conhece o delicioso prazer do sangue fresco, nem ama a paisagem.

— Amo-a eu, a paisagem e o canto dos passaros; conheço o prazer da gula no colher das flores e dos gomos novos. Mais do que tu sou gracioso e ligeiro, quando percorro esses montes, por ahi além.

— Percorres esses montes, mas não vences diariamente e em noites de luar, leguas de devesas e alcantis. Fallece-te a astucia com que te livres do caçador, páras como creança ao som da flauta pastoril e d'outros enganos com que te illudem, para te ferir.

— Os homens gostam da minha carne, amam o meu corpo esbelto...

— Os homens aborrecem a minha presença, não me aproveitam em comida. É simplesmente por odio que me perseguem, o que aperfeiçoa a minha vigilancia e ferocidade... Tenho o direito de represalia, visto perseguirem-me sem motivo.

— Triste fundamento que te torna desamado de todos nós, que nenhum mal te fazemos.

— Fazeil-o a seres inermes que se não sabem queixar. As flores, os rebentos viçosos, as folhas verdes, as hervas odoriferas... tudo que vós comeis não terá

sentir?! São coisas vivas: nascem, crescem, multiplicam-se, choram lagrimas de seiva, riem quando o sol as beija. Para a vida não são differentes de nós dois, nem do teu filho...

— Differente do meu filho, que eu amo, é todo o universo. Contempla-o a esta suave luz da manhã: bello e inoffensivo. O seu corpo airoso, o seu olhar suave é a alegria das devezas. Tu não o devorarás...

— Devorarei: é a minha condição e o meu prazer. Da ferida que lhe fizeram os homens, vae morrer. Apodrecendo, o seu mau cheiro empestará o ar, afastará d'aqui as aves cantoras. Não seja eu que o coma e servirá de pasto a vermes immundos e a raizes que vivem no interior da terra. Que maior razão haverá para nojentos bichos sem olhos, e plantas obscuras se nutrirem do corpo do teu filho e não eu? Será porque essas plantas produzem os rebentos e flores de que tu te sustentas? N'esse caso serias tu que vinhas a devorar a carne do teu proprio filho...

— Idéa negra! Maldito sejas carniceiro, incapaz de conhecer o affecto que cada um de nós tem pelo sangue do seu sangue. Tu, lobo! — caso unico! — não tens amor áquelle a quem geraste!

O lobo exaltou-se:

— Haverá debaixo do sol mulher, féra ou ave, que mais queira aos seus filhos do que uma loba! Mãe incomparavel e amantissima, a todo o momento arrisca a vida pela d'aquelles que trouxe no seu ventre. Nunca a tua femea lasciva conhecerá o profundo carinho e amor, que minha mãe teve por mim e por meus ir-

mãos! Quando viemos ao mundo, encontramos uma cama de principes feita de musgo branco. Escolhera antes, no mais intimo e escuro d'um bosque, o sitio onde prepararia o palacio, que ao mesmo tempo era fortaleza, para nos depositar e defender. Com os proprios dentes catara o chão de todas as pedras, espinhos e paus molestos, para a nossa delicadeza de recem-nascidos não ser offendida. Sobre tão fofo leito nos deu á luz, em formosa e tepida manhã. Nas primeiras semanas de existencia alimentou-nos só do seu leite, que tirava do proprio sangue, nutrindo-se apenas d'agua do ribeiro proximo. Vendo-nos espertos, a brincar uns com os outros, presidiu primeiro aos nossos folguedos, indo ella mesma buscar o alimento que mastigava na sua bocca, para em seguida o introduzir na nossa. Eramos já capazes de comprehender e então principiou a industriar-nos da caça de arganazes, caçapos, lebrachos e perdizes... animaes que nos trazia vivos, para com elles aprendermos a combater. Quando estes succumbiam aos nossos afagos e dentadas, ella, a mãe loba, tendo assistido interessada á peleja, encarregava-se de os esfolar e depenar, esquartejando-os e repartindo-os entre nós, com a maior rectidão e egualdade. Principiavamos já a andar facilmente, espreitando curiosos e com espirito de independencia. A loba entendeu que devia preparar-nos para maior lucta, para a lucta de todos os dias. Levava-nos comsigo, experimentando-nos o instincto, educando-nos o faro. Assim aperfeiçoava os nossos sentidos, guiava nossos passos na vida tormentosa das brenhas e bosques perigosos. N'este periodo

se manifestou, na mãe loba, o grande e protentoso amor pelos filhos. Era uma inquietação de todos os momentos, uma ancia extrema em tudo observar, para não cahirmos em traidora cilada. Comnosco, ella ia sempre adeante: espreitava, escutava, farejava... sustinha-se ao menor ruido, á mais leve sombra, ao cheiro mais subtil. A' primeira suspeita logo nos escondia em qualquer buraco, na espessura d'um giestal... e collocava á entrada o seu corpo, como fiador de eventual ataque. Encontramos um dia certo cão de pastor, valente e com o pescoço envolvido em colleira de pregos!... Fomos por elle assaltados, corremos positivamente risco de morrer. Porém, nossa mãe, defendeu-nos com tanta energia, denodo e furia, dava tantos uivos e pulos e dentadas que o inimigo fugiu aterrado e veloz. Assim preparados para esta vida aspera, errante e arriscada, que é o nosso destino, quando nos julgou capazes de nos defender e de atacar... é que nos deixou. Eramos uns lobitos menos maus, já faziamos as nossas proezas de caça, na edade que devia andar pela d'um anno. A grande missão da loba estava cumprida. Abandonou-nos, sem piegas sentimentos, dando até a sua dentada n'aquelle de entre nós, que mostrasse geito de acompanhal-a para viver parasitariamente á custa do seu esforço d'ella. Foi uma verdadeira educadora e combatente, não tinha orgulhos, nem ternuras desnecessarias... Depois d'isso seguimos o nosso destino, o forte e tragico destino dos vagabundos eternamente perseguidos e por todos odiados. Amamos com furia e coração, estas rudes penedias e brenhas em que nas-

cemos, e onde andamos livres, á lei da vida e da morte, sem objectivo fixo. Nunca as abandonamos, senão muito apertados pela fome e pelas grandes neves. Vós, mais delicados, ides frequentemente aos valles ferteis e carinhosos, procurar mimos e commodos, que eu desconheço. Por isso não sentis a magestosa força e gozo de lucta, que enebria o meu corpo. Sempre com a existencia a preço, sempre espreitados pelos homens, prevenidos e maldosos, encontramos na fuga, na astucia e na lucta o meio de evitar as ciladas que nos armam. Porque nos perseguirá o Homem, se da nossa carne não pode tirar o prazer que da vossa obtem?!...

— Porque lhes desvastaes os rebanhos e lhes destruis as rezes.

— Coisas de nada! Um anho ou um cabrito, para encher o estomago vazio, ás vezes com quatro dias de abstinencia. Por tal ninharia andamos escondidos pelas covas, por entre os inaccessiveis rochedos, pelos mattagaes impenetraveis! Não valia a pena tanta vingança! E chamam-nos com raiva e desdem a nós, carniceiros, desconfiados, medrosos e covardes!... Pudera! Os riscos de todos os dias é que assim nos tornam. Ninguem melhor que um lobo sabe, o preço do existir, quanto a vida custa, e porque muito custa, é que muito a amamos e a queremos prolongada.

— Prolonga a tua vida, e sustenta-a; mas não com a carne do meu filho.

— A vida só de vidas se nutre! É a lei geral.

— Insistes, pois, em devorar este pobre e delicioso corpo?

— O meu estomago, como todo o meu ser, é uma grande e insondavel sepultura, que tudo esconde e tudo desfaz. Tenho fome, muita fome, grita dentro em mim a voz da tremenda Necessidade! Aquelle corpo é uma carne appetitosa, e delicada; sinto bem o delicioso aroma d'aquelle sangue. É formado de cheirosas flores, de rebentos novos e macios, de fructos sazonados e bellos. Não são tambem coisas formosas, não são tambem coisas vivas? Teu filho immolou-as á sua conservação e existencia, chega-me agora a mim o momento de receber essa divida contrahida perante a Natureza!... *(Com aspecto mais duro e violento)*. Sinto nas entranhas a tortura da Fome! Berra em mim a lei compensadora da destruição! Afasta-te! Não provoques mais a raiva dos meus dentes!

*
*   *

A resposta do grande cervo de dez pontas nos seus galhos, foi baixar a cabeça, e atacar com esses agudos punhaes, que lhe ornavam a fronte, o delgado corpo do lobo! Ao mesmo tempo dera um tremulo e raivoso gemido, que resoara por todos os reconcavos da montanha! O carniceiro, sempre prevenido, arqueou-se n'um salto, evitando prestes a aggressão. O dia já era completo, todo o céo inundado de sol, e sobre a terra arida, os dois combatentes, procuravam-se com egual sanha e ferocidade. Vieram no pelejar a uma chan limpa d'arvores, encontrando-se assim mais desemba-

raçados! Mutua era a furia e a violencia no ataque. Os galhos do veado floreavam dirigindo-se ao ventre do lobo. Este evitava agilmente a pontaria e, com certeira vista, arremettia com o safiados dentes á roliça anca do veado. Colleavam, os dois, no ar como cascaveis assanhadas, pincelando de sombras a relva limpa. A ancia e resfolego dos combatentes sentia-se em esphera larga. A vista sanguinea do lobo, com os olhos brilhando como clarões de lume, denotava intelligencia viva; o ataque sincero e garboso do cervo, mostrava mais furia, mais paixão; mas continha receios e era incerto. Já ia este valente animal recuando de cançado e, assim, se distanciava do ponto onde ficára o filho que defendia. Decrescia-lhe o folego, abandonava a arena, afastava-se em fuga. Levava os olhos razos d'agua, o peito ancioso e commovido... O seu desespero era enorme! N'um pincaro, até onde o lobo o perseguira com mordeduras, ainda n'um relance cheio d'amor fixou o negro penedo, que abrigava o corpo amado, enchendo o infinito céo de piedade immensa e d'uma dor infinita!...

*

* *

O faminto carniceiro voltou logo com o appetite mais excitado. O corçosito de dois annos, jazia no mesmo logar, a vista cheia de pavores e sombras tristes. As folhas descoradas do outomno, que, amollecidas pelo orvalho da manhã, tapetavam a chan pedregosa, abafavam o andar do lobo que reappareceu de

subito. N'este lance unico, a offerecida victima era só meiguice e resignação. Augusta e solemne a paz do ermo! A testa garrida do sol brilhava por entre as fendas do arvoredo inculto; galhos despidos de folhas choravam gottas de orvalho!... Em todo o corpo da féra havia alegria selvagem de gula, que lhe vinha á lingua babosa. Primeiro lambeu algum sangue que escorria da ferida do pequeno veado; em seguida, com o ventre no chão, pousou-lhe no corpo as patas deanteiras, como demonstração de posse. Tinha seu quê de esphingeo esta cabeça erguida, o focinho apontado, o olhar em desvario. Era apparente e transitoria esta paz: das entranhas subia-lhe aos dentes um desejo formidavel e inilludivel de destruição! Ergueu-se firme nas delgadas pernas. Escancarou as guellas — fundo e vermelho abysmo, com defesa de formidaveis presas á entrada! Sentiu impeto e arremesso de louco, impelido por energia atavica, mordendo com furia o pobre animal primeiro na garganta. Lembrar-lhe-hia a lição educativa da mãe-loba, quando nos primeiros tempos, tambem com os dentes, estrangulava os láparos que depois lhe dava a comer?! O sangue do corçosito, esguichando-lhe no paladar, acordou-lhe o vehemente appetite de féra sanguinosa, gozo que se lhe irradiou pelos nervos até ao cerebro, onde produziu reverberações de prazer. Foi então grosseiro e implacavel: n'um minuto o corpo da victima estava desnudo da fina pelle. Era uma carne rosea, tenra, odorifera e fumegante!... A sua vista, o seu odor, produziu no carniceiro tal sensualidade, que n'este momento ficou

egualado á forte natureza, quando se nutre. Era estranha e portentosa a energia que o dominava! O impeto voraz d'aquelles dentes brancos ao enterrarem-se na carne quente, a satisfação d'aquelle organismo em victoria, o feroz instincto que lhe regia a conservação... syntethisavam a lei que manda que as vidas de vidas se nutram, e que circule a materia no seu giro ininterrupto! Ficava assim assegurada a continuidade de vida, a nullidade da morte, e que aquelle corpo da féra poderia percorrer, dia e noite, alcantis e veredas escuras!...

*

* *

Sentia-se o lobo em gloria suprema, o sangue do corço circulava no seu sangue, os pulmões respiravam-lhe amplamente as energias da creação, quando o seu esperto ouvido, de novo, lhe denunciou a proximidade de cães farejando. Ramalhavam arbustos, sem que o vento os soprasse?—era signal de inimigo!... O prazer da gula entorpecera-o, tinha-o tornado desprevenido e incauto!... O seu olhar sanguineo escureceu: retesaram-se-lhe as orelhas, tremiam-lhe as narinas. Cães por todos os lados! Estava cercado, só a astucia, que não a audacia, lhe podia valer. De cima e de baixo, d'um lado e do outro, vinham-lhe gementes latidos dos rafeiros, quando olfatam proximo de caça. Pensou em fugir, mas para onde?! Pensou em se esconder, mas em que sitio?! Seguiu um carreiro ladeado de tojo alto: encontrou-o defendido por um valente cão de Crasto,

que n'um olhar irado, ia já arremetter, mal o viu! Voltou encolhido e tremente... Havia uma cova escura, por baixo do penedo, ao fundo do sitio onde esgarçara o pobre corço... Ahi se metteu diminuindo-se, cosendo-se com a terra para não ser percebido. Mas do lado opposto havia outra porta e a ella se mostrou um cachorro de latir infrene, a chamar os companheiros, que logo acudiram. Eram muitos, penetraram na larga caverna obrigando-o a abandonar o esconderijo. Apertado de toda a parte com latidos, adivinhando que muitas espingardas o esperavam nos terrenos descobertos, enfiou por uma ravina aspera e pedregosa, toda enlaçada de silvas e espinheiros, ao fundo da qual grasnavam aguas. Tambem d'aqui muitos cães lhe impediram a passagem, apresentando-se-lhe de frente.

Adeante de todos estava o molosso de Crasto, animal reforçado e corpulento, que valia bem um lobo! Retrocedeu; mas era já perseguido de perto por toda a matilha, reunida n'um formidavel alarme de raivosos ladros. Os batedores espertavam os cães com vozes apropriadas. Já as espingardas de cima dos penedos vigiavam as differentes sahidas. O lobo habituado a encontrar na corrida o seu modo de salvação e sentindo-se com maior folego que os perseguidores, enveredou ao alto para fugir. O João Picanço, montanhez experimentado nas manhas da féra, conhecendo o estratagema pela embrulhada dos rafeiros, que se atropelavam ganindo,berrou:

— Gentes lá de riba! Ahi vae o lobo!...

Todos os d'este lado redobraram d'attenção. No

cimo d'uma fraga, em mangas de camisa, raiuna aperrada, olhar e aspecto sereno, via-se um velho de barba inculta. O seu corpo mediano e solido, a cabeça pequena e escutadora, recortavam-se no claro azul do firmamento. Como a corrida dos cães fosse para elle, o Picanço avisou-o. «Ó sôr Esteves! La vae elle!...» O serrano conservou-se imperturbavel, mas n'um momento metteu a arma á cara, firmou a pontaria, seguiu com ella durante segundos, disparou, ficando-lhe o rosto envolvido na fumarada da escorva.

— Cahiu! Cahiu! É o tal!—gritou, descendo da fraga com grande ruido dos seus tamancos ferrados.

Todos os montanhezes e mais caçadores correram para ver. De borco, sobre um macisso de carqueja, estava o grande lobo de lombo preto, arquejante, golfando pela bocca sangue e comida. Em volta formou-se um clamor de vozes festivas engrandecendo o caso. Perante todos o velho affirmou:

— Andava-lhe com uma gana, cá mesmo de dentro! Depois que me roubou a ovelha, não dormia com esta scisma de o matar. Carreguei a arma com tres balas, que deve ter no bandulho. Uma voz, cá de dentro, me dizia que este ladrão m'as havia de pagar. E pagou, caramba!...

Lisboa, Maio de 1902.

O ENGUIÇO

10

O ENGUIÇO

O abbade, caçador eximio, solido das pernas, olho vivaz e pontaria segura, tinha-me escripto na sua lettra sempre esmerada e respeitosa de bom amigo: «Já cá tenho o cão. É feio, mas tem optimos narizes. Sahi hontem com elle para o experimentar e trouxe um cinto de respeito. O nome é feio, chama-se *Enguiço*. Quer que lh'o mande, antes da sempre desejada visita a esta humilde residencia d'um padre d'aldeia?»

Respondi a dizer-lhe que o mandaria buscar. O nome e as informações aguçavam-me o desejo de conhecer o animal, antes da combinada caçada pelo natal, para os montes do Mesío. Queria familiarisal-o comigo, queria fixar-lhe bem na memoria a minha figura e o som da minha voz, á qual elle teria de obedecer, quando fossemos na cola d'alguma manada de perdizes.

Eu nunca tinha possuido um bom perdigueiro — diligente, sagaz e seguro quando estivesse *marrado*. Por falta minha em os não saber mandar, ou por culpa d'elles em não saberem obedecer, certo é que de tantas

dadivas d'amabilissimos amigos, não havia aproveitado grande coisa.

Nunca me foi possivel conseguir uma intelligente harmonia da minha espingarda com o nariz do meu cão. Era caso de festa, se a caça me sahia a geito, e mais raro ainda sentir o prazer barbaro de ver cahir a perdiz, entre as tojeiras ou urzaes, com a convicção de a ter bem alvejado. A minha consciencia, meticulosa como a d'uma tia velha, nunca me podéra affirmar desaffrontadamente, que fora a minha pericia que derrubara a caça, e antes se inclinara sempre a que a morte dos inoffensivos animaes, provinha da infelicidade que os levara a passarem, no seu vôo rapido, por deante do chumbo que sahira da minha espingarda, justamente no instante em que elle ahi chegava. Questões de méro acaso e má sorte da ave.

Porém, agora, com a dadiva do meu excellente amigo, ia possuir um bello auxiliar de proesas cynegeticas. Examinado e gabado por elle, mestre entre os mestres, se o meu azar de caçador continuasse, a culpa seria indubitavelmente minha... Má vista, pouco sangue frio... o que quizerem. Examinava-me interiormente e reconhecia que com um perdigueiro assim afiançado, que me poria a caça quieta deante do nariz, como se estivesse presa n'uma gaiola, se a errasse, a responsabilidade seria indubitavelmente minha.

Com grande impaciencia, ou melhor, com forte desejo de possuir a maravilha que me annunciavam, mandei, dias depois, buscar o perdigueiro por um creado, a casa do abbade, que morava a distancia de le-

guas, por caminho de montanhas. Quando elle chegou, preso por uma cordita atada ao magro pescoço, declaro lealmente que a minha impressão foi peior que má, foi pessima. Era um corpito de cão esfomeado e lazarento, as costellas contavam-se-lhe por cima do pello, parecia mal poder suster-se nas pernas de fraco.

Encolhido e tremelicante parecia querer evitar os meus afagos, como se fossem percursores de maus tratos e escondia-se por detraz das pernas do rapaz que o trouxera e me disse chasqueando:

— Elle lá se aguentou por ahi a baixo menos mal; mas não lhe vejo geito de prestar. O senhor abbade, que me deu de comer e beber á ufa, diz que sim; mas cá na minha...

Calei-me, como diplomata que tem opinião que não quer exprimir; porém o meu parecer era o do creado, apesar do abbade o ter experimentado e ser elle homem seguro e de palavra verdadeira.

— Como se chama o cão? — perguntei para me certificar, pois já sabia o nome.

— Enguiço, senhor. Que nome tão reles! Diz bem com a cara do dono, não é verdade?

— Bem: leva-o lá á cosinha para lhe darem de comer. Hade ter passado boa larica para estar assim. Não foi creado em casa do abbade, bem se vê. Depois de comer guarda-o na loja para não fugir — ordenei seccamente, para não mostrar concordancia com a opinião do rapaz.

Fui vê-lo mais de espaço, quando recolhido na estrebaria. Continuava desconfiado, devo mais uma vez con-

fessal-o, das informações do meu amigo, que até ali sempre em tudo, m'as dera certas. Nem parecia um presente de homem tão obsequioso e bemquerente. Diabo do abbade! Dar-lhe-hia agora, passadas as verduras da mocidade, para disfructador!

O animal estava enroscado como uma giboia farta. Sentindo abrir a porta e entrar um grande feixe de luz, abriu apenas um olho, para dar conta do que se passava. Gosava as delicias d'uma abundancia que nunca presumira nas suas miragens gastronomicas de cão. O creado dissera-me que elle comera tanto, tanto e tanto, com tanta soffreguidão e tanta gula, que ao acabar cahira para o lado, sem energia para se mecher. Foi necessario leval-o ao collo para o guardar, onde eu lhe dissera.

— E olhe que então já pesava — informou. Tinha-lhe um bandulho mais cheio!... Aquillo nunca viu comida...

Quando o visitei e elle me cumprimentou, só com um olho aberto, o meu animo não ficou melhor impressionado, acerca das suas excellencias de perdigueiro.

— Tó Enguiço! Eh cão!...

Assobiei-lhe moderadamente para o despertar, mas em vão. Fechara até o olho que primeiro abrira e não deu mais accordo de si. Não era um cão morto, porque arfava ritmicamente, enroscado sobre si; mas era um animal a quem a comida déra na fraqueira, como soem dizer os do povo, e que sente correr nas veias um sangue delicioso e substancial.

As digestões de comidas copiosas serão estupi-

das; mas não deixam por isso de ser immensamente agradaveis. Perde-se o sentimento da vida intellectual e até da vida affectiva; mas conserva-se uma especie de consciencia organica, que se não é nobre, é com certeza venturosa, mormente nos cães famintos. Fazendo todas estas altas considerações de philosopho em repouso, deixei o animal no seu goso, e carreguei-o de novo com a benefica escuridão, fechando a porta.

No dia seguinte de manhã mandei-o buscar, para o apreciar, á luz d'um claro dia d'outomno, no largo terreiro junto á casa. Pareceu-me melhor do que no momento da chegada. Tinha comido, tinha dormido e talvez se sentisse feliz. Principiou a fazer-me festas, cheirando-me as mãos e agitando alegre e contente a pequena cauda. Comtudo, para o creado que o trouxera, lhe dera a comida e estava ali junto de mim foi toda a sua familiaridade e reconhecimento. Com o egoismo auctoritario dos amos, disse ao rapaz que o não festejasse muito, para elle me reconhecer só a mim. Incumbi-o de arranjar nova comida para eu lh'a dar e obter assim os seus futuros agradecimentos. Fraquezas da humana natureza; eu queria que o Enguiço apreciasse só a minha auctoridade em casa, que só a mim se ligasse pela comida e pelo respeito. Queria fazer-lhe comprehender que, da minha enorme munificencia, é que lhe vinha o sustento, o agasalho e até os afagos que podesse obter. Não foi necessario longo tirocinio para isso: ao fim de tres dias já elle comprehendera tudo e andava atraz de mim, cheirava-me as pernas, lambia-me as mãos e dava, ao vêr-me, carinhosos e

breves ganidos, signaes da sua satisfação e da minha benevolencia. Os cães são intelligentes e não são ingratos.

O maior prazer do Enguiço, depois do das sopas, era certamente vêr-me pegar na espingarda. Da primeira vez estava eu a limpal-a, preparando-me para grandes commettimentos cynegeticos, quando o senti ladrar e saltar alegremente em volta de mim, sahindo e entrando a porta que dava para o terreiro, n'um convite evidente para um passeio aos montes da visinhança, onde por signal não ha perdizes. No entretanto fui umas duas ou tres vezes, para o satisfazer, mas sem esperanças de qualquer caçada. São esses montes, pequenos cerros, muito frequentados de gente e animaes e onde qualquer ninho de imprevidente mãe que ali o venha fazer, desapparece por causa da impiedosa busca da garotada, que os destroe para recolher os ovos. Esses passeios foram infructiferos, como era de prever; nem um misero rasto, nem um levante de qualquer especie de caça de vulto. Passarada miuda e nada mais. O Enguiço voltava tristonho e evidentemente desconsolado; mas apesar d'isso, quando tornavamos áquelle monte, saltava, gania cheio de prazer e de desejo, rebolava-se no chão, dava corridas para longe, voltando impaciente para mim, a chamar-me com o seu olhito esperto. Via-se que lhe entrava alma nova, se é licito fallar d'alma a proposito d'um cão. A alegria sahia-lhe do focinho lambusado de comida, das orelhas espertas e arrebitadas, da cauda que agitava n'um frenesi inquieto. Ja estava um pouco

mais composto de corpo, ainda que continuava a ser muito feio — uma pelage aspera, como de gôso ordinario, uma cabeça mal feita, e um corpo desageitado, como de velha que não use espartilho. Porém, attendendo a este enthusiasmo (que seria injustiça desconhecer) pela sua vida de perdigueiro, devia ser um artista. Pela minha parte sentia immensa vontade de o vêr parado deante de uma boa manada de perdizes e de lhe conhecer a pericia de as levantar, uma a uma, podendo ser.

Em vista d'estas boas promessas do Enguiço resolvi dar algumas voltas por longe, a sitios onde houvesse caça. Um amigo tinha-me denunciado logar, aonde eu podia ir e vir n'uma metade do dia. Preferi a tarde, por ser mais commodo, não me obrigando a madrugada. O tempo do outomno é calmo e livre de ardencias de sol e o melhor para a caça. Dormida a provinciana sesta, levantei-me fresco como se fôra n'uma alvorada, vesti-me em guerra, petrechado de todos os necessarios. Já no terreiro, de arma ao hombro, assobiei pelo cão. Appareceu logo, vivaz e prompto, vinha da cosinha o lambareiro! Reconheci-o agitado em todo o seu organismo, corria adeante de mim no pedregoso caminho, voltava atraz como a receber ordens, subia ás paredes para ver ao longe, saltava portellos, farejava por entre as tojeiras n'um exercicio de amador, pois bem sabia não se encontrar por ali, nem meia perdiz. Por todas as fórmas demonstrava uma tamanha alegria e enthusiasmo que, eu, sorrindo, disse commigo:

— Não parece o mesmo, diabo do cachorro! Uma semana, pouco mais, de boa comida transformou-o. Parece-me que o abbade tem razão nos seus gabos. Vamos lá Enguiço! — ordenei-lhe em voz alta e clara.

E elle ia e vinha, tornava a ir e a voltar. Subia encostas, descia ao fundo dos ribeiros, que sussurravam, lá em baixo, depois das primeiras chuvas outomnaes, que tinham cahido abundantes. Confesso a minha vaidade, estava convencido que faria boa caçada, coisa excepcional; porque nunca fui perito atirador. Ia antegostando o prazer de ver o cão marrado, as perdizes levantarem-se após o meu commando e eu apontar, desfechar, ver cahir a peça e logo o perdigueiro acercando-se de mim, victorioso com ella atravessada na bocca. Accelerei o passo, estava nervoso e impaciente por chegar ao sitio, que me tinham designado. Maldiria os fados se não encontrasse n'esse dia a manada; porque estava cheio de esperanças, vendo o Enguiço em excellente disposição.

As coisas na realidade corriam pelo melhor. Seriam quatro horas, d'uma tarde amenissima; os recortes dos cerros, no azul palido, davam a este scenario, aspecto de suavidade sonhada. Apesar do esforço que fazia para subir a encosta, onde o cão já caminhava cauteloso e interessado, não soffria de nenhuma oppressão ou cançasso. Até ia leve, a idéa de encontrar caça alliviava-me do peso da espingarda, dos cartuxos, do cinto, de todos os petrechos. Tomára eu d'ahi a pouco estar mais carregado com algumas perdizes que matasse.

Mas de repente senti em mim um abalo, que era alegria e receio ao mesmo tempo!... O cão começou a rastejar interessado. Fallei-lhe para o certificar da minha presença: «Tó, cão!» e tambem para lhe incutir espirito de prudencia! Approximei-me attento e esperançado: «Anda Enguiço!» «Ellas ahi vão, cão!» Elle agachava-se, de cada vez com o ventre mais junto á terra. Parou um momento a olhar para deante, talvez com o fim de *tomar ventos*. Quem me dizia que elle não estivesse já vendo as perdizes seguirem a pé? «Tó cão! Sentido!» — preveni-o. Nem parecia o mesmo animal faminto, de mau pello, derreado, que eu recebera dias antes. Parecia-me elegante, geitoso, até bello. Parado, ficou por momentos em attitude de observação esperta e cautelosa... Houve um instante em que voltou lentamente a cabeça para traz, com o fim de se certificar da minha presença. «Eh! Enguiço! Sentido!» Deu mais alguns passos, com os narizes juntos á terra e depois estacou n'uma attitude rigida, a cabeça firme, o olho n'um ponto fixo, a mão direita no ar, deixando de agitar a cauda. Eram as perdizes, que estavam para lá d'uma tojeira e que elle ia levantar, á minha voz de commando! Acerquei-me, tomei a posição que me pareceu conveniente para poder alvejar á vontade e quando vi tudo favoravel, impuz-lhe: «Avança cão!» Deu uma investida para a pequena moita de carrasco e tojo, d'onde uma manada se levantou arrogante, impetuosa, com o seu estrondo caracteristico, a que os caçadores do norte chamam *arrôto;* mas arrôto que sahisse de cem guellas ao mesmo tempo e que impres-

siona os mais acostumados a ouvil-o. Metti rapidamente a espingarda á cara: apontei, mirei e desfechei! As perdizes seguiram incolumes, bem unidas como em columna militar, vôo largo e corajoso, até quebrarem aza n'um refêgo de monte e pousarem á minha vista, quasi n'uma provocação de desafio.

Não tinha cahido nenhuma! O Enguiço com o seu olhar penetrante explorou a atmosphera transparente, na esperança de ir *aboccar*, mas em vão! Cumpriu o seu dever, seguindo com a vista a manada até que a viu pousar e com uma tristeza perceptivel, olhou para mim! Pela minha parte, eu não estava menos magoado do que elle e sentia-me véxado! Seria da má qualidade da polvora? Seria da imperfeição da carga, visto eu não ter experimentado a polvora, n'esta quadra das primeiras humidades atmosphericas? Não era facil encontrar explicação plausivel, poderia desforrar-me no segundo levante... As perdizes estavam a menos de quinze minutos de distancia, iriamos ter com ellas de novo, na certeza de as encontrar. O animal veio para mim festejando-me n'um convite claro a proseguirmos na contenda. Voltava a cabeça intelligente para o sitio da revoada e logo se dirigiu para lá no intuito de me ministrar o fructo da sua observação. Substitui os cartuxos (eu tinha dado dois tiros), lancei a espingarda ao hombro com arreganho e dirigi-me para o logar onde se dera o pouso. Declinava o sol, a hora era propicia, as circumstancias favoraveis; porque n'esta epoca, as perdizes mostram-se sempre mais frouxas, depois do primeiro vôo... Por um acto de energica vontade

tinha acalmado os meus nervos, sentia-me tranquillo para alvejar com mais segurança, visto ter agora a certeza da existencia da caça. Caminhei de vagar e sem sofreguidão, para chegar nas melhores condições de descanço. Agora já não teria a desculpa da primeira emoção...

Tudo se passou como estava previsto. A' distancia de cincoenta varas do logar assignalado pela minha vista, o cão principiou a affrouxar, a percorrer o terreno com menos liberdade. Caminhava com precaução, subjugado por uma força interior, sentindo que poderia ser nociva qualquer precipitação. Parecia, mal comparado, uma mãe cautelosa, junto de seu filho, quando dorme e não o quer acordar. Agachava-se, rastejava o ventre, alongava a cabeça, em certos momentos; n'outros retrahia-se, como se quizesse não ser visto, nem presentido. Eram certamente as perdizes que iam a pé, que se furtavam á sua pesquisa, que se encobriam com as carquejas asperas... Elle dava pequenas guinadas, que logo suspendia ficando immovel... Via-se que era um cão mestre, ainda mais, que era um cão artista no exercicio das suas funcções de perdigueiro. Por mim estava satisfeitissimo e d'um contentamento nervoso, pelo interesse que reconhecia no meu companheiro, em me auxiliar no empenho de matar caça. Tendo-o quasi sob a espingarda, ia-o animando com a minha voz do melhor carinho, empregava nas palavras certo apreço: «Eh cão!» «Cautella, Enguiço!» «Anda mais!» Por fim elle estacou sem nenhuma contracção muscular, ficando como se fôra de pedra.

Calculei e calculei bem que as perdizes teriam parado agachadas sobre a terra cinzenta, formando com ella côr uniforme, não podendo, o olho mais experimentado, distinguir o relevo dos seus corpos. Só o excellente nariz do Enguiço as podia denunciar. Eu estava firme; a espingarda aperrada, prompta para ser posta em mira; o coração batendo-me com certo desassocego; a respiração mais curta. O cão era seguro, déra tempo a que eu me dispuzesse com toda a tranquilidade para mirar bem e não repetir a pontaria perturbada, da outra vez. «Anda lá, Enguiço!» — disse-lhe com meiguice. Ficou ainda uns momentos quieto; mas depois, achegou-se mais uns passos e as perdizes ergueram-se de prompto, com estrondo, seguindo no ar limpido e desembaraçado um vôo destemido e quasi provocador á minha pericia. Aves novas e inexperientes formavam quasi um bloco; imperito seria eu se, d'um tiro, não enfiasse mais do que uma. Apontei, mirei, desfechei, quasi ao mesmo tempo os dois canos. A fumarada da polvora encobriu-me por instantes o que se passava na atmosphera ampla; mas, logo que vi claro, reconheci que a manada ia intacta, todas as perdizes ovantes, n'um impulso sereno, para mim escarnecedor, e rapidas como pedras despedidas por fundibulario romano! Pousaram socegadamente na encosta fronteira, ali á minha vista e não longe, em sitio de tojo novo, quasi rasteiro e de pouca defeza. Fiquei triste e aborrecido, com acanhamento deante do cão, que avançara com a cabeça indagadora no ar, esperando decerto ir experimentar na bocca gulosa, a sen-

sação macia das pennas de ave morta. O meu desgosto e humilhação era tal que tive a ideia absurda de que o arrotar das perdizes, n'este levante, tivera qualquer coisa de acintoso para a minha impericia. O Enguiço, esse, logo que fixou a revoada, voltou para junto de mim, porém menos contente e festejador do que da primeira vez. Pareceu-me que me olhara com certo desdem, interrogativo e severo. Não admira que assim podesse ser, attendendo a que era o segundo fracasso da minha pontaria, repetido em menos de meia hora. Supportei quasi envergonhado, esse olhar do perdigueiro; achei merecido o despreso e já não ousava mandal-o com a supremacia de dono. Ameiguei-o passando-lhe a mão na cabeça, como a pedir-lhe desculpa de não concorrer para que fosse coroado de bom exito o seu trabalho primoroso de cão intelligente e de bom faro. Não sei se o Enguiço receberia satisfeito estas minhas desculpas, talvez insufficientes. Pareceu-me que não estava contente. Menos expansivo e festejador reconheci-o eu; mas o que se passava na sua consciencia de cão, não sei. Se elle podesse articular palavras, o seu discurso não seria lisongeiro para mim.

*

*   *

Metti de novo cartuchos. Quiz-me parecer que o Enguiço não deu a este acto a importancia costumada e até o recebera com indifferença, ou desconfiança. Por isso atirei com impeto, e quiçá mau humor, a espin-

garda para o hombro. N'um passo largo dirigi-me para o sitio, onde as perdizes tinham baixado. O cão ia adeante de mim com evidente falta de enthusiasmo e de gosto. Chegados á revoada, não tardou que elle parasse, assegurando-se primeiro da minha approximação. Esse olhar interpretei-o como de novo aviso, talvez cartel de desafio, á minha espingarda. Como o sol aqui me désse de frente, preveni-o, com uma voz de sentido, de que ia mudar de logar, para ver se a caça me sahia mais a geito.

Reconheci que me comprehendera, porque se conservou quieto em attitude vigilante. A tarde estava d'uma amenidade deleitosa, no horisonte o sol parecia uma grande gemma d'ovo fluctuando n'um liquido branco, levemente opaco.

Na clareira onde as perdizes tinham tomado pouso, não encontrava impedimento á vista; mas ao fundo, um macisso de codeços e tojo marcava uma mancha escura, sobre a qual o vulto das aves no levante se poderia esbater. Para que as visse sahir n'uma atmosphera limpida, rodiei ainda para a direita e, o Enguiço, com o focinho apontado para ellas, esperou quieto que eu escolhesse a posição que mais me convinha. As perdizes, inconscientes do perigo que as ameaçava, e decerto cançadas de duas reboadas seguidas, pareciam um tanto preguiçosas. Parece que n'um dado momento se distanciaram a pé; porque o cão, sempre cauteloso, as foi acompanhando n'um passo meudo e calculado. Pela minha parte, já prompto e de animo seguro para fazer de novo pontaria, approximei-me incitando o

perdigueiro com palavras brandas de receio. A não ser que a polvora me atraiçoasse, o tiro ou tiros que eu ia disparar, deviam ser mais felizes; mas os dois desenganos anteriores, justificariam qualquer temor. Porém, com a certeza que pode haver em coisas humanas, á terceira vez devia correr-me melhor a ventura. Estava seriamente empenhado em affirmar perante a consciencia do cão, a minha reputação de caçador. Quando, o Enguiço, de novo parou, pareceu-me que as perdizes se teriam de novo ferrado na terra, n'uma defesa pertinaz e teimosa. Deante de mim estava um pequeno pinheiro isolado, que na arida paizagem, se levantava como sentinela que me vigiasse. Attentei n'elle, n'uma especie de sonho, em quanto o Enguiço se preparava. Reconhecendo depois, por um olhar obliquo do cão, que elle tinha as perdizes quasi debaixo do nariz, dei-lhe a voz: «Anda cão». Avançou n'uma guinada energica, mais energica do que as anteriores. Tinha a paciencia esgotada, o pobre animal!... O levante foi como o segundo, prompto e arrogante. N'um patente desafio, as perdizes ergueram-se, expondo-se ao meu terceiro ataque. Apontei, desfechei... e ellas seguiram, mais uma vez, incolumes, em vôo triumphante, sem que ao menos uma misera e leve penna fluctuasse no ar, attestando que algum chumbeiro as attingira.

*
* *

Fiquei parvo, como estatua de geleia. Nunca, como d'esta vez, a minha inferioridade de caçador se tinha patenteado assim, ao meu proprio espirito. Não procurava desculpas, nem explicações; porque as não podia haver. As perdizes tinham levantado lindamente, n'um vôo largo e franco, n'uma atmosphera limpa d'arvores e d'uma mansidão outomnal. Como eram novas, e a temperatura as enervasse, podiam sentir-se cançadas, pois sahiram mansas, quebrando a aza á direita. Tinham-se offerecido de travez, de modo que eu as pude mirar á vontade. Victimas imbelles, assim se sugeitavam á minha crueldade reflectida; crueldade ineficaz, porque ellas seguiram na amplidão infinita como em passeio aerio. O *arroto* sarcastico d'uma das velhas fôra o signal d'alarme ás innocentes filhas, que se não mostraram apressadas, nem receósas, antes indolentes na defeza. Senti-me verdadeiramente corrido; a minha consciencia chacoteava-me.

E o pobre Enguiço, que tanto trabalho tivera para me preparar esta desforra? A sua pericia fôra inutil, frustrados os seus desejos de ir aboccar uma peça de caça, que traria jubiloso á minha mão!... Pareciame mais acabrunhado do que eu proprio. Logo que o seu olhar penetrante e fino não viu cahir uma só perdiz, voltou-se para mim interrogando-me. Que ironia cruel eu não percebi n'esse olhar affrontoso! Es-

tava ali o representante externo e publico da immanente justiça. O seu corpo magro, sobre um pequeno commoro e destacando-se nitidamente no azul glorioso do ceu, semelhava uma grande multidão d'homens que me accusassem chascósos. Com voz carinhosa o chamei; porém elle não se mexeu! Se elle soubera dar, e désse, uma gargalhada de desprezo, eu supportar-lh'a-hia resignado, n'este momento. Tornei a chamal-o, com mais energia, mostrando-lhe no tom da voz a minha auctoridade de dono: «Tó Enguiço! Venha cá!» Conservou-se quieto e impavido na mesma posição... Nem as primeiras palavras carinhosas, nem as segundas impositivas, despertaram no seu animo, a menor impressão de obediencia. Olhava-me fixamente, ao parecer ruminando qualquer proceder que me era defeso adivinhar. Esteve assim indeciso coisa de dois minutos. Como eu me sentisse desobedecido pela sua indifferença, caminhei arrogante para elle, em guiza de o castigar. Teria força moral para tanto?!... Talvez não... Elle, que despresara o meu chamamento, ao perceber e quando viu que eu me dirigia para onde elle estava, baixou a cabeça, metteu a cauda entre as pernas e principiou a distanciar-se receioso. Continuei a reclamal-o uma e muitas vezes; porém fugia pelo monte a baixo, sem me dar ouvidos. Gritei-lhe: «Tó Enguiço!» «Aqui já!...» Estafei-me a assobiar-lhe com energia, dando silvos agudos com dois dedos mettidos na bocca, mas elle de cada vez se afastava com mais pressa. Trepou á encosta fronteira, parou no alto voltando a cabeça para mim, desapparecendo depois e deixando-

me isolado, no meio do monte, só com a minha espingarda inutil!

Comprehendi aquelle supremo castigo! Para que havia elle de ficar? Um novo levante não daria melhor resultado do que os precedentes. Era desnecessaria a sua industria empregada no farejo da caça. Eu, em consciencia, achei acertado o seu julgamento. Em todo o caso, a minha dignidade d'homem sentia-se offendida e protestei, ali mesmo, que em chegando a casa o puniria severamente.

A casa?... Quando já com noite ali entrei, não me deram noticias do Enguiço. Assobiei, procurei-o na loja onde dormia, e na cosinha onde era assiduo, mas não o encontrei. Comprehendi toda a grandesa e abnegação d'um tal procedimento. Nem a boa comida, nem o bom tratamento o detiveram n'uma casa onde o seu talento d'artista era inutil. E ainda apreciei melhor essa elevação de caracter, quando, tres dias depois recebi um bilhete do querido abbade, em que me dizia: «Que diabo fez v. ao cão que me appareceu aqui hontem de manhã? Deu-lhe alguma tareia por ser desobediente? Quer que lh'o torne a mandar?» «Nem uma nem outra coisa — respondi — O cão é desconfiado e não se deu bem com os outros que tenho cá. Depois conversaremos».

E commetti a suprema baixêsa de não explicar ao meu amigo as coisas como ellas se tinham passado.

Dei-lhe como desculpa, que não gostava do animal por ser muito feio, que me não ageitava bem com elle e que o restituisse ao seu primitivo dono. Alem de culpado, fui mentiroso e calumniador! E' que tive vergonha de apparecer outra vez deante do Enguiço, receei que elle fallasse.

O homem civilisado é uma amalgama de cobardias moraes!

Lisboa, Junho de 1911.

JUIZ DE SOAJO

JUIZ DE SOAJO

. . . .
a vos, quem sabedoria
procedeis rrey Salamam

C. G. de Garcia de Rezende.

Isto m'o contou um velho, homem de crenças antigas, em noite invernosa, ao lume de lareira farta de lenha, emquanto o pote da ceia fervia:

«Foi em tempos, ha muito passados, dos quaes os homes cá da freguezia não tem lembrança. Pouco e mal se sabia escrever então, e a memoria do caso veio de pais a filhos, sem se adivinhar como, assim á maneira da agua do rio que vem por ahi a baixo, sem procurarmos a rezão.

«Houve, em Soajo, um home de tanta fama pelo seu juizo, que o nome d'elle chegou a esse Porto e ainda por lá se conserva, pela grande sentença que deu. Era grande cabeça, pelos modos, e todos o respeitavam; porque nunca era por uns, nem pelos outros, mas pela rezão. Nos tempos antigos, em que a gente de cá escolhia o seu juiz, que julgava as nossas coisas aqui mesmo, sem termos de ir á villa, ao juiz de fóra, o tio João Cangosta, foi sempre eleito emquanto viveu, para castigar ou perdoar, nas *aquellas* que tinhamos uns com

os outros. Este nosso povo não é bô d'assoar, em lhe dando na tóla, não teem respeito pelos fidalgos da villa, deita por ahi abaixo e escangalha tudo. Se lhes chega a mostarda ao nariz, ainda hoje, apesar de tudo mudado, espirram forte e feio. P'ra isso não ha homes, nem mulheres; uma mulher vale um home para esbandalhar. Se houvera um Cangosta agora, não se andava de mal com o padre que, aqui para nós, não é boa rez.

«Ora encontrou-se elle, uma occasião, n'um grande aperto, a modo atrapalhado com uma sentença, que tinha de dar por força; porque era o juiz. Não havia estas leis d'agora, que veem nos livros, que os senhores leem e a gente não entende. Então era tudo pelos costumes e se appareciam casos d'arrelia eram os velhos, o padre e o juiz, que disiam o que se houvera de fazer. E n'esses casos a obediencia, era como em coisa sagrada. O que lhe vou contar é de respeito; não ha memoria d'outro egual em toda a redondeza da terra. Só o Cangosta, home do tamanho de qualquer dos sete sabios, é que tinha miolos para desembaraçar a meada.

«Um caçador ás direitas era elle; com o bicho bravo tinha uma birra de morte. Por essas serras acima ninguem deu cabo de mais lobos e de mais pórcos. Disem, mas essa custa-me a engulir, que os matava á faca. Não me entra na cachimonia; porque o pórco bravo na arremettida é peior que um toiro rabioso.

«Pois contavam os antigos, que elle se lhe punha deante no caminho e lhes enterrava a faca na gorja, abrindo-os de meio a meio. Acredita o senhor? No meu toutiço não entra, que não.

«Pois andava lá para cima um d'esses taes, que fazia estragos de mil demonios nos milhos e nas batatas. Qual espéras, nem meio espéras, ninguem o encontrava. Chegaram a acreditar que fosse o maldito na figura de pórco. Quizeram armar montarias: mas o Cangosta, que sendo juiz cá dos homes, tambem o queria ser dos bichos, não esteve pelos autos e disse que só elle devia matar o animal. Preparou-se com a sua faca e uma espingarda, que lhe tinha mandado o senhor rei, quando tivera noticia do grande caçador que elle era.

«Principiou nas suas espéras sósinho, sem querer home que o acompanhasse. Era d'uma cana!

«N'esses sitios para onde elle ia, eram os campos do Pencudo e voltava o tio João d'uma vez, sobre a manhã, quando sentiu no caminho grande restolhada. Parou, engatilhou e viu á pouca luz do dia, o Pencudo sahir dos seus campos a correr, saltar a parede, atravessar o caminho, como uma abantesma, e sumir-se n'um giestal. Ia com tanta gana, que parecia alma penada, d'essas que no mundo andam para cumprir promessas, feitas em vida.

«O Cangosta, ainda que valente e resoluto, nem tempo teve para lhe dar um bérro. Ficou aparvalhado com o caso e qualquer de nós tambem o ficaria. Porque ia a fugir assim aquelle home, que sahia dos seus campos? Porque se escondia no giestal basto? Mais parecia ladrão ou matador de gente, do que creatura que viesse d'abrir a agua ao seu milho! Porque se esconderia na giesteira, a esta hora da manhã, em que ainda mal se via?... Fossem lá sabel-o!...

«Para o Cangosta, que ficára a modo de parvo, o caso tornou-se claro, qnando soube do encontro do Zé Pequeno, da poça do Pencudo, morto com uma sacholada, que lhe tinham dado acima da nuca, aqui, salvo seja. Foi o proprio Pencudo que lh'o foi diser á frente de muito povo, levando preso o Thomé moleiro, que disiam ser o causador d'aquella morte. Não podia ser outro, juravam e trejuravam e a rezão do crime era a quesilia entre os dois, por causa da Rosa Chapa, que estava tratada a casar com o Zé, não querendo nada com o Thomé, que tanto lhe queria, que até lhe prometteu fazel-a dona do moinho e dos campos que tinha ao pé, se o quizesse a elle. E' certo que o moleiro, ao depois do despreso da Chapa, nunca mais comeu, nem bebeu com stifação. Na missa apartava-se de todos, e andava com tão feia cara de condemnado a penas eternas, que até mettia mêdo. O Pencudo declarou que lhe ouvira dizer que havia de se vingar do Zé, por lhe roubar a moça. A vingança estava-se a vêr, que era a morte que lhe déra.

«O bô do João Cangosta, home d'honra e de verdade, ficou pasmado com tanta falsidade; mas elle não podia dizer que não. Elle era o juiz e não podia ser testemunha. Olhando assim muito fito para o Pencudo, com o seu sério de que tremiam todos os da freguezia, disse-lhe: «Vê lá o que dises! Juras que n'essa noite o Thomé foi ao teu campo?» O raio do mentiroso respon-

deu, sem temor nenhum de Deus: «Por esta que me allumia, senhor juiz! Ainda me falte a luz dos olhos se o não vi a fugir!»

«O povo, como uma bocca só, disia o mesmo. O moleiro fôra visto para aquelles lados com um folle de farinha e quando tornou ao moinho trazia uma sachola ao hombro, certamente a mesma com que tinha vindimado o Zé Pequeno. O Thomé não negava que fôra levar a fornada a sua irmã e que trouféra uma enxada que ella lhe emprestara, para cavar terra para um alcouve.

«O João Cangosta, muito triste, não disia nada. O povo atiçado pelo Pencudo, julgando que o juiz queria proteger o matador do Zé, principiou a berregar de cada vez mais, e mostrava geitos de arrebentar o moleiro, ali mesmo. O desgraçado deante d'aquella ira da gente toda, estava enfiado como um defunto, e o Cangosta, home de muito tento na bóla, pegou n'elle por um braço e levou-o, pela sua mão, á cadeia. Fechou a porta e guardou a chave para ninguem lá ir senão elle. «Mando-te eu cá o caldo», disse-lhe ao empurral-o para dentro.

«O Thomé não fazia senão chorar por se vêr accusado de tamanho crime. Comer, nem uma bucha de pão; só se lembrava de morrer de maguas. Perder o amor da Rosa, a quem queria mais do que á menina dos proprios olhos, e ainda por cima diserem que era o matador do que ia casar com ella, clamava ao ceu justiça! O Cangosta, certo da innocencia do rapaz, queria poupar tamanha desgraça. Quando voltou para jun-

to do povo, com muito geito quiz desculpar o moleiro: mas qual carapuça! todos á uma diziam que era um ladrão, que roubava nas fornadas, que as maquias que tirava eram maiores do que deviam ser. Não tinham visto fazer a morte; mas era o mesmo que vissem. Ir logo n'aquella manhã, ainda de noite, levar o folle da farinha á irmã, e trazer uma sachola emprestada... era muita coisa junta. E não havia na freguezia outra cara do inferno capaz de matar o Zé Pequeno, senão o ladrão do moleiro. Um clamor, um berreiro de mil pipas, contra o desgraçado! O tio João ainda lhes lembrou: «Não façam juizos temerarios! Olhem que Deus não dorme e conhece o culpado verdadeiro! No dia de juizo...»

«O Pencudo, sentindo as costas quentes com o povo por si, ajuntou ás palavras do Cangosta: «Todos havemos de ser julgados n'esse dia e a verdade toda hade saber-se. Eu digo aqui, senhor juiz, como o hei-de dizer nas bemditas barbas de Nosso Senhor, que o moleiro matou o Zé.

— Que lhes parece o tal pandego, capaz de jurar falso, na presença do Senhor no dia de juizo! — observou o narrador, interrompendo-se. Merecia que lhes deitassem ao pescoço uma corda bem encebada.

«O João da Cangosta é que não podia condemnar um innocente. Antes do dia da audiencia foi procurar, ainda com noite, o abbade, que ao vê-lo tão cedo lá pela residencia, lhe disse: «Home essa! Sem ser desobriga, nem vespera da padroeira, você por aqui é caso.» E sabendo que elle se queria confessar, indicou

a rir: «Ajoelhe-se lá, senhor João. Deve ser peccado de costa arriba!» E alli mesmo na sala onde resava, comia e dormia, sentado n'uma cadeira encostada á caixa do milho, é que o ouviu de confissão.

«Home que estivesse perto, diria não ser um exame de concencia; mas uma ralhação entre os dois. O padre ergueu-se sem deitar nenhuma absolvição e disse: «Metta em ferros d'el-rei esse malvado do Pencudo e prompto...» Respondeu-lhe o Cangosta: «Eu não posso ser testemunha; porque sou juiz, senhor abbade.» E este tornou-lhe: «E eu não posso abrir bico: porque sou confessor.»

«O que se passou no dia da audiencia, foi o mesmo que nos outros dias. O povo e o Pencudo de cada vez mais contra o moleiro. O juiz estava triste, como Nosso Senhor Jesus Christo, quando S. Pedro o negou tres vezes. Prometteu a sentença, para o domingo, á missa, como era costume n'outros crimes. O abbade é que a escreveria; porque o Cangosta só sabia ler. Eram outros tempos, com menos sabença, mas melhores que os d'agora. Não faltou uma só pessoa da freguezia. Doentes de cama levantaram-se; velhos entrevados vieram em charola nos braços dos filhos. João Cangosta com a melhor roupa de briche, a camisa rica do casamento, o seu capote de cabeção, ouviu a missa junto do altar. Todos estavam com os olhos n'elle, que não olhava para ninguem. Resava com uma devoção, como

se fóra um condemnado á forca, que d'ali a pouco houvesse de apparecer na presença do Eterno! Na egreja, apinhada de povo, nem o zunido d'uma mosca. O moleiro, á esquerda do altar, do outro lado o juiz, chorava e estava amarello como um desenterrado.

«Acabada a missa, deitada a benção, que n'este dia o povo recebeu com mais pressa e melhor devoção, o Cangosta, com uma voz que lhe tremia na garganta, como a d'uma vacca a chamar pelo bezerro, abriu um papel e leu: «Em nome de Deus que a todos nos creou e nos ha de julgar, em nome do Espirito Santo que a todos nos illumina, em nome da verdade, que devemos adorar como o proprio Deus, depois de ouvidas testemunhas e a minha consciencia, que um dia apparecerá perante o Altissimo para dar contas, declaro que o Thomé Azinho, accusado de ter morto o Zé Pequeno da Picota, é por esse crime condemnado a degredo por toda a vida, com cem annos de liberdade, para se preparar a cumprir a pena.»

(O narrador mostrou-me um papel defumado, onde em letra garrafal estava transcripto o que, soletrando lêra).

«O povo, ao principio pasmado, é que se não queria conformar com a sentença do seu juiz e levantou a modo de barulho que o abbade acabou, estendendo a mão para fallar aos seus freguezes, o que fez dizendo alto, ainda aparamentado, tal como dissera a missa:

«Gentes, ouvi! Este, apontou o moleiro, não foi o matador. O nosso juiz sabe quem foi e esse está no meio de vós.»

«O Thomé Azinho acabou de chorar, ficando pasmadinho de todo! O Pencudo sahiu de rebolão pela egreja abaixo, atravessando campos e caminhos até ao rio, onde foi cahir abraçado ao diabo, que o levára pelo ar! O mafarrico decerto o apanhou ao sahir da porta. O demo, como sabe, não entra na egreja; porque não pode ver cruzes, nem pisar chão sagrado. T'arrenego, maldito, que levastes o Pencudo, e fica-te por lá com elle por *seculos séculorum*.

Mas este juiz de Soajo sempre lhe era um grande Salamam, pois não era, senhor?

— Era, meu amigo, era.

Cortinhas, 6 de maio de 1913.

NÃO SE BRINCA COM O AMOR

NÃO SE BRINCA COM O AMOR

A Christovam Ayres

C'est un malheur de n'être point aimée; mais c'est un affront de ne l'être plus.

Montesquieu — L. P.

Duas flores nascidas no mesmo pé de roseira, duas gémeas muito parecidas, apenas differentes na ideal belleza: Adilia carregada e firme na côr da pelle, caracter accentuado, temperamento claro; Mathilde desbotada e melancolica, vaporosa e meiga, era uma nevoa leve cobrindo a relva d'uma collina. No entanto, duas flores nascidas na mesma haste da planta, eguaes no arredondado da forma das petalas e seu agrupamento, nas saliencias das nervuras do corpo, na fluida transparencia dos tecidos, no aroma grato e jocundo, e no roseo sangrento e bello. Em Dilia franziam-se graciosamente as linhas expressivas dos labios quando fallava, o seu olhar incendiado tinha impetos de labareda interior; em Tilde, aeria e mais poetica, o vago da luz do seu rosto diffundia-se no espaço illuminando em clarões azues. Não tinha, por isso, os contornos

nitidos de sua irmã, ainda que fosse flor do mesmo tronco, alimentada da mesma terra humosa, haurindo egual numero de raios de sol e de gottas de orvalho. Tão amigas, tão unidas, sempre ao lado uma da outra, ao cahir do crepusculo encostavam-se bem juntas, para sonharem em leito commum de brandas folhas, fronte com fronte, labios com labios, em beijo de innocencia. Eram duas no sangue, uma na harmonia do sentir e nos desejos; as mesmas idéas e os mesmos sentimentos, em thesouro commum. Differençavam-se n'um ponto capital da existencia, que apesar de exterior á natureza de qualquer d'ellas, podia trazer separação grande: Dilia tinha o seu noivo e Thilde ainda o não havia encontrado. Acontecimento grave e ponderoso: o amor, no coração joven em que se introduz, accrescenta sempre grande peso. Todos entendiam que Dilia, com o immenso affecto de Antonio, valia consideravelmente mais do que sua irmã, a vaporosa e fragil Thilde, que era apenas uma physionomia de sonho, nascida da cabeça d'um poeta. Tal não podia consentir a resoluta Dilia, que então resolveu rindo:

— Impossivel assim! É necessario que o meu noivo seja tambem o teu noivo, emquanto não encontrares um.

Pareceram de grande juizo, elevação e equidade estas imprudentes palavras! Antonio conveio em amar egualmente as duas irmãs; Thilde acceitou com intimo goso esta combinação. Ellas que eram tão amigas, tão irmãs, ficavam de novo eguaes. Estabelecia-se o equilibrio na vida amorosa, na vida do sentimento, como

já existia na vida organica e na do pensar. Não acreditavam que um phenomeno accidental, como é o iman dos sexos, podesse romper o increado affecto, que a natureza gerara nos seus mysteriosos cadinhos, ao dar vida a estas duas gemeas. Se agora pozessem Dilia e Thilde nos dois pratos d'uma balança exacta, com o amor de Antonio repartido pelas duas, não se lhes conheceria differença, e assim é que ellas desejavam viver. Alem de que era combinação temporaria, só emquanto Thilde não arranjasse o seu noivo. Continuavam pois, a ser duas rosas, presas no mesmo pé, sugando alimento pelo mesmo tronco, aquecendo-se e sorrindo ao mesmo sol, que logo de manhã as beijava com egual carinho.

— Como serei feliz, quando conhecer que o meu noivo te ama tanto como a mim! — pronunciou com enthusiasmo Dilia, que era expansiva.

Assim praticou Antonio, deitando-se a cortejar Thilde, com o mesmo fervor com que cortejava a irmã de Thilde. Nem parecia affecto provisorio, aquelle! O interessante rapaz começou por separar em duas porções, perfeitamente eguaes, a sua vida material e a vida do coração, e a entregal-as ás suas noivas com verdadeira e premeditada imparcialidade. O mesmo enthusiasmo ardente no rosto, egual fogo nos olhos, equivalente eloquencia nas palavras, para uma e para outra. Curioso pendulo d'amor, oscillando entre duas attracções, com a fatalidade das coisas que não são livres. Illusão de entendimento e d'affecto?!... Talvez, mas elle não o percebia; nem o percebia Thilde, nem

Dilia, quando no fim de cada tarde davam o balanço da sua felicidade. Estes dois gloriosos corações reconheciam haver compartilhado por egual a alma d'Antonio; pois elle dava a cada uma, identico valor em palavras, tanto na sonoridade como no enlevo com que as pronunciava.

— Que te disse elle, hoje, Thilde?

— Que me amava com enthusiasmo... E a ti que te disse?

— Que me adorava com vehemencia.

— Não é a mesma coisa?!...

— É a mesma coisa...

No seu phantastico engano, o namorado cumpria o que jurara e vivia convencido da imparcialidade absurda do seu affecto. Jardineiro sonhador, via uma flor onde estava a outra, das duas fizera uma; porém a natureza mandava que as separasse. Operação delicada e melindrosa!...

*

*   *

Em certa altura, não se sabe bem porque, nem a explicação seria facil, Antonio principiou a dispender mais alguns minutos de cada dia com Thilde, e Dilia percebeu-o. Quem não déra por tal, foi o namorado, que praticava o acto; nem Thilde, que o consentia e d'elle colhia beneficio. Talvez a graça mais aeria e poetica d'esta; aquella expressão vaga do seu olhar, que parecia formado de luz; a voz de mais sensibilidade e me-

lodia... talvez fosse isso que aligeirasse o tempo do encantado rapaz, que assim commettia uma grave falta. Começou por ser um minuto... a seguir dois... e tres... Mais tarde chegou a dez... e quinze... Tempo infinito! Mathilde, de si abstracta, não déra pelo engano, deixando-se enlevar na plumagem da ave azul do seu sonho, que voava na immensidade do espaço! Marcava-lhe, porém, a quantidade de ventura pelo seu soffrer, a prejudicada Adilia. Logo o primeiro minuto que lhe haviam roubado lhe causara surpreza; mas como fosse em favor de sua irmã querida e tornasse ditosos dois entes a quem o seu valoroso coração tanto amava, fingiu não perceber. Não parecia sentir-se lesada nos seus primordiaes direitos e até se quiz tornar cumplice, fingindo ser casual o seu apparecimento, que principiou a ser tardio. Talvez o coração lhe sangrasse dolorido; mas logo que, ao recto espirito, lhe veio o convencimento de que sua irmã conseguira dispertar em Antonio, vozes mysteriosas, imagens de sidereo encanto, que ella não pudera crear, estava tomada a sua resolução, que era a renuncia d'aquelle amor, com a firmesa propria do seu caracter. O que mais a preoccupava, agora, era a germinação natural e logica da ventura de sua irmã; todo o seu empenho consistia em concorrer para que essa ventura crescesse n'uma atmosphera favoravel de delicias! Desejava que fossem felizes sem estorvo, nem constrangimento; quiz que Antonio considerasse aquelle o seu primeiro amor e que Mathilde entendesse que era amada por um coração virgem. Portanto, simulou que era ella, por

sua iniciativa, que se ia pouco a pouco desprendendo do antigo amor. Para que isto parecesse natural, empregava a graça, toda a graça infinita do seu caracter bondoso: esquecia-se de comparecer á sua hora, mostrava-se, ás vezes, com aspecto simuladamente desgracioso... tudo para deixar, a bem de sua irmã, o que lhe pertencia. Os ditosos namorados não davam pelo artificio: tão felizes viviam um no outro! Thilde gozava como seu, o que não o era; Antonio, prodigo amante, dispendia com ella, ás mãos cheias, o seu infinito e ardente affecto!

*

* *

Continuavam a ser duas flores nascidas no mesmo pé de roseira; mas já se differençavam, sugeitas, como viviam a diversas acções exteriores. A caprichosa curva da sorte inconstante, collocara Dilia, em menos favor, em relação á luz que a estimulava, ao calor que a vivificava... Um pequenino verme, no começo imperceptivel a olhos vulgares, principiou a roer e a minar; a roer, lenta, gradual e persistentemente, o pedunculo especial d'esta rosa, em prejuizo da outra. A seiva que pelo imparcial tronco commum (que é toda a natureza) subia como alimento para as duas, derivava em maior quantidade para Mathilde. E Adilia, outr'ora tão saudavel, tão alegre e expontanea, modificava-se: empallidecia, definhava, entristecia, como se venenoso sangue circulasse em todo o seu formoso corpo, affectan-

do-lhe o cerebro e o coração. Já todos que a cercavam perceberiam esta transmutação; mas continuavam a sorrir-lhe, porque ella lhes sorria, e não inquiriam do seu mal, para a não alarmar. Cuidavam que ella o não sentisse, procuravam enganal-a com disfarces .. Era uma maneira, como outra, de lhe darem alento na subida do aspero calvario, que ella por sua cabeça escolhera. Chamavam em auxilio o tempo, que tudo faz e desfaz, para elle a convencer de que o evidente amor de Antonio por Mathilde, era planta expontanea, nascida de semente casual, em momento propicio. Dilia era a primeira a auxilial-os em tal empenho, queria que todos entendessem que, o sacrificio feito em favor de sua irmã gemea, lhe não era penoso. Que razão especial poderia haver para que ella fosse a preferida de Antonio? Nenhuma: eram ellas duas flores rebentadas do mesmo pé de roseira no mesmo dia, crescendo por igual as suas petalas mimosas, alimentadas do mesmo solo e alegradas com a mesma luz e calor. O nascer é certo; o amor e a morte incertos. Porque tinham nascido eguaes, era dever dos fados tornal-as eguaes no destino da morte e no destino da vida?!...

*

* *

A mudança no objecto d'aquelles amores estava completa. As coisas seguiram, depois, tanto a fio, que a todos pareceu natural a transformação. Antonio amava só e loucamente Mathilde: amava-a livremente em casa e

nos passeios ensombrados, sob confidentes arvoredos, aos olhos de todos e de Adilia. Já em nenhum semblante se notavam linhas interrogativas, nem de receio; antes sorrir de conformidade e d'assentimento. Por este tempo e n'uma tarde, as duas irmãs encontraram-se n'um largo eirado á hora roixa do crepusculo. Era o morrer suave e languido d'um dia radioso, em que uma côr de baça perola desmaiava o ceu. A temperatura calida e amiga enlanguescia, enleiava a mente, guiando-a para intimas confidencias, d'essas que são cantos da mesma harpa, marulhos do mesmo regato. Nunca Adilia e Mathilde se sentiram mais uma só, a mente na mente, o coração no coração!... E perguntou a primeira á segunda:

— Amas muito o teu noivo, minha irmã?!

— Se amo!... Quanto o amo?... Immenso! É meigo e enthusiasta! E' o desejado, o esperado do meu coração!

— Como sou ditosa por vêr que encontraste o paraiso na terra! Que Deus dilate essa felicidade por toda a vida, por longa vida!

E Mathilde deitando a cabeça no seio de Adilia agradeceu:

— Devo-te esta felicidade immensa. Tu me deste o coração de Antonio.

— E que já anteriormente te pertencia. Era a ti que elle amava, sentia-o eu. Fui apenas o pedaço de ceu, onde passou esse astro que ia para lá. Sinto-me bem feliz pelo ter sido.

— Grande e generoso o teu peito, minha irmã. E não soffres?!

— Gozo, gozo immenso, acredita. O meu corpo tem saude, a minha imaginação vida! A tua ventura é a minha ventura!... Se n'esta mão fechada estivesse um mundo de deleites, abria-a para que voassem para ti.

— Incomparavel alma! Não virá tambem o teu sonhado noivo, para serem no mesmo dia os nossos casamentos?!

— Não vem, não virá. Não se repete o primeiro amor!...— acrescentou sorrindo tristemente.

— Então amavas Antonio! — exclamou Mathilde com impeto na voz.

— Amava-te mais a ti, e hoje ainda o amo em ti. Amarei teus filhos, como se do seio me sahissem.

— A tua vida será incompleta, Dilia! — considerou melancolica.

— Completo-a no teu affecto, minha irmã.

— Não esperas, pois, um sonhado coração?

— Não espero. Realisa breve o teu destino... Ao meu, nada ha a acrescentar, logo que te veja feliz.

Não souberam dizer mais palavras. Um estreito abraço, de dous corpos fez um só. Os raios tristes do ultimo explendor de sol, que fugia na immensidade, soldara esses dois corações irmãos. Ao despegarem-se, lagrimas de cristal, silenciosas e puras, espelhavam aquelles rostos, que se viam um no outro.

*

* *

O casamento de Mathilde com Antonio realisou-se pouco tempo depois. Cerimonia intima, simples, commovedora. A maior alegria d'essa festa, reflectia-se no semblante de Adilia. Relampagueava-lhe o olhar como as cordas d'uma harpa, as palavras sahiam-lhe abundantes como revoadas de passaros. Todas as demais pessoas estavam menos satisfeitas. Os noivos, esquecidos um do outro, por delicado sentimento, acarinhavam só Adilia, como se ella fôra a rainha. Intelligencia lucida, de perspicacia inquieta, ella comprehendeu a razão de tanto esmero e disse rindo nervosamente:

— Parece este o dia do meu casamento! Sou aqui a pessoa mais feliz, pelo muito que lhes quero a ambos.

Ninguem se mostrou discordante; antes lhe sublinharam a generosidade com dizeres, sorrisos doces como o mel, ademanes de subtil carinho — tudo ardis e sophismas para lhe desviarem pensamentos tristes. A diligencia de Adilia enfeitou este acontecimento com todas as alegrias: as flores, d'uma polychromia abundante, enchiam as mesas, tapetavam as paredes, afestoavam os altares da capella; o orgão com as notas graves e esfusiantes levantara, durante a cerimonia, os corações dos noivos ás alturas serenas da ventura perenne. Manifestava-se em tudo a bondade e perdão

d'esta festa de triumpho. Dilia quando sua irmã partiu, ao lado de Antonio, para o bello paiz do Sonho e da Chimera, veio á larga varanda cobril-a de petalas de todas as flores, que no ar voaram como azas de insectos loucos.

Os seus braços nervosos atiravam essas nuvens multicores, como soluços que lhe sahissem do peito. Eram punhados de risos e suspiros, que antes de pousarem na cabeça da noiva adejavam como pensamentos... Pessoas sensiveis e delicadas accentuaram, com lagrimas nos olhos, o tocante d'este acto de commovedora ternura, d'uma irmã por sua irmã. Os recem-casados partiram alegres em viagem de nupcias, para o ninho adorado, entre ramarias escondido. A physionomia de Adilia, no momento em que elles desappareceram da sua vista, era d'um contentamento hilariante. As suas palavras d'oiro, os seus gestos de flamula, os seus olhares com chispas diamantinas... dominavam tudo e todos. E como o sol antigo, depois de ter brilhado sumptuosamente, se recolhe á espessa noite, assim ella entrou na tristeza da meditação, depois da febre da alegria, fechando-se no oratorio, antes de se recolher ao seu immaculado leito de virgem, ao lado do de sua irmã, agora deserto. Apanhou-a com as suas azas de morcego, um somno profundo e completo, do qual Adilia, como nas lendas antigas, nunca mais acordou.

Na fina e branca pelle do seu braço esquerdo, descobriram-lhe uma roseola, com ponto negro ao centro!... Seria ferroada de insecto venenoso, que se escondesse entre as flores do noivado?!... Não sei... Tambem

disseram sabios profissionaes que, n'aquelle delicado coração, uma empola rebentara. Quem poderá dizer o que foi?! Adilia morreu na suprema paz do seu amor desilludido. Poderia ella supportar a affronta de deixar de ser amada?!...

... 1904.

COLLO DE CYSNE

COLLO DE CYSNE

A José de Sousa Monteiro.

No paiz onde vivia era de todas as mulheres a mais respeitada: innumeros eram os admiradores da sua belleza, todos a temiam pela sua clara e imponente castidade. Passava esbelta, sorrindo sempre, quasi humilde no meio da grandeza imposta pela sua gerarchia; os seus olhos simples, posto que nimbados de malicia, deixavam rasto de luz, que offuscava a de muitos olhos formosos e paralysava o coração de todos os homens. Colhia no seu caminho radioso tantas bençãos, como de turbulencias deixava nas almas. Ella sabia-o: a expressão d'aquelle rosto, ao mesmo tempo modesto e triumphante, denunciava a comprehensão d'essa antinomia da sua natureza complexa. Uma imagem na solemnidade do andar, pescoço flexivel de cysne, cabeça erecta como a d'uma papoula. Parecia não pousar os pés na terra aspera e malevola, suspendia-a e guiava a um bafejo de brisa. Mas o seu apparecimento perturbava o ar quieto; á sua passagem voavam diaphanas sombras dos pensamentos maus, que Alcine sugeria.

Busto mais gracil do que um goiveiro florido, tinha a solidez e o ideal dos corpos das estatuas gregas. Alguns senões accentuavam o caracter d'esta figura singular e por esses defeitos é que ella se impunha: o nariz era extremamente movel, tornando-lhe a physionomia revoltosa; os olhos, variaveis na côr como o camaleão, eram escuros, eram verdes, eram azues, eram brancos conforme o penetrante, o capcioso, o vago, o indifferente... estado do seu espirito. Olhos de luz infinita, alcançando na immensidade largo ambito, coriscavam ás vezes e ninguem os podia fixar!... Olhos de velludo, acariciadores e bellos, attrahiam imperiosamente, como o magnete. É que o sentir d'aquelles nervos, que esses olhos divulgavam, era como a electricidade das nuvens, que abafa, apavora ou abate cariciosamente. Pareciam folhas de cravo vermelho os seus labios, sensuaes e ligeiramente tremulos, como os de Cleopatra; petalas de *muguet* os seus dentes, miudinhos, muito eguaes, dispostos a morder como os da cascavel. Cabellos fartos, semelhantes na côr negra ao lombo da enguia, lhe adornavam a formosa cabeça e significavam, no ondeamento dos reflexos, o mysterio dos profundos lagos. O fechar do busto na garganta era, no arfar, de goso e sensualidade; mas nos seios, de curva branda, havia recato e pudicicia. Por isso a sua virtude e castidade revoltavam e encantavam tanto como a sua formosura. Diziam-na austera e rigida na vulgar moral dos homens. A sua branca pelle nunca soffrera um beijo de malicia, os seus labios nunca empallideceram n'um frenesi de peccado; nem as pupillas

indecifraveis se haviam jámais paralysado em pasmo de sensualidade, nem os musculos da complexa physionomia jámais tinham exprimido turbulencia em extasis d'amor!

Toda a gente a considerava natureza bem disposta e finamente educada em mysterios e recatos de sensibilidade. Conteria em seus nervos desejos não revelados patentemente, carinhos á espera de momento para florir, rugidos de vulcão oppressos sob forte crusta de convenções sociaes? Talvez, talvez, talvez... Esta mulher virtuosa e serenamente pudica accendera paixões violentas em muitos peitos ingenuos. Sabia-o e gosava com adivinhal-o. Passavam homens incautos e submissos á sua alta gerarchia: n'um relance, n'um lampejo cariciador, descobriam-lhe, os infelizes, nos labios um tremulo sorriso, nos olhos um perturbante desejo... Isso que fôra apenas um momento, um instante inapreciavel na contagem do tempo, uma reverberação em onda movente, atacava-os nas mais reconditas fibras, abrindo-lhes o céu das esperanças infinitas, atirando-os violentamente para o inferno das incertezas incalculaveis! A nunca sonhada preferencia enlouquecia-os, principiavam desde o fatal acaso a viver estonteados e bebedos!... Pois que! dama de tão alta estirpe, que impunha temor; dama de tão notoria e apregoada virtude, que infundia respeito, havia de, sem o divino sentir, espicaçal-os de tal modo no coração para nada...?!

Na variedade extravagante das suas escolhas, qual o seu criterio, se tinha um? Desejos de amor carnal?!

Impossivel, pois havia com olhares castos enlouquecido um velho de aspecto biblico, misero que, ao serviço da luminosa chimera, poz o restante brazido da sua caducidade, julgando se amado dentro d'uma nuvem de recato, o que mais lhe exaltava os nervos senís. Morreu, esse, em noite luarenga, com a vista pasmada no astro dos amantes, finando-se de inanição propositada, por não saber como dar fim áquelle engano.

Seria antes sentimento puro, recondito, aerio, affecto sem possivel realisação, extasis, paroxismo deleitoso d'alma, como o sentira a carmelita d'Avila, amando o divino e chagado corpo de Jesus? Não, pois dos seus preferidos um era capitão de cavallaria, moço forte e de grande presença, peninsular cheio de promessas, audacioso, olhar energico como o d'um chefe arabe. Attrahira-o com um desfranzir de labios, affastara-o com o simples unir de sobrancelhas e com olhar sombrio. Esse valente, que não temeria a morte com a ponta d'uma lança sobre a gorja, quando assim repellido, quedou-se inane, entorpecido d'alma e de corpo, gelado nos desejos. De tanto penar, enredado em contradicções successivas, emmagreceu, bamboleava-lhe o esqueleto dentro da farda, a sua alegria sanguinea, de riso largo, transmudou-se em bronchidades em riso, vivia errante pelas viellas e capitularam de loucura a molestia de que morreu.

Sonharia a dama de olhar glauco com esses prazeres da materia, que por serem defendidos e criminosos, mais exaltam a sensibilidade e espicaçam o cerebro? Talvez!... Quem o poderá negar?!... Um cle-

rigo dizia a sua primeira missa: coberto dos oiros da casula, da estola e da solemne capa de asperge, a sua face barbeada e moça, era glorificada entre nuvens de incenso. Os canticos lithurgicos engrandeciam-lhe o aspecto, os lumes e flores da egreja solemnisavam o acto magnificente. N'uma benção que lançou sobre o povo, os seus olhos commovidos encontraram-se com os olhos verdes e promettedores d'essa dama de alta gerarchia, que fôra sua protectora. No mais alto degrau do sagrado altar, estendia elle o braço para desenhar a cruz symbolica, quando esse olhar doce e convidativo em que havia segredos de cumplicidade amorosa, encontrou o seu olhar inexperto! Perturbou-se o moço levita na sua gloria, empallideceu á vista dos acolytos e de toda a gente, iria mesmo ao chão se o não amparam! Tamanha e tão subita commoção foi sufficientemente explicada pela santidade e grandeza do acto, que o introduzia de vez na valiosa milicia, amparo dos corações fracos e fiadora da salvação das almas, levando-as rectamente aos pés de Deus. Mas foi o ultimo dia da tranquilla felicidade a que aspirava na terra. Nunca mais teve socego a sua mente: as resas e pedidos d'amparo á fé e ao céu misericordioso, mais lhe exaltavam a imaginação, approximando-o do capricho ideal d'aquella formosa mulher, que n'um relance o lançara no mais brilhante e seductor dos paraisos! Poderia elle abandonar a offerta que a caprichosa creatura lhe fazia de toda a sua virtude, castidade, elevado nome e posição?!...

Esse amor — considerava o levita — era tanto mais

verdadeiro, intenso e formidavel, quanto a sua expontaneidade e vehemencia só podia explicar-se pela irresistibilidade, que leva a todos os sacrificios e exaltações!... Votou-se-lhe até á morte; mas quando o desengano lhe despiu o coração illudido, só n'um cenobio de regra austera pôde esconder de si mesmo a vergonha de ter amado. As resas, jejuns e penitencias conseguiram dar-lhe a tranquilidade apparente e exterior; mas nunca trazer-lhe o esquecimento do primeiro instante de prazer incomparavel, quando o fulminara o olhar glauco de Alcine.

Talvez fosse, o goso de se ver amada n'um amor sem possivel esperança o que ella procurava. Um humilde, que certo dia recorreu á sua caridade, sempre generosa, ao entregar-lhe a petição implorativa, sentiu-se dominado pelo olhar azul d'essa creatura magnifica. Ficou scismatico na sua rudeza sem cultura, nunca mais lhe pediu nada. Fôra um olhar divino de santa, que o erguera ao ceu para que elle visse o paraiso, a moradia dos anjos, sumptuosa cupula sob a qual as côres e os sons se juntavam n'uma harmonia symbolica. Timido e fraco, nunca mais se approximou da mulher sublime; mas ia sentar-se na borda das estradas, por onde ella passava envolta em luxo sumptuoso, só para a contemplar fugitivamente e a haustos sofregos aspirar aquelle ar, que ficava polvilhado de sorrisos e das intangiveis particulas que manavam do incorporavel ser. Acabou extatico e sem um suspiro.

O mais notavel d'esses amores tão caprichosos, como funestos, sentiu-o uma franzina creança de quinze annos,

um poeta com a imaginação ornada de deliciosas chimeras. Estava o pallido sonhador abstracto vivendo no seu mundo irreal. No fundo desvanecido do céu infinito appareceu a imagem gloriosa com toda a pudicicia d'uma face angelica. Tinha os olhos enganadores de convite a viagens pelo mundo sublime das estrellas... Os labios franzia-os n'uma expressão de beijo puro e suavissimo. Aquella doce apparição formada de effluvios etherios, surgira levemente d'um leque de luz sidereal. O coração virgem, o cerebro virgem, o corpo virgem da creança soffreram de um pasmo concentrado e mudo! Tantas vezes a contemplara sem alcance, no triumpho da sua formosura e na ostentação da sua grandeza aristocratica, e só agora, o pobre innocente, percebera que ella o chamava a si com os olhos de côr mudavel e com os labios de purpura desmaiada.

Havia n'esse delicioso e indecifravel sorriso, carinho d'amante apparecendo na frescura d'aquelle coração! Desde quando o amaria Alcine, sem que elle o tivesse percebido! Ha quanto tempo não estaria o pobresito privado de goso tão ideal! Devia tel-o adivinhado; mas era um inexperiente! Julgou-se culpado de não haver mais cedo presentido aquella paixão deslumbradora! Com o denodo da infancia (esse encantador impeto physiologico da vida nascente), irrigando-lhe o cerebro sangue turbulento, principiou a enfeitar esse amor de graças e atavios tirados da sua candida mente. Verificou que não era engano o que primeiro comprehendera: a deusa que passava deante dos seus olhos, sempre n'um apparato de triumpho, acariciou-o repetidas ve-

zes com a vista amorosa, separando assim, a desconhecida creança, de todos os outros homens. De orgulhoso, não comia socegado, não dormia só para ter as pupillas fixas na absorvente imagem, que via principalmente na escuridade. Rodeava o palacio onde ella morava, só para contemplar as janellas, onde apparecesse luz e poder affirmar a si proprio, que aquellas paredes encerravam todo o encanto da sua alma!...

Que feitiços, que amavios secretos sabia destillar, esta encantadora serpente, nos corações experimentados ou inexperientes, para a todos assim perturbar?! Seria a sua virtude que elles imaginavam vencer? a sua frieza que pretendiam desgelar? Seria a conquista da sua nobreza, que procuravam para se engrandecer? Seria só a posse do corpo delicioso, os beijos queridos, os extasis sem fim?! Tudo isso poderia ser para os homens conhecedores, que no coração guardavam venenos de zelos e cubiça de prazeres materiaes; mas a pobre creança, o poeta ingenuo, seria d'esses outros?! Não, pois desconhecia o engano e a felina maldade das creaturas complicadas. O que elle principalmente adorava era a divindade da formosura eterna, da eterna belleza!... O sangue, em turbulencia, dos primeiros desejos, refervialhe aquecido pelo fogo d'aquelle olhar ás vezes negro e profundo! No peito entrara-lhe um sentir novo, grande e eloquente, que o erguia acima dos homens, tornando-o um bello heroe d'amor!...

Com a inquietação febril da vida maravilhosa que vivia, mostrava-se em toda a parte onde a rainha da

sua alma apparecesse, espiando-a de entre a multidão que a venerava. A' noite adormecia-lhe á porta do palacio, para sonhar perto d'ella. Quando a sentisse cortejada e appetecida por homens que lhe fallavam com physionomias de desejo, os vagidos de ciume gerados dentro do seu resumido peito, desciam até ao inferno, os olhos fundiam-se-lhe em lagrimas. E ella, a sublime deusa, ainda lhe sorria a essa distancia e lhe promettia venturas que o inebriavam.

Entrou, o incauto, no periodo de crueis incertezas, das quaes outros mais idosos já tinham soffrido o final desengano! O divino rosto principiou a mostrar-se-lhe em contraditorias differenças. Os olhos azues ás vezes eram verdes e mysteriosos, outras brancos e indifferentes, outras escuros e reprehensivos. Nem sempre se desfranziam os labios em sorriso, antes se premiam com severidade e aquelle tão bello semblante encarava-o insensivel e desdenhoso. O triste, que sentia mais do que pensava, vendo-se assim despresado, chegou a presumir que todo o passado fôra obra de sua cabeça louca! O mesmo succedera a muitos; mas esses eram homens que tinham vida praticada e corações velhos. Este, aos quinze annos, era só alma enthusiasta, alma virgem e absoluta no querer. Ambicionava para si o exclusivo d'aquella creatura — elle um atomo á conquista de uma estrella. Tinha ciumes, ciumes violentos e rugidores, como tempestades, quando a via sorrir e fallar aos que a cubiçavam e por quem Alcine parecia que se deixava cubiçar!... Era uma infidelidade, que só poderia ter como remate... a morte!

Os primeiros signaes de indifferença haviam-lhe já maculado a candidez d'alma; mas depois, presencear em publico que era tocada a divina pelle da sua amada com beijos macios na mão encantadora, presenciar que ella colhia sorrisos d'amor, palavras de galanteio de homens esbeltos... desesperava-o.

Certa noite, noite de maravilhosa festa mundana, adivinhou que essa magnifica formosura iria triumphar sobre a formosura de todas as mulheres. O pequeno e timido poeta, com a mente cheia de incertezas e contradicções, quiz vel-a em toda a sua gloria; quiz aspirar, com as pupillas ávidas, toda a luz que dos seus olhos cahisse misericordiosa; quiz recolher no pequeno arcabouço os divinos perfumes, que de longe lhe chegassem d'essa creatura excepcional, na sua passagem.

Havia innumeras carruagens no largo fronteiro ao palacio em festa. A multidão anonyma dos curiosos, entre os quaes elle se empilhava, rompeu-a a creança com o seu corpo magro, como um estilete, para ficar á frente. Policias continham a massa do povo no indispensavel respeito á commodidade dos summos. Elle junto da alta humbreira do portão do palacio, foi repellido com brutalidade. Soffreu resignado a humilhação, descontando-a no supremo goso de estar instantes junto de Alcine, de poder sentir na fria e humilde pelle o roçar quente da seda do seu vestido... Quando o baile findou, depois de cruciantes horas de espera, teve ainda occasião de a contemplar a descer a ampla escada, abrilhantada de luzes. Vinha cercada do respeito de todos os homens, coberta de magestosa

e ampla capa, fôfa e branca como a espuma, a airosa cabeça com espelhamentos de alto diadema! O misero e humilde poeta gosando-a no avançar lento, sentia os olhos em braza, o cerebro em turbulenta fervura.

Aquella imponente mulher dirigiu-se para a carruagem, como uma santa para o seu andor. A creança sentiu tocar-lhe na face a quente exteriorisação de tanta grandeza, viu-se esmagado na sua humildade com um olhar de claro desconhecimento!...

Fóra de si, avançou, sem saber que avançava. Quando o solemne porteiro impellia a portinhola e os cavallos arrancavam, a creança não pôde, não quiz, ou não soube afastar-se, e as patas hanovrianas, grandes como luas, derrubaram-no. Esse corpo magro, innumeras vezes estremecido por sensações violentas de louca felicidade, sentiu-se cortado pelas rodas, sem dar um leve grito de queixume. No instante de suprema dôr os seus olhos brilhavam gloriosos, conservando na retina, da ultima visão, a imagem da mulher adorada. Findo o alvoroço, a bella dama contentou-se com uma explicação banal do acontecido e continuou seguida de murmurios da plebe para o seu palacio d'oiro. O desgraçadito falleceu durante a noite, subindo á gloria do seu amor puro. Alcine, ácerca d'essa creança, que os seus olhos enigmaticos tinham enganado, ouviu com serena piedade a narração da tragica morte.

Lisboa, Outubro de 1905.

A TEIA E A VIDA

A TEIA E A VIDA

(APOLOGO)

Uma velha muito velha, semeou n'um campo junto do seu eido, certa porção de linhaça. Principiando esta semente a germinar, a superficie de negra que era veio a colorir-se de verde, o verde claro do linho nascido; depois quando as hastes já attingiam dois palmos, ornamentaram-se de florinhas azues, delicadas e leves, como as da myosote, o que deu ao campo a parecença de um tecido ligeiro de tunica da Virgem.

Chegou o momento de arrancar o linho da terra, de o levarem ao ribeiro proximo para o afogarem comprimido sob pesados seixos. Tiraram-n'o ao fim de certo tempo, melado e envilecido pela podridão, para o estenderem ao sol de agosto na eira.

O cheiro que em volta se espalhou era nauseante e incommodo: todas as pessoas se afastavam com repulsa do linho que fôra tão belo e espalhara no ar um odor campesino.

Vieram os malhos dos malhadores, vibrados por braços cabelludos e negros e aplicaram-lhe a primeira

tosa, a ele que estava inerme e indefeso estendido no chão.

E não contentes com isto levaram-n'o depois a um engenho, submettendo-o a uma verdadeira tortura entre dois cilindros, que o esmagaram implacavelmente, desconjuntando-o nas suas partes. Parecia quererem-lhe destruir toda a existencia; porém o filamento tenaz e rijo que sustentara a florinha azul, saiu-se vitorioso desta prova, offerecendo a sua elasticidade como força de inercia.

Nesta altura tomaram conta do linho umas camponezas, que levando-o ao rebordo dos seus cortiços, entre cantigas alegres que pareciam de escarneo, o moeram de novo com as suas espadelas, até separarem a fibra do involucro que a protegera no campo, e isso que fôra uma pelicula molle e delicada, desfez-se em poeira desprezivel, que, esvoaçando no ar, foi cair nos caminhos onde a calcaram os pés dos viandantes e das cavalgaduras. No sedeiro separaram-n'o ainda d'uma parte grosseira a que chamam estopa, mas que era carne da sua carne e que fôra sustentada e lubrificada pelo mesmo sangue que fizera nascer e crescer a fibra. Ficou, porém, o linho macio e belo, claro como cabellos de oiro de fadas, d'um contacto tão suave, que se havia de sentir ameigada a pele das fidalgas que o usassem.

*

* *

Mas a velha muito velha que tinha semeado a linhaça, tomou conta das estrigas, com ellas carregou a sua formidavel roca, e armando-se de um grande fuso que parecia arma offensiva, começou a fiar apertando entre os dedos magros e duros, as belas fibras que pareciam cabellos. Perdiam essas fibras o seu aspecto delicadissimo, para torcidas e retorcidas umas com as outras, formarem uma linha de comprimento infinito e armarem-se depois em bojudas maçarocas que a fiandeira arrecadou no fundo lugubre d'uma grande caixa de castanho antigo. Em certa noite de janeiro, noite de vendaval invernoso, sairam da sua prisão as maçarocas, comparecendo diante do fogo alegre d'uma lareira em chammas. Agradou este livramento e o aspecto purificador do fogo ás maçarocas bojudas; mas não tiveram tempo para muitas alegrias visto que ali estava o sarilho em que a velha principiou a enrolar a linha, desfazendo-as para compor as fartas meadas. Era preferivel este estado, por ser de maior independencia; mas as pobresitas, habituadas á convivencia do seu carcere, sentiram que as separassem, umas das outras, aquellas que tinham ficado amigas; porque nas trevas haviam adquirido conformidade e geito de viverem juntas.

As meadas d'uma côr escura, pouco agradavel aos olhos, foram levadas ao coradoiro. Durante os soes de um quente estio soffreram alternadamente molhadelas

e calores, foram batidas sobre pedras asperas até que depois de brancas, quando já tinham perdido mais alguma coisa da sua natureza intima (o cheiro acre e sadio do linho crú), voltaram á lobrega prisão da caixa de castanho velho, onde passaram o inverno inteiro. Os fios de linha estavam n'um novo arranjo, mas eram filhos da mesma mãe, gosavam de relativa liberdade e habituaram-se ao novo estado.

Já cantavam os passaros nos arvoredos, o amor das aves e das plantas mais uma vez ia engrandecer a criação universal, quando a velha foi buscar as meadas, e diante de um novo instrumento de supplicio, chamado dobadoura, principiou ás voltas, ás voltas a desfaze-l'as, para formar os novelos. Pois não era cruel, que achando se numa situação independente de fios de meada, os fossem outra vez comprimir uns sobre os outros, assim n'uma sujeição incomportavel ? !

O que mais os maguava era a desegualdade de tratamento n'este novo estado — uns no centro do novelo sem ar, sem luz e soffrendo o peso dos seus eguaes, que não por culpa sua, os castigavam; outros á superficie alegres e com toda a commodidade.

O que valeu é não ter sido muito duradoiro o martirio; pois que não se passou largo tempo, sem que os novelos redondos e brancos fossem atirados para dentro dum cesto, e d'ahi a velha os desfizesse num sentido inverso áquelle porque tinham sido formados para assim arranjar as canelas (nova forma de maçarocas) que encheriam as lançadeiras. Nesta situação foi a linha levada a outro destino. Ficou apavorada quando a puze-

ram diante duma formidavel armação que tinha toda a apparencia duma forca, ou qualquer outro sumptuoso instrumento de humana crueldade! Era o tear onde se ia tecer a teia, que a velha muito velha premeditara fazer desde o dia em que na terra lavrada mandou lançar a leve semente, que deu a planta, a qual deu a estriga, que deu a maçaroca, que deu a meada, que deu o novelo, que encheu as canelas que foram metidas na lançadeira.

*
* *

A urdidura fez-se com grande preparo e ostentação no quinteiro junto á casa. A tecedura, começou no meio d'uma grande inferneira de pancadas, que a velha muito velha acompanhava com a melopeia de sua voz rouca. Com o braço rijo e secco, a cada passagem da lançadeira sujeitava os fios a uma posição forçada, cruzando-os uns com os outros, elles que sempre tinham vivido, do campo ao coradoiro, parallelamente como irmãos e bons camaradas. Mas assim é que se fez a bela teia que encantava os olhos depois de novamente corada, e que a sua dona destinava a contactos delicados de peles de princesas. Principiava aqui, para o linho transformado em panno, um novo periodo de vicissitudes, como acontece á vida do homem quando se conhece completa na sua expansão. Umas vezes estaria sujeito e amaciando carnes desejadas, outras livre á luz do sol de Deus, que o aqueceria. Hoje conspurcado e repellente, ámanhã escaldado pela agua das barrelas. No final da exis-

tencia, quando se puisse numa desorganização final, passaria ao triste e caridoso estado de fios que se haviam de embeber em pús de feridas de enfermos nos hospitaes lugubres; ou então a trapo que morresse nos enxurros e no fundo das estrumeiras. D'aqui reappareceria no campo, como novo elemento de fecundação para dar origem e vida a novas plantas, viçosas e belas, como fôra o linho que tivera uma engraçada florinha azul, a qual similhava um pedaço de ceu mediterraneo. E a velha muito velha, a eterna Natureza, recomeçaria o seu labor de deitar á terra a semente, para com os seus dedos duros continuar ininterruptamente a preparar a teia infinita e interminavel da vida.

TOQUE D'ALVORADA

TOQUE D'ALVORADA

(Continuação do *Rei Absoluto*, vol. 3.º da COMEDIA DO CAMPO)

Ao Doutor Bernardino Machado

O almocreve, que fazia a recovagem do Porto *revolucionario* e da Braga *fiel* para o Alto Minho, deixava encommendas, que vinham d'essas terras famosas, em muitas aldeias do seu transito. N'esta quinta feira de julho estuante devia passar, pela tarde, na freguezia pastoreada pelo benigno padre Carvalhosa e o pequeno Emilio esperava-o anciosamente. Nem paciencia tivera para jantar em casa ao meio dia: atulhou os bolsos de brôa e de pêras e lá partiu, desobedecendo a sua bondosa mãe, pois ia esperar o tio Carocho, que lhe traria o seu *Thesouro,* primeiro livro de leitura, contendo estampas maravilhosas. O velho José Fortunato, archivo de toda a sabedoria elementar da terra, que ensinara innumeras gerações de rapazes e meninas de casas boas a ler sonoramente e a escrever com lettra reflectida e nitida, é que n'um quadrado de papel almaço puzera o titulo

e mais indicações de obra tão magnifica, recommendando verbalmente ao almocreve que a comprasse no Germano da rua do Souto, em Braga. Desde o inicio do grande acontecimento, que se ia dar na vida de Emilio, este não pensou n'outra coisa, pois já de muito invejava nas mãos de outros, mais adeantados e sabedores, a rica encyclopedia, que era o *Thesouro de meninos*. Sabia além de tudo, por informações do proprio José Fortunato, que o precioso livro estava consideravelmente accrescentado e melhorado na encadernação e estampas, onde se representavam agora muitos animaes a côres e meninos em attitudes sisudas com os olhos presos na leitura. Assim excitada a irrequieta e alada imaginação de Emilio, caracter vivissimo, que aos tres annos attentara contra a estatua do magestoso Christovão Colombo, que em sua mão esquerda sustentava o globo terraqueo, em barro, comprehende-se que mal lhe soffresse o animo esperar quieto até ouvir de dentro de casa a guizalhada da récua das cinco bestas do tio Carocho. Por isso, antes do meio dia e com a linda cabeça exposta aos raios d'um sol ardente, lá appareceu sentado no muro á borda da estrada, mastigando com gula as suas pêras e a sua brôa· Deus, que é infinitamente bom para as creanças, que tanto o respeitam e temem, amerceiou-se do sacrificio e enthusiasmo de Emilio pelo saber, e ás tres horas, talvez duas mais cedo do que era costume, ouviu-se em toda a aldeia o badalar grosso do chocalho da frente, que erá o que marcava o andamento ás alegres campainhas e guizos dos machos da rectaguarda.

Uma contente alleluia appareceu no rosto de Emilio! O almocreve, com a sua vistosa enfiada de cavalgaduras, tinha chegado ao alto da Portella, ponto onde o caminho serpenteando começa a descer!... O pequeno, logo que tal presentiu, saltou do muro, adquiriu azas nos pés para subir a ingreme ladeira, tal cabrito montez perseguido por mollossos e lá foi ao encontro do Carocho!...

Ao entestar com a figura atarracada, larga de hombros, a arreata em volta do papudo cachaço, do borrachão do almocreve, Emilio viu a illuminada imagem d'um seraphim!... Estacou offegante, a face rubra, os olhos gloriosos, os beiços tremulos, perguntando:

— Traz, tio Carocho?

— Trago o quê, fidalguinho?! — regougou.

— O meu Thesouro!...

— O qu'é isso do seu Thesouro?...

— O livro p'ra eu aprender.

— Se m'o encommendaram, hei de trazer, está sabido.

— Então dê-m'o.

— Fia mais fino. As encommendas entregam-se lá em baixo no adro. Olhe, vá adiante depressa dizer á mãesinha que mande uma boa infusa de vinho para o Carocho lavar a garganta da poeira do caminho, que a trago mesmo secca como um pau. Depois de bebermos, fallaremos, fidalguinho...

Emilio não quiz ouvir mais. Como a imposição viesse de mistura com a promessa de receber o seu Thesouro, achou-a delicada e leve. Galgou, como um bezerro doi-

do, pedras e lacadas do secular caminho, chegou a casa offegante de enthusiasmo e conseguiu de sua mãe que mandasse o Manuel com a desejada infusa de verdasco.

Já encontraram no largo terreiro, cerca da modesta egreja, á sombra das frondosas e antiquissimas carvalheiras, o tio Carocho rodeado dos seus freguezes e em começo da sumptuosa distribuição de encommendas. Entregava a uma noiva, um espelho; a uma lavradeira tafula dois tamanquinhos de verniz pespontados a retroz de variadas côres, comprados em Braga, n'uma loja detraz da Sé; ao creado do padre Pitança dava umas botas de canos, pesadas e resistentes, e ao d'um padre novo e janota uns sapatos de entrada abaixo, para as festas. Para D. Maria de Refuinho trazia um lindo escapulario, presente do sr. padre Martinho, amigo do sr. arcebispo, que o benzera com a sua mão papuda; para a morgada D. Michaella, pretendida do famoso Silveira, aquelle que punha ovos, um corpete de veludilho com brilhantes guarnições, obra d'esse Porto inegualavel! Era um nunca acabar! O velho mestre escola, José Fortunato, recebeu uma boa régua de pau santo e uma duzia de lapis oitavados; o pae da noiva do espelho, muitos cartuxos de confeitos e amendoas para a bôda da filha; o D. Francisquinho da Roliça, grande caçador de perdizes, um cinto de caça e uma espingarda á qual mandara pôr fecharia nova. Trazia tambem uns paramentos de egreja concertados por umas habilidosas senhoras da rua da Conega, os quaes o sacristão recebeu com modos de todo o respeito; e um relogio de parede para o medico Pestana, um dys-

peptico, que andava sempre atrazado nas horas da comida, com muita zanga da creada. Mais coisas entregou: um pote de ferro, duas navalhas de barba, dois grandes tachos para os bolinhos da consoada, maços d'agulhas, meadas de retrós para bordados, etc... etc... etc... Um cebento rol sahido do bolso interior da gordurosa véstia é que servia ao almocreve para a distribuição e para receber o preço da mercadoria e do transporte. A' maneira que ia entregando e cobrando riscava no papel o nome da encommenda e do seu destinatario, com uma ponta de lapis, que molhava em avinhada saliva, com toda a pachorra e cautella, como o caso requeria. Quando deu por findo o seu trabalho, cobriu com a manta a boceta de Pandora, onde vinha o destinado áquelle logar, boceta que era um grande canastrão, e disse, arrotando ao vinho, que sorvera copiosamente da infusa:

— Prompto! Nada mais!...

Todos se sentiram satisfeitos; só o pequeno Emilio rebentava de anciedade e amargura! Todos iam na direcção do seu destino, só elle ali ficara firme, com os pés pregados á terra ardente, as faces rubras como interior de forno, os olhos febris de inquieto desejo, sem possibilidade de articular o crescente desalento da sua alma! Passado tempo, depois que o tio Carocho cobrira o grande canastrão, como se tapasse com lapide, e para sempre, uma sepultura, a creança balbuciou timidamente, em voz precatoria:

— Então eu, tio Carocho?!...

— Que quer o menino?!

— O meu Thesouro.

— Então não lh'o dei já?

— Não senhor, tio Carocho.

— Querem vêr que me esqueceu o demonio do livro!...

Retomou a ennegrecida papeleta, soletrou-a demoradamente com o olhar pisco de borracho. Após longo e paciente exame, disse n'um tom galhofeiro e sarcastico:

— Diabos levem o demonio para as profundas! Vir, vem o raio do livro! Não querem vêr que o perdi pelo caminho?!...

O espirito de Emilio ficou aterrado! O torvo almocreve, pesado e incerto, descobriu differentes cargas, indo ao fundo revolver tudo para encontrar o Thesouro de Emilio, que o seguia com interesse de cada vez mais vivo. Confrangia-se-lhe o coração de desalento, quando ouvia o Carocho resmungar: «Não, isto é da estalajadeira... Isto p'r'ó ferrador... Não encontro, não vem, perdi-o...» Porém, continuava a revolver, a revolver com fé em que poderia satisfazer a attribulada creança. Na sua alma grosseira havia certamente sentimento de piedade pela magua que via estampada no rosto de Emilio, que a todo o momento esperava ouvir d'aquella bocca esqualida qualquer palavra de infinita consolação. E se aquelles lindos olhos de creança não estivessem já embaciados de lagrimas, poderiam apreciar, n'um dado momento, que o feio rosto do recoveiro se illuminara d'um sentimento de bondade contente, quando pronunciou:

— Cá 'stá! Maus raios! Bem me queria parecer! Ia-me causando refegos no coração. Antes queria ter perdido um macho do que isto! Tome lá. São quatorze vintens... tudo.

O creado Manuel pagou e Emilio partiu correndo, levando agarrado ao peito o seu Thesouro.

Ao entrar no quinteiro de casa, de longe gritou a sua mãe, que estava na varanda costurando:

— Mãesinha! Olhe! Cuidei que o não tinha trazido... Se não viesse... eu morria!...

Lisboa, Dezembro de 1905.

EXTRAVIADA

EXTRAVIADA

Ao chegar ao monte, ainda a manhã perlava de orvalho as hervas, a pastora deu pela falta de uma cabra. Era a mais arisca e saltadora: qual havia de ser? a *Chicha*, um demonico que sempre a trazia inquieta.

— Valha-me Nossa Senhora! como ha-de agora ser isto!...— exclamou a rapariga.

Com grande afflição e susto pensava no animal. Se a Virgem lh'a não guiasse para o rebanho, ella é que não voltaria para casa, pois sabia que seu amo a moeria de pancadas.

O dia seguia o seu curso ordinario. O sol, magestoso velho, subia lentamente para o zenith, imponente e sarcastico, com a physionomia de ouro a rir da má sorte da pastora. A cabra, rabina e má, não dava signal de si, não respondia ao chamamento, por mais que lhe berregassem de cima dos penedos: *Mé! mé! mé!* Quem sabe se estaria bem perto, talvez a ouvil-a que era uma consolação; porém, quisilenta como era, não respondia só para a arrenegar. Maus raios levas-

sem a cabra para as profundas do inferno! Mas se os taes *maus raios* a tivessem levado para as profundas do inferno, peor seria para a Tudes, que não podia voltar para casa sem ella! «*Mé! mé!* e *mé!*» — gritava a guardadora para cima e para baixo, por modo que já se encontrava extenuada de forças. N'um desanimo lugubre sentou-se no chão pedregoso; as pernitas magras e vermelhas do cieiro, mal cobertas pela grossa estamenha da saia esfarpada; a roca abandonada ao lado, com a tarefa de lã por começar; a cabeça de cabellos ruivos assente nos punhos cerrados a pensar, a pensar dolorosamente na sua enorme desgraça! A cóça que a esperava em casa, se ali apparecesse sem a *Chicha*, a cabra preferida do cabreiro, devia ser tremenda; seus gritos vagueariam espavoridos por entre as penedías e pelas mattas; os echos não lhe responderiam com ais de piedade!... Coisa horrivel de se pensar, só a lembrança causaria arrepios a um penhasco! Mas n'esse momento ouviu distinctamente:

— *Mé! mé! mé!...*

Levantou-se alvorotada, a face n'uma gloria! Vae em todas as direcções, pois não percebera d'onde viera o som, de tal modo estava absorvida na sua dor! Trepa aos pontos altos para responder com todo o vigor da sua alma selvatica, com todo o carinho do seu coração moço, ao balar da cabra e grita:

— *Mé! me! mé!*

Mas fica impassivel o silencio cavo da montanha! Aquelle grande espaço de ar sem nuvens (nem uma só nuvem maculava o ceu d'esse dia formosissimo!) cris-

talino, calmo, infinito, não é cortado de vôo lento de ave, nem por grito vibrante d'animal! Só a voz carinhosa de Tudes, carinhosa e meiga n'uma esperança de victoria, é que ia energica, mas desacompanhada pela immensidade fóra. Repetiu tres vezes o chamamento: primeiro com esperança, depois com amor, por fim com amargura, já abatida e desconsolada. E esse malissimo sol, terrivelmente brilhante, quasi no pino, cobria a pobresita com a sua juba de leão, ameaçando-a de continuar a marcha imperial, no radioso firmamento, sem commiseração por aquella dor humilde, nem por tantas lagrimas choradas com amargura!...

A pastora olhou-o desolada, supplicante, n'uma mudez de innocencia, o seu pequenino seio arfando a pedir misericordia! Com aspecto doloroso, do alto de um accumulado de penedos, proclamava com o seu silencio a sua enorme desventura! Era um extasis no desespero, alheiada do que fosse realidade, immersa no seu soffrer! Soaram as tres primeiras badaladas do meiodia, risonhas, compassadas, subindo como um perfume do fundo valle, onde estava o presbiterio! Intercalados n'esses sons divinos, ouviu distinctamente Tudes, outros que lhe alvorotaram o coração: *Mé! mé! mé!* Canto delicioso! o mais celestial que aos seus ouvidos podia chegar!

Aquelle balido da *Chicka* perturbara-lhe a mente. Já lhe vinha de todos os lados, no som do vento, no toque do sino, no mastigar das outras cabras. Nunca lhe tinha percebido tanta harmonia, encanto e doçura! Esta voz trémula e gemente chegava-lhe de longe como me-

lodia sonhada! .. Lançou-se como doida pelo monte fóra, para cima, para baixo, a imaginação alvorotada. Julgava ter ali perto a rebelde, a transfuga; julgava vêl-a deante de si, com os olhos piscos a rirem-se da pena que lhe causara. Havia de castigal-a com muitas punhadas da sua mão pequena, e depois beijal-a com os labios quentes da febre que a dominava.

Mas veiu-lhe do grande esforço o cansaço, do cansaço a desillusão, e de novo o abandono á sua tristeza! Em volta, por todo o largo ceu e amplo monte o silencio, a tranquillidade, a mudez augusta dos ermos, e nem signaes da cabra perdida! Dia rico de luz e de reverberações nas aguas; só no coração de Tudes uma penumbra percursora de trevas, das trevas da noite, sem a cabra apparecer!...

Mas ainda se lhe não apagara de todo a esperança. Os corações novos dão vasto campo aos enganos. Os contentes sons do meio dia: *dlon*, *dlon*, *dlon!* ficaram-lhe por muito tempo a resoar nos ouvidos n'uma toada de cantilena. Andavam alegrias pelo mundo. O sacristão, ao lançar para o espaço essas primeiras badaladas, como tres beijos de promessa, não calculara que alegria iam dar ao coração de Tudes, alternadas como foram com as vozes do animal extraviado! O tempo, porém, passava, a perda da cabra confirmava-se; o ceu já não era meigo, a terra era dura, a mudez lugubre da montanha desenganava a pastora!

Dobrada sobre si mesma, o pequenino e debil corpo contra um grande e forte penhasco, vivia agora dentro da sua enorme desgraça, chorando copiosas lagrimas,

que ensopavam o chão, esse chão arido sem piedade pela sua dòr. Tão alheia de tudo, por causa de uma só cabra abandonara o rebanho, que, sem guia, caminhava n'uma tranquillidade dolente, pascendo nas sombras recatadas, procedimento que era reprehensão ao da rebelde que fugira. Que se lhe dava a ella do resto do gado, se estava firme na idéa de não voltar a casa sem o levar todo?! A terem de a castigar com a morte, tanto a matariam por falta d'uma cabeça como da toda a rez! Então que valia curar das outras?!...

Já o poderoso sol se inclinava no horisonte, ameaçando deitar-se breve detrás das penedias, para ahi pernoitar, deixando ás estrellas ou á lua o encargo de vigiarem o mundo. Pelo habito da montanha, Tudes reconhecia a irrevogabilidade de taes factos: era sempre o mesmo sol, a mesma lua, as mesmas estrellas a alternarem-se na influencia sobre a terra! Porém, n'este momento causavam-lhe taes factos enorme desespero, e o seu odio contra os astros ameaçava romper-lhe do peito em soluços de vulcão, que rebentasse de dentro d'uma esphera de crystal! Com sentimento de tristeza e rancor via diminuir gradualmente a luz do dia, e esfriar a tarde na approximação da noite! E a maldita *Chicha* sem apparecer!... Inerte, cahida sobre o chão aspero, as pupillas sombrias a espalharem no espaço a sua enorme desventura, Tudes, ergueu-se do seu abatimento com um salto de fera: formidavel, colerica, a miudinha face terrivel, o flexivel corpo n'uma rigeza de vime, o delgadinho braço erguido como uma clava, o minusculo punho duro e espesso como

granada... affrontou o sol, que impavido seguia o seu caminho de rei, arrastando o comprido manto de luz:

— Não andes! Maroto! ladrão!

Impunha a sua fraca vontade com omnipotencia! Queria um dia infinito para dar tempo a que a cabra voltasse a juntar-se ás companheiras! Apavorava-a a triste chegada da noite, por que isso lhe lembrava o dever, a sua falta de vigilancia e a tremenda colera do seu descaroavel amo!... Tudes era uma pobre engeitadinha abandonada n'um urzal, á beira d'um caminho, por umas mulheres que passaram. Ali a encontrara o rude montanhez que ora a tinha em casa. Livrou-a de ser comida pelo lobo; mas não a livrou, ou antes, conquistou-a para n'ella cevar ferocidades de bruto, sempre impiedoso, a proposito de tudo, do bem e do mal feito. Dilectos dias eram esses em que ia para o monte a vigiar a rez, e contemplava o amigo sol que lhe enchia o cerebro de alegria, e lhe dava calor aos musculos para andar no meio de geadas á procura de pastos. Porém esse mesmo sol hoje era o seu tyranno: podia ficar-se quieto, prolongar o dia... e caminhava vertiginosamente, como cavallo sem freio!...

— Pára! pára! não andes!...— supplicou.

Suspendeu-se-lhe o coração, os olhos saltavam-lhe, os labios tremiam-lhe de alegria. Agora ouvira positivamente um «*mé! mé! mé!*» claro e impressionante, que lhe ficara a retenir nos ouvidos. Divino cantico, reunião de todas as harmonias vagas do mundo, de todos os sons mysteriosos do ermo: hymno angelical erguendo-se n'um templo cheio de luzes!

Estava certa que tinha vindo do lado da Ermida, agora repetido e mais nitido, mais vibrante nas azas leves de uma brisa favoravel. Correu como uma louca, os cabellos ruivos esparsos e incendiados pelos raios do sol poente! Alma contente: era uma gazella, as delgadinhas pernas de penedo em penedo, os olhos em desvairamento de inspirada. E reclamava: «*Mé! mé! mé!*» n'uma commoção que não tinha a aspereza selvatica da voz da cabra, filha dos penhascos, saudando os pincaros! Era cheia de plangencias, ternuras e soluços; não tinha o caracteristico tremulo e agreste, como espinhos de tojo e arestas de granito!

Ao chegar á Ermida nada viu! Seria tudo obra da sua imaginação perturbada pela dor?! Andaria por entre as brenhas, qualquer sarcastico demonio a ludibrial-a?! Quem sabe! algum castigo de Deus por causa de peccado esquecido na ultima confissão! Na mente calida fixou-se-lhe a medonha hypothese! Ao susto da morte accrescentava-se agora o temor das penas do inferno! Já não era só a crueldade de seu amo, viria tambem o castigo eterno com requintes e invenções proprias do demonio! Exaltou-se-lhe a phantasia, tinha brasas no craneo, o imo da terra abria-se em linguas vermelhas de fogo rebentando para a tragar. Aquelle pequenino e debil corpo, innocente como uma urze, ficaria sujeito a uma eternidade de soffrimentos! E os diabos constantemente a renovarem as mortificações!... Pavoroso e horrendo quadro!... O seu grande temor, agora, era morrer sem se ter confessado! Exhorava a Virgem para que lhe alcançasse tempo de se purifi-

car! Só limpa e branca como a neve dos montes, queria apparecer deante do Altissimo!

Cheia de fé e em angustia suprema atirou-se de joelhos contra a porta da capella, bradando:

— Minha rica Senhora da Consolação! minha rica mãe! não me deixeis morrer em peccado mortal! Trazei-me a minha cabra, para a juntar ás outras e ir-me embora. O tio Zé, se lh'as não levo todas, mata-me hoje e eu vou para o inferno.

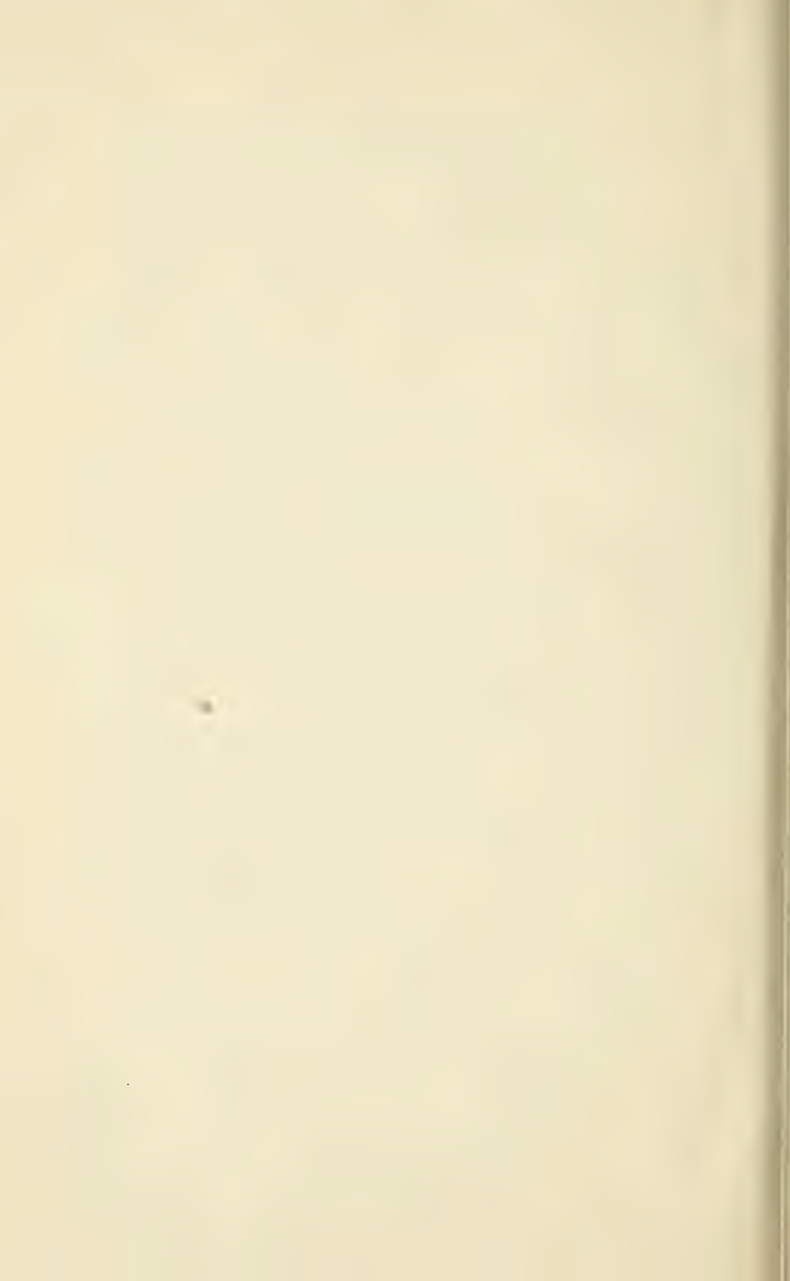
Teve efficacia a vehemente supplica! Ouviu sonora, real, bem distincta e tremula a voz da *Chicha: «Mé! mé! mé!»* vinda de dentro da Ermida.

Empurrou a tôsca porta agora aberta, por incuria do sachristão, que a fechára em falso. Patenteou-se o interior simples, desadornado, só com a Virgem no altar. A devota imagem sorria á pastora n'um carinho maternal, offerecendo-lhe o seu seio com os braços abertos para a receber! Aos pés de Nossa Senhora, mesmo em cima do altar, a cabra deitada como em fôfa cama de feno, olhava Tudes, com os seus olhinhos piscos e sarcasticos. Ao vêl-a alvoroçada, com uma commoção turbulenta na face, o animal repetiu-lhe n'um tom brando e conciliador: *«Mé! mé! mé!»*

A rapariguita, n'uma corrida de vôo, foi abraçal-a, tirando-a do altar.

Figueira da Foz, 20 de setembro de 1902.

FIM

INDICE

INDICE

ERRATAS

Quaesquer erratas que, por lapso de revisão, escapassem, as confiamos á intelligencia do leitor.